



  
Coleção  
Documentos

**98**

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSOFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



# ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



# ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)  
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS



- 98 -



UIDB/00077/2020



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



Lisboa / Rio Grande  
2025

## Ficha Técnica

Título: Antecedentes da Revolução de 1930 na arte caricatural de duas revistas ilustradas cariocas

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 98

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 8 ago. 1930.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN – 978-65-89557-93-7

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

# APRESENTAÇÃO

A década de 1920 foi marcada por uma profunda crise no contexto brasileiro, a qual viria a acarretar com a derrocada definitiva do modelo oligárquico vigente no Brasil que dominara o país mais de três decênios. Com condicionantes políticos, ideológicos, econômicos e culturais, a crise dos anos vinte foi criando fissuras nas estruturas reinantes, comprometendo-as de maneira inexorável, até culminar com a sua plena fragmentação ao final de 1930. À agitação política somou-se a conturbação de uma série de rebeliões militares que colocavam em xeque o status quo, bem como uma crise econômica em escala mundial que passou a despertar ferrenho questionamento quanto aos moldes organizacionais da economia internacional. A tradicional transição entre paulistas e mineiros no comando governamental da nação, que foi por vezes sacudida por dissensões em meio às oligarquias, teve a sua mais dura prova entre 1929 e 1930, quando as eleições presidenciais surgiram como pano de fundo para a formação da maior das dissidências da República Velha. Surgia então a Aliança Liberal, levando em frente a candidatura de Getúlio Vargas, e reunindo a oligarquia central mineira com outras periféricas, notadamente a gaúcha e a paraibana, para fazer oposição à chapa indicada pelo Presidente Washington Luís, tendo a frente o paulista Júlio Prestes, que passava a representar o continuísmo situacionista. A máquina eleitoral vigorante garantiu a vitória do candidato governista, em um quadro pelo qual a oposição fez sérias acusações quanto a fraudes eleitorais, de modo que, em um caminho de idas e vindas, indecisões e incertezas, boa parte dos aliados partiram da insatisfação para a fermentação rebelde, passando a ser organizado o

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

movimento que culminaria com o encerramento da República Oligárquica, o qual ficaria conhecido pelo nome de Revolução de 1930.

A imprensa periódica seria um veículo fundamental para divulgar os acontecimentos e difundir os embates político-ideológicos que se travariam entre os governistas e os oposicionistas, servindo as páginas dos periódicos para manifestar o ambiente de instabilidade que tomava conta do país. No início dos anos 1930 o jornalismo no Brasil vivia um momento de transição, com a progressiva consolidação da imprensa empresarial, além de uma forte tendência de concentração das atividades em torno dos grandes empreendimentos jornalísticos e em meio às cidades de maior porte. Foi uma época de diversificação dos periódicos, com a edição de variados gêneros, dentre os quais tiveram destaque as revistas ilustradas, que buscavam promover uma revisão dos acontecimentos – normalmente na modalidade semanal –, por meio de periódicos de apurada qualidade editorial que, em geral, tiveram na imagem um de seus elementos constitutivos fundamentais, sendo os magazines do Rio de Janeiro aqueles que maior sucesso atingiram, servindo de modelo para as demais publicações do gênero que se espalharam pelo país<sup>1</sup>. No

---

<sup>1</sup> Sobre tal gênero jornalístico, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana

seio das revistas ilustradas foram vários os modelos editados no Brasil e, dentre eles, um conquistou um lugar especial em meio ao público leitor, tratando-se dos hebdomadários satírico-humorísticos, que, por meio da arte caricatural e do espírito crítico atingiram significativa popularidade. Este livro apresenta o estudo dos antecedentes da Revolução de 1930 expressos por meio da caricatura publicada em dois semanários ilustrado-humorísticos cariocas, *O Malho* e *O que há...*

---

Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

## ÍNDICE

*O Malho* / 13

*O que há...* / 179



*O MALHO*

Uma das mais notórias revistas ilustradas de cunho satírico-humorístico brasileiras foi *O Malho*, um semanário publicado no Rio de Janeiro de 1902 a 1954 e cuja circulação não se circunscreveu apenas a tal cidade, vindo a ser distribuído em diversas partes do Brasil. Praticando um jornalismo crítico-opinativo e por vezes até mesmo combativo, o periódico contribuiu decisivamente para levar ao público detalhes dos fenômenos estruturais e circunstâncias da vida política brasileira<sup>2</sup>. Seu título tinha por inspiração o instrumento utilizado pelos ferreiros e também a conotação popular que adquiriu o termo “malhar”, que ia além de bater com malho, trazendo consigo também as ações de censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem de acordo com a proposta editorial do hebdomadário, cujo fulcro de suas edições esteve vinculado a constituir uma revista de feição notadamente popular<sup>3</sup>. Seu conteúdo textual contou com vários representantes da intelectualidade brasileira bem como suas caricaturas foram promovidas por alguns dos próceres da arte caricatural brasileira. Sua ampla aceitação adveio também por tratar-se de um momento em que a representação cômica da vida nacional ganhava amplitude, adquiria maior força e se aprofundava junto aos progressos da própria imprensa como um todo<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

<sup>3</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

<sup>4</sup> SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

Ao apresentar-se, *O Malho* explicava que, conforme “o seu nome bem o indica”, se propunha a utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, vindo a destacar, com ironia, que manteria a “tranquila consciência”, visando a concorrer “eficazmente para o melhoramento” da “raça humana”. Pretendia ainda contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso” e, mais uma vez em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalhar” de “sons alegres” nas bigornas<sup>5</sup>. Passadas quase três décadas de sua criação, à época dos antecedentes da Revolução de 1930, o semanário considerava a si mesmo como uma espécie de “pão espiritual das massas populares”, e, na condição de “órgão de publicidade”, equivaleria a “um pulmão por onde respira toda a nação”, ainda mais que, ao longo de sua existência, não teia se “desviado do rumo” traçado a partir dos “legítimos interesses nacionais”<sup>6</sup>. Levando em conta seus projetos, *O Malho* envolveu-se em várias das campanhas políticas, notadamente aquelas que envolveram dissidências oligárquicas por ocasião de disputas eleitorais presidenciais, como foi o caso da Aliança Liberal, frente a qual o periódico adotou uma postura de aberto antagonismo, criticando profundamente a frente oposicionista desde o seu surgimento, em 1929, e manteve tal postura no ano seguinte, mesmo após as eleições, quando permaneceu em sua conduta. A vitória da Revolução de 1930 viria a trazer profundas consequências para a

---

<sup>5</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

<sup>6</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

revista humorística, com perseguições e interrupção de suas edições<sup>7</sup>. O presente estudo aborda as suas reações frente aos aliancistas de maio a julho de 1930<sup>8</sup>.

A perspectiva negativa a respeito dos membros da Aliança Liberal foi a tônica das representações caricaturais de *O Malho*, como foi o caso do retorno do político mineiro José Bonifácio de Andrada ao parlamento, encontrando uma figura feminina que simbolizava a Câmara dos Deputados, a qual não estaria “reconhecendo” o personagem, em alusão ao reconhecimento do resultado das urnas, realizado comumente pela própria Câmara, mas que, no caso, de 1930, teve significativa resistência de parte dos aliancistas. Adversários da Aliança Liberal, o parlamentar Manuel Pedro Villaboim e o político mineiro Manuel Tomás de Carvalho Brito encontravam-se, com o primeiro propondo uma conversa, ao que o outro pedia que esperasse, pois estaria levando para “enforcar” um “patusco”, tratando-se do líder aliancista mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada – um dos mais criticados pela revista – que, além de estar amarrado pelo pescoço, carregava o sino do ostracismo, termo recorrentemente utilizado pelo periódico para designar o esquecimento político ao qual os aliancistas estariam condenados após a derrota eleitoral<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> LIMA, 1963. v. 1, p. 144-149.

<sup>8</sup> O olhar de *O Malho* sobre os aliancistas em 1929 e nos primeiros meses de 1930 foi abordado nos números 95 e 96 desta Coleção.

<sup>9</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 3 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





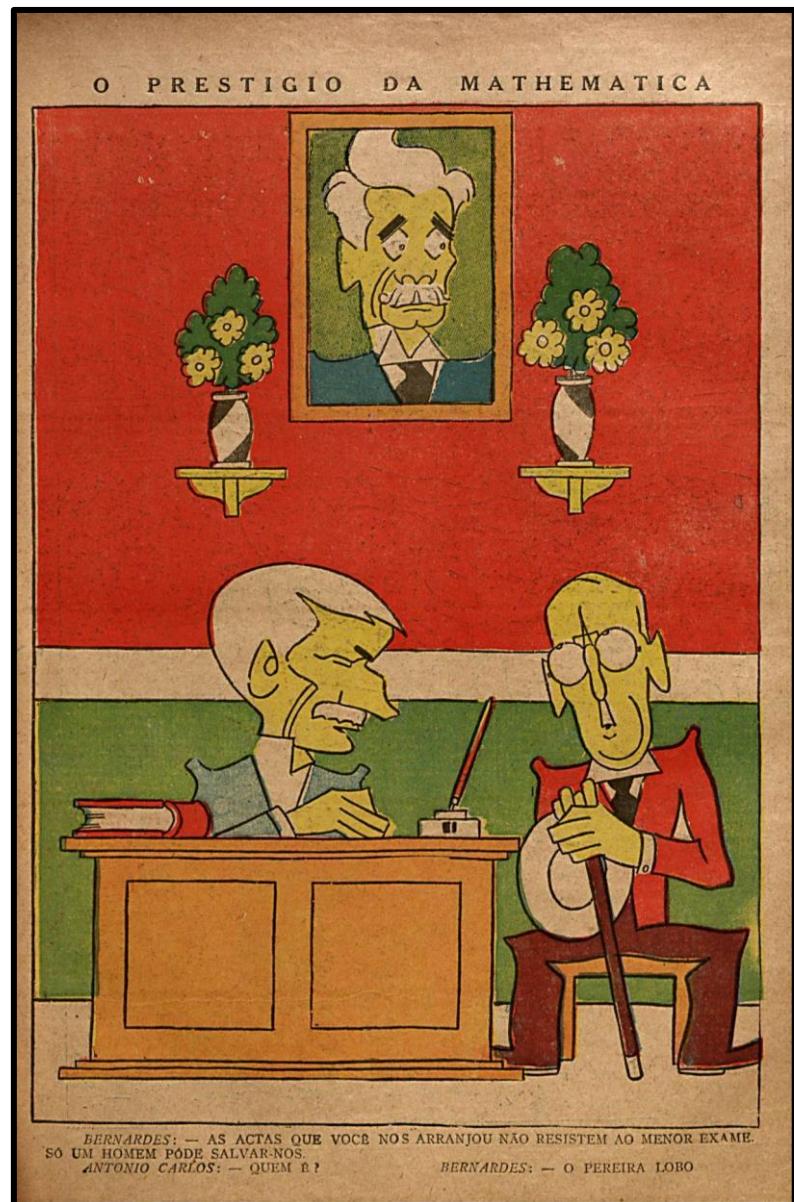
O candidato à vice da Aliança Liberal era apontado pela folha ilustrada como um “maluco” por estar enfrentando apenas com os punhos uma série de baionetas, que representavam unidades da federação e forças que se opunham à sua atuação, estando a dar “murros em ponta de faca”, ou seja, empregando repetidamente grande esforço em uma causa vã. Outra caricatura trazia uma conversa entre Antônio Carlos e o ex-Presidente Artur Bernardes, que também apoiara a Aliança Liberal, que tratavam das atas eleitorais e sua legitimidade, chegando à conclusão de que só um indivíduo poderia salvá-los na conferência de tal material, referindo-se ao poder militar, por meio da figura do general José Joaquim Pereira Lobo. Enquanto os políticos gaúchos dirigiam-se ao Congresso Nacional, ridiculamente estando todos montando o mesmo cavalo, encontravam Antônio Carlos no meio do caminho, fazendo o papel de um pedinte e vindo a receber apenas um níquel, em alusão a uma suposta falta de solidariedade em meio aos aliados. Travestidos em indianos, os mineiros Ribeiro de Andrada e José Bonifácio, não vendo mais alternativas frente à derrota eleitoral, estariam a seguir o exemplo de Mahatma Gandhi, optando pelo “regime da resistência passiva”, como forma de sobrevivência política. Representando a imprensa oposicionista como uma mulher vestida em farrapos, o semanário apontava para o que considerava uma contradição de tal jornalismo ao tratar do reconhecimento dos diplomas dos parlamentares. A Aliança Liberal era representada também como um defunto que saía de seu túmulo para observar Antônio Carlos dilapidar ainda mais o tesouro mineiro<sup>10</sup>.

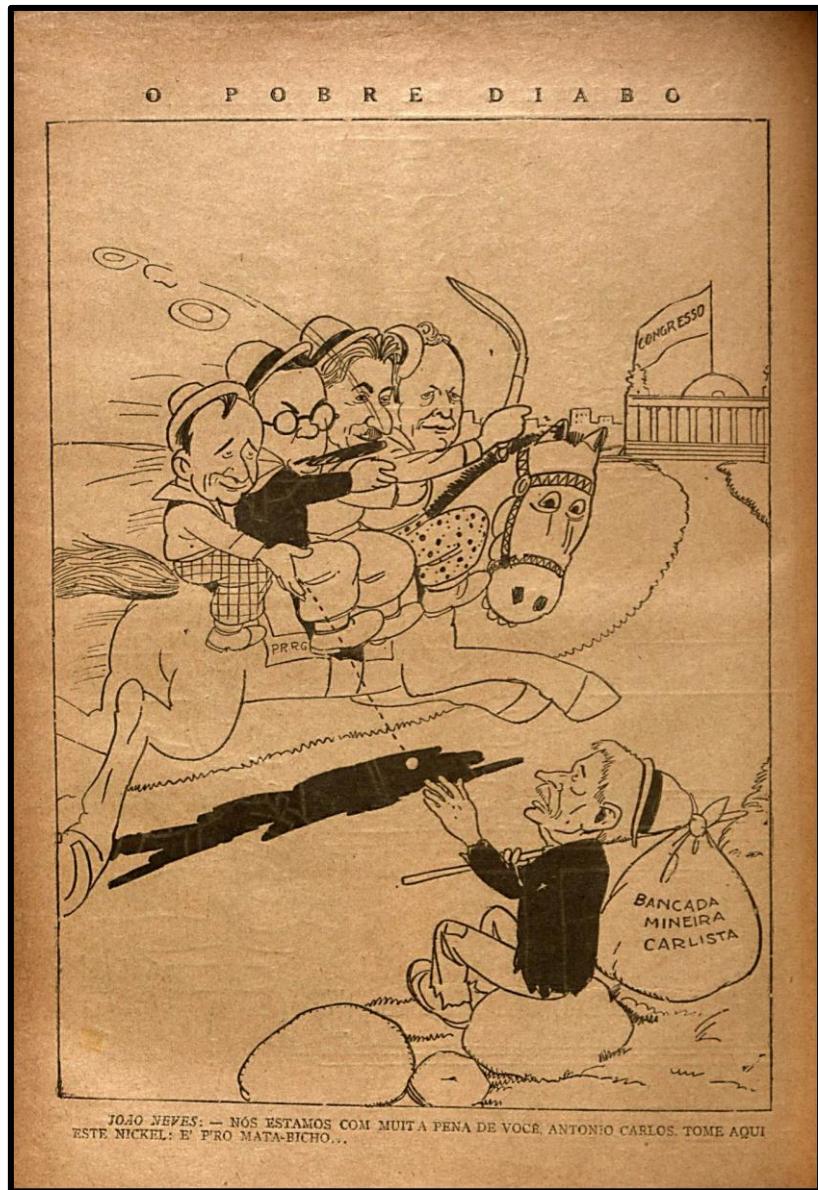
---

<sup>10</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 3 maio 1930.



ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



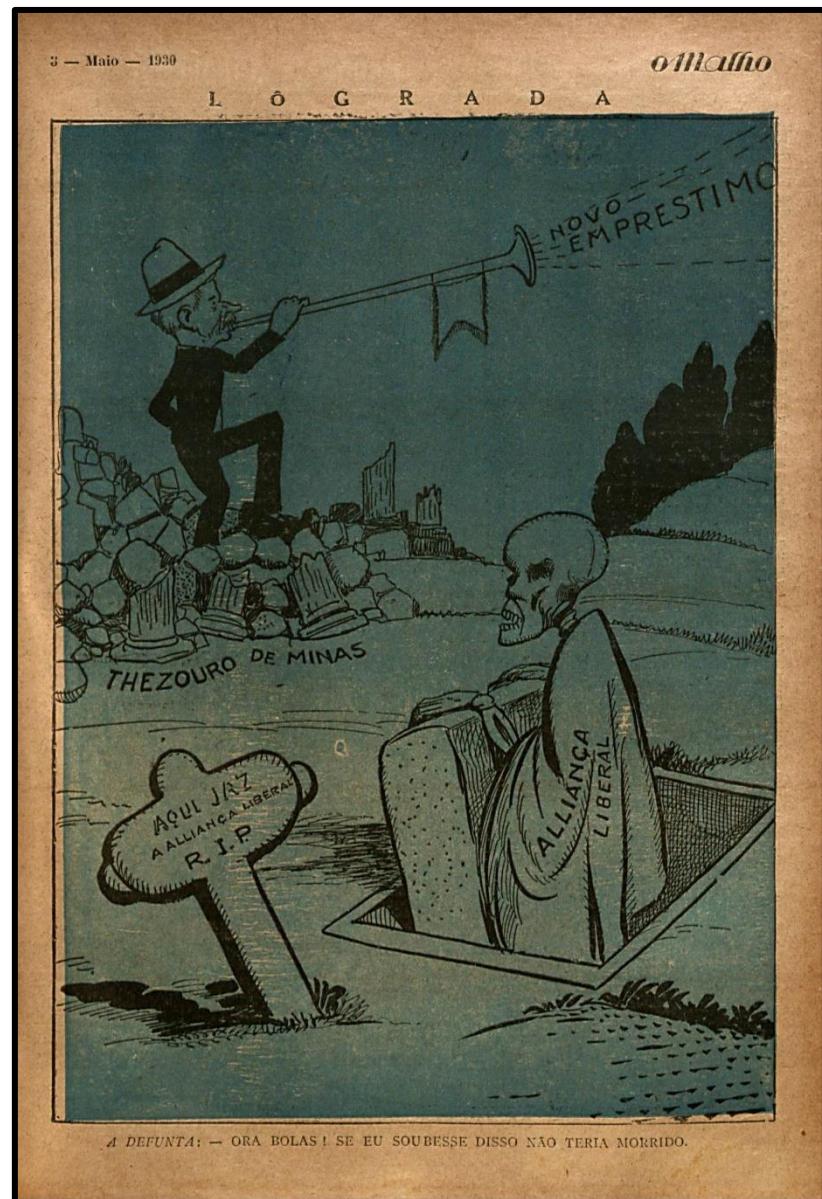


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



Ainda a respeito da utilização do dinheiro público mineiro para financiar os aliancistas, o periódico trazia o político mineiro Francisco de Campos pilotando um avião e garantindo apoio financeiro a aliancistas isolados na Ilha dos Desenganos. Já na Paraíba, João Pessoa encontrava-se acamado e se dizendo muito doente, temendo por sua vida, tendo em vista a possibilidade de um mal que lhe afligia, correspondendo a uma intervenção federal em seu Estado. O parlamentar gaúcho João Neves da Fontoura, um dos mais veementes nos discursos oposicionistas era transformado em um papagaio que se calara, acometido de uma “moléstia” que atingira “certos papagaios dos pampas”, em relação a alguns dos aliancistas sul-rio-grandenses<sup>11</sup>. Brincando com a questão da moda, o semanário fazia troça com Ribeiro de Andrada vestido de mulher, diante da presença de um vendedor de sutiãs, o qual dizia que não valeria à pena oferecer seu produto ao mineiro, uma vez que se tratava de um “despeitado”. A ação dos aliancistas era considerada pela publicação ilustrada como inócua, como ao mostrar o rio-grandense Neves da Fontoura ingressando no parlamento e prometendo que faria uma declaração de “protesto”, a qual seria encaminhada por telegrama. O magazine considerava a Aliança como “em debandada” e trazia o diálogo entre os mineiros Antônio Carlos e Francisco de Campos, com indumentária militar e presentes em um acampamento, tratando da continuidade do Rio Grande do Sul na frente oposicionista, havendo ambiguidade quanto à tal participação<sup>12</sup>.

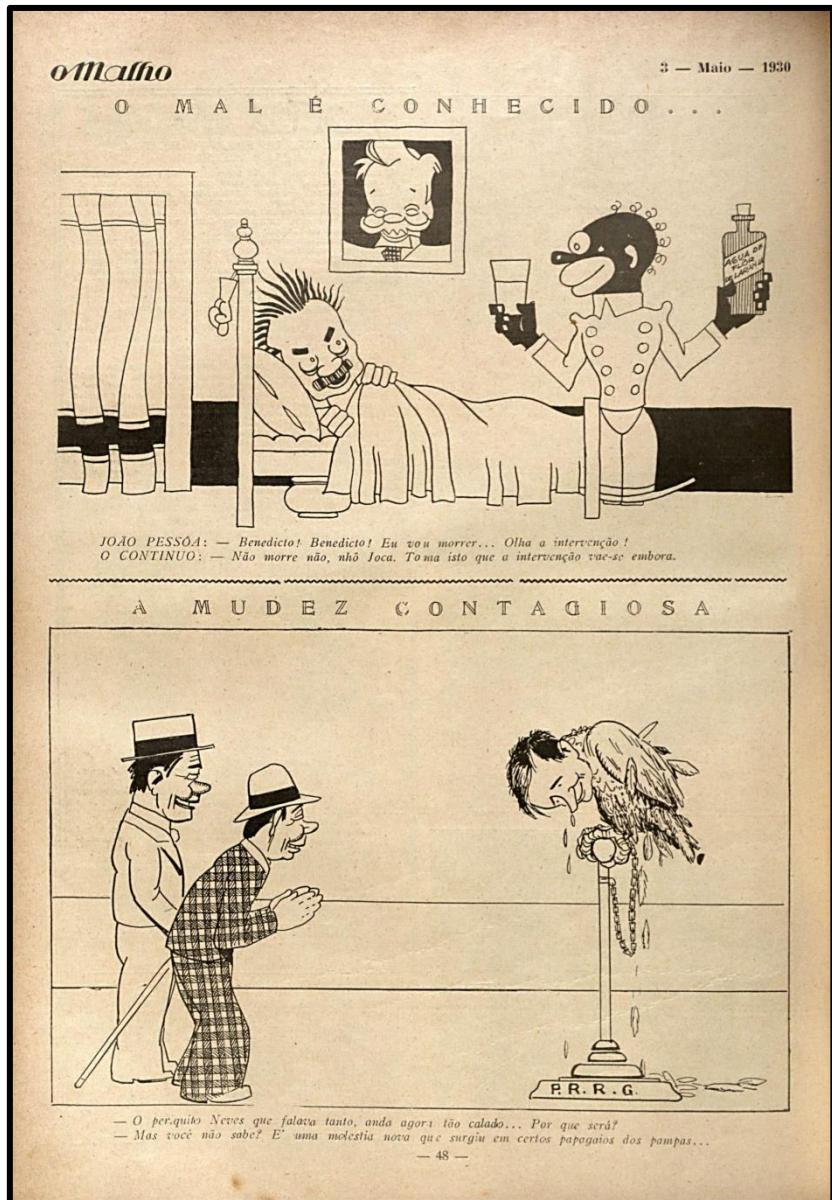
---

<sup>11</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 3 maio 1930.

<sup>12</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 10 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

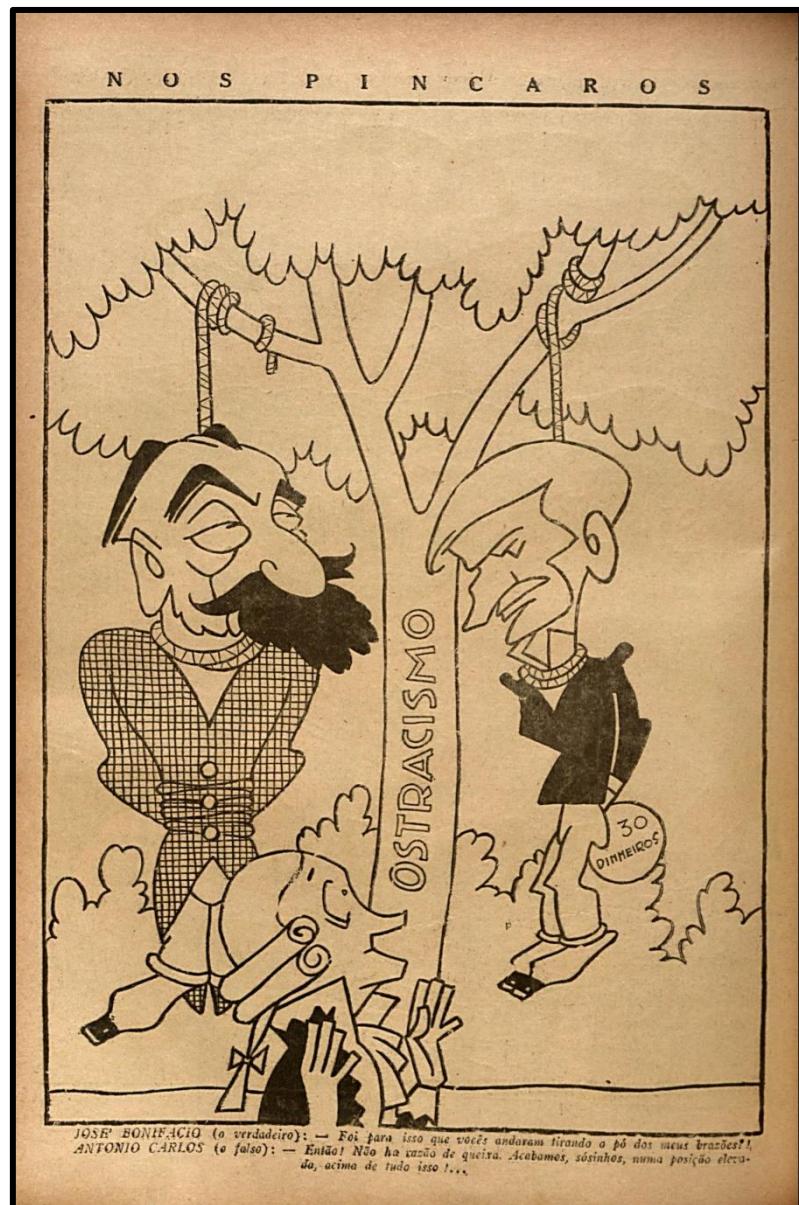


Enforcados na árvore do ostracismo, José Bonifácio de Andrada e Antônio Carlos, este identificado com a traição, pois, tal qual Judas, carregava “30 dinheiros” no bolso, eram observados pelo antepassado que recebera o título de Patriarca da Independência, que reclamava que eles estariam desonrando o nome da família. Enquanto uma mulher que representava a Aliança Liberal escondia sua nudez atrás de um biombo, o aliancista Batista Luzardo oferecia-lhe um manifesto que serviria como tanga para aplacar a agonia da figura feminina. O governante paraibano João Pessoa aparecia como um caçador, cujas atitudes teriam sido marcadas pela falta de compostura e, na falta de cães, praticava sua atividade com uma série de gatos, identificados com correspondências que enviara destratando várias autoridades públicas, ao passo que, ao fundo, era introduzida a localidade de Princesa Isabel, onde rebentara uma revolta contra o líder aliancista. Enquanto o Presidente eleito Júlio Prestes negociava um acordo financeiro com John Bull – representação do império britânico –, sob os olhares do Tio Sam – símbolo do imperialismo estadunidense –, uma “oposição sistemática” assumia a forma de cães que latiam desesperadamente, refletindo sentimentos como “derrotismo”, “despeito” e “inveja” dos avanços que estariam sendo obtidos pelo vencedor do processo eleitoral. Diante de um possível apoio financeiro do governo federal ao Rio Grande do Sul de Vargas, a dama que representava Minas Gerais reclamava da postura de Ribeiro de Andrada, que teria impedido tal tipo de ajuda. A falta de unidade entre os aliancistas era também demonstrado por uma carga de bananas que, no papel de munições, mineiros e gaúchos haviam enviado para a Paraíba<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 10 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



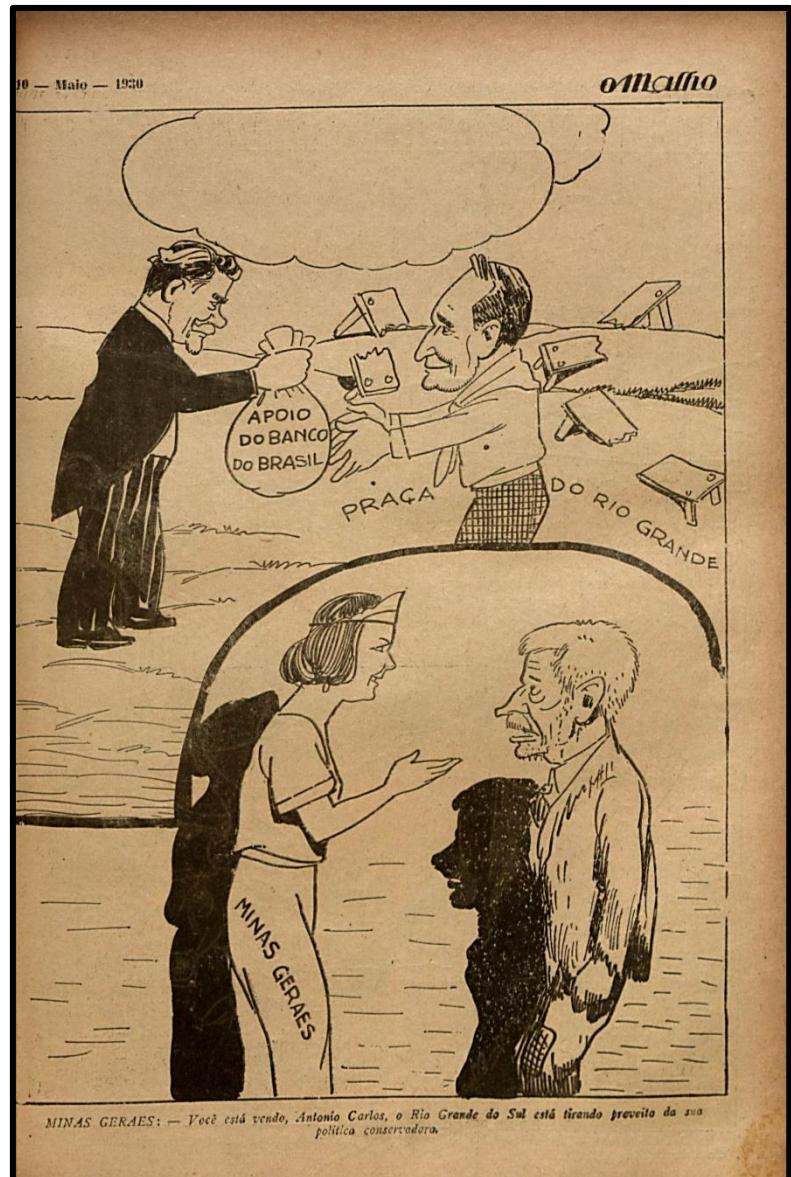


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





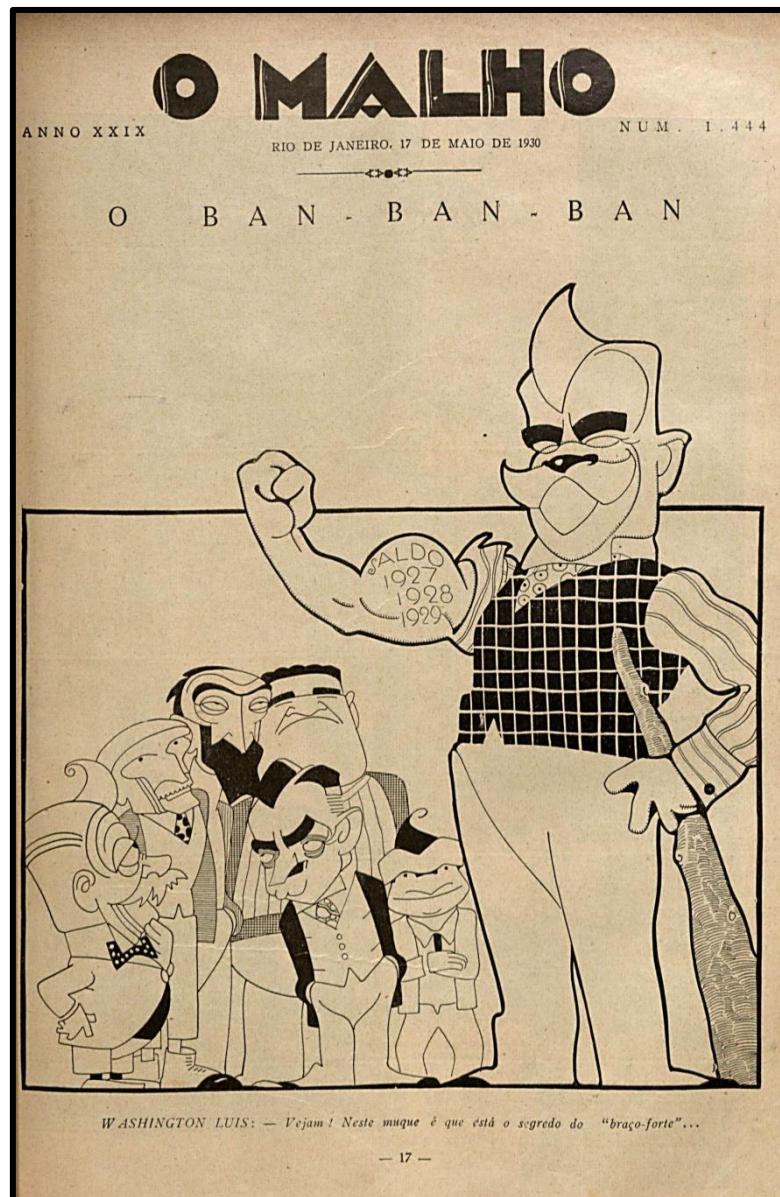
Ao passo que os mineiros Antônio Carlos e José Bonifácio observavam a cena atrás de um muro, do qual a própria Aliança Liberal caíra, só aparecendo os seus pés, o Presidente Washington Luís mostrava que ainda dispunha de significativo poder, representado pelo porrete que levava nas mãos, identificado com os “saldos orçamentários”, ou seja, as verbas públicas a partir das quais poderia costurar diversos acordos políticos. O tema era retomado em seguida, com o Presidente da República exibindo avantajado “muque”, concernente ao “saldo” federal dos últimos anos, que, além do porrete que deixava próximo, seria o “segredo” de seu “braço forte” para governar. O adversário de Antônio Carlos em Minas Gerais, Manuel Tomás de Carvalho Brito, pertencente à Concentração Conservadora, era apresentado como um toureiro, que facilmente dominava o Partido Republicano Mineiro, sob o domínio do governador. O gaúcho Borges de Medeiros foi apresentado como um faquir que recebia apunhaladas na forma de “ataques”, mas se mantinha firme controlando apenas com o olhar alguns dos aliancistas rio-grandenses, que surgiam como “feras” felinas espavoridas. Carregando um disco identificado com a expressão a ele atribuída, sobre “fazer a revolução antes que o povo a faça”, Ribeiro de Andrada pretendia tocar a sua “música”, mas era impedido pelo funcionário, segundo o qual os sucessos do momento eram aqueles atribuídos aos governistas, ao passo que a “chapa” aliancista estaria “fora de moda”. A mensagem presidencial era apresentada como um veículo pesado dirigido por Washington Luís, que passava por cima de uma mulher identificada com a Aliança Liberal, sendo avisado pelo Jeca de que havia a necessidade de dar marcha-a-ré, ao que reagia dizendo que seria impossível, pois seu destino seria o de andara “para frente”<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 maio 1930.



## ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



A folha humorística brincava com Antônio Carlos, apontando que seria erguido um monumento em sua homenagem, o qual seria composto apenas por um cavalo, havendo a falta do “obelisco”, ao qual os aliancistas gaúchos haviam prometido amarrar seus cavalos em caso de vitória, e, como viera a derrota, o próprio político mineiro teria sido atado ao obelisco. Diante da notícia de que Luís Carlos Prestes, que não aceitara a Aliança Liberal, aderira ao “bolchevismo”, Antônio Carlos, Batista Luzardo e João Pessoa chegaram a conjecturar que se ele não aderira à causa aliancista, eles poderiam aderir “à causa dele”. Os dois primeiros personagens da caricatura anterior voltavam a aparecer em outro desenho, no qual buscavam encher o seu próprio Zeppelin – em alusão ao dirigível que visitara o Brasil naquela época, com o qual poderiam invadir o Palácio do Catete, ou, em outras palavras, chegar ao poder, embora a perspectiva para a conclusão de tal ato fosse extremamente morosa, vindo a concluir-se apenas seis décadas depois, em referência ao que o periódico considerava como incapacidade dos oposicionistas. Sob os olhares de Washington Luís e Antônio Carlos, o Jeca baixava a lápide identificada com o saldo orçamentário do governo federal, o qual trouxera a morte da oposição<sup>15</sup>. O encontro de Ribeiro de Andrade com Borges de Medeiros, como dois nômades muçulmanos, foi representado no sentido de demarcar um propalado retorno deste à Aliança Liberal. O partido de Antônio Carlos foi visto como um indivíduo sem pés, nem cabeça, que usava muletas e cadeira de roda, em referência a uma possível desorganização da agremiação partidária<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 17 maio 1930.

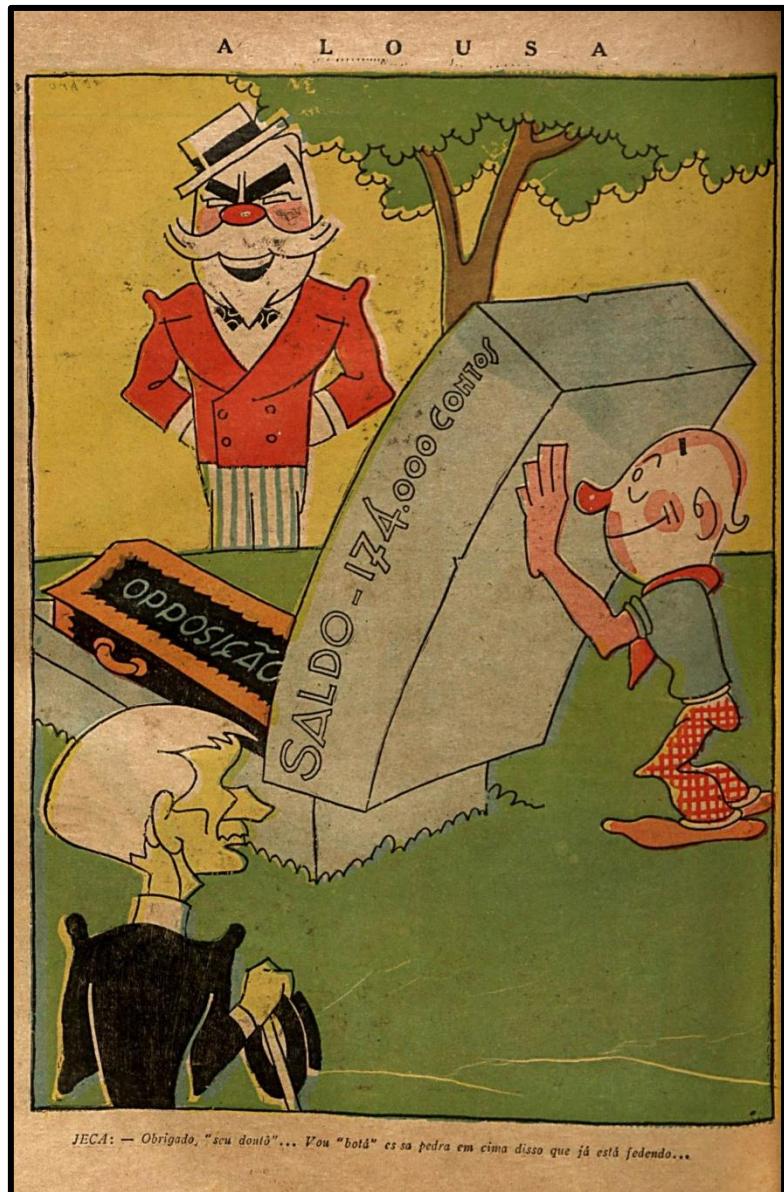
<sup>16</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 24 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





## ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS

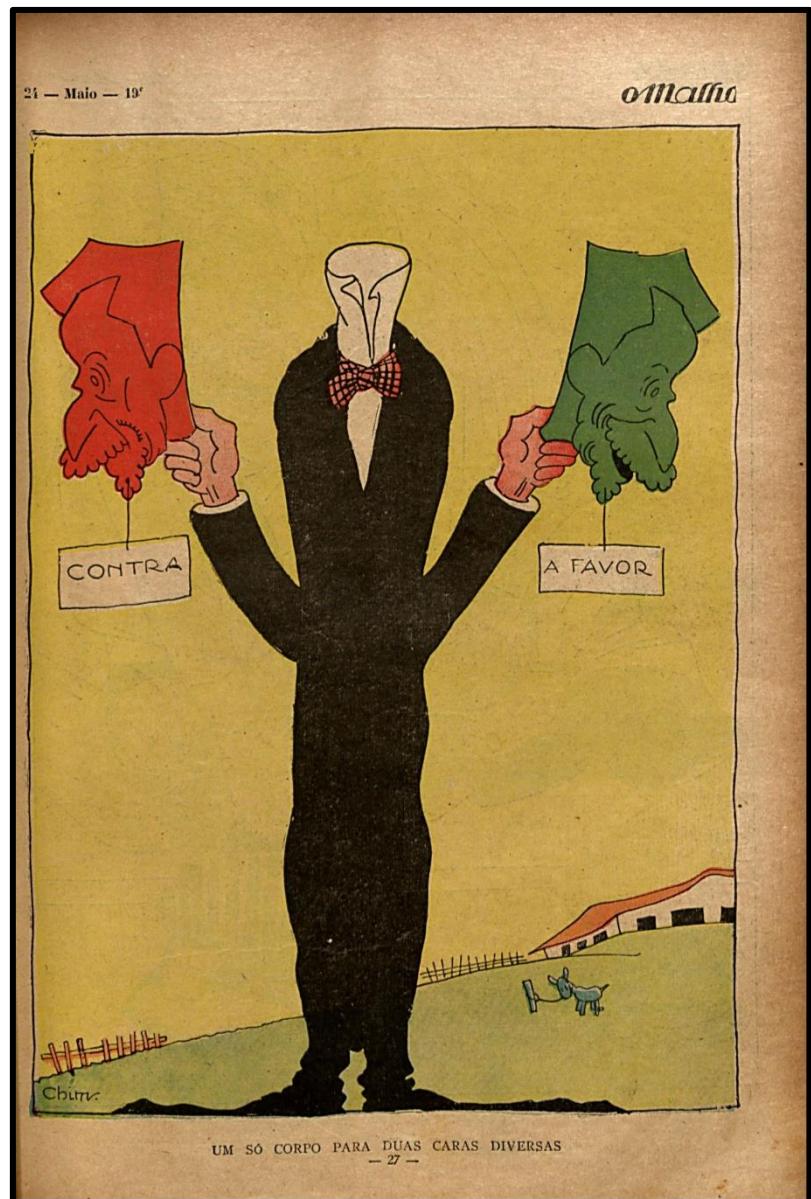


O periódico acusava Borges de Medeiros quanto a uma suposta ambiguidade em seus posicionamentos políticos, ao mostrá-lo com um indivíduo de duas caras, ou seja, estaria sendo falso, hipócrita ou desonesto. Seguindo o mesmo raciocínio, a folha mostrava Medeiros colocando uma ferradura em um cavalo, com o apoio de Getúlio Vargas, trazendo o axioma popular segundo o qual, o líder gaúcho estaria martelando “uma no cravo e outra na ferradura”, em outras palavras, estaria a manter o caráter ambíguo entre apoiar o governo ou a oposição. A Aliança Liberal era apresentada como destruída, sendo vista como um amontoado de cinzas que cobriam Antônio Carlos, enquanto dois aliancistas gaúchos, Lindolfo Collor e João Neves da Fontoura, discordavam quanto ao meio utilizada para revivificar a frente oposicionista. Mantendo o apoio a Washington Luís, o semanário representava o Presidente como um hipnólogo que utilizava sua “força” para dominar “as feras” que afligiam o país, que representavam a dívida flutuante, a crise política, a crise comercial, a febre amarela, a crise financeira, o déficit, a crise do café, o derrotismo, a oscilação cambial, a ameaça de revolução e o comunismo. As propaladas indecisões de Borges de Medeiros voltavam à baila, com o líder político gaúcho sendo apresentado como um “oráculo” que compunha os festivais, o qual estaria desregulado, tratamento retomado mostrando Medeiros como um ser alado. As desinteligências em meio à oligarquia mineira foram representadas como uma luta de boxeadores, com uma vitória do Partido Republicano Mineiro, apesar das supostas falhas de Antônio Carlos<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 24 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



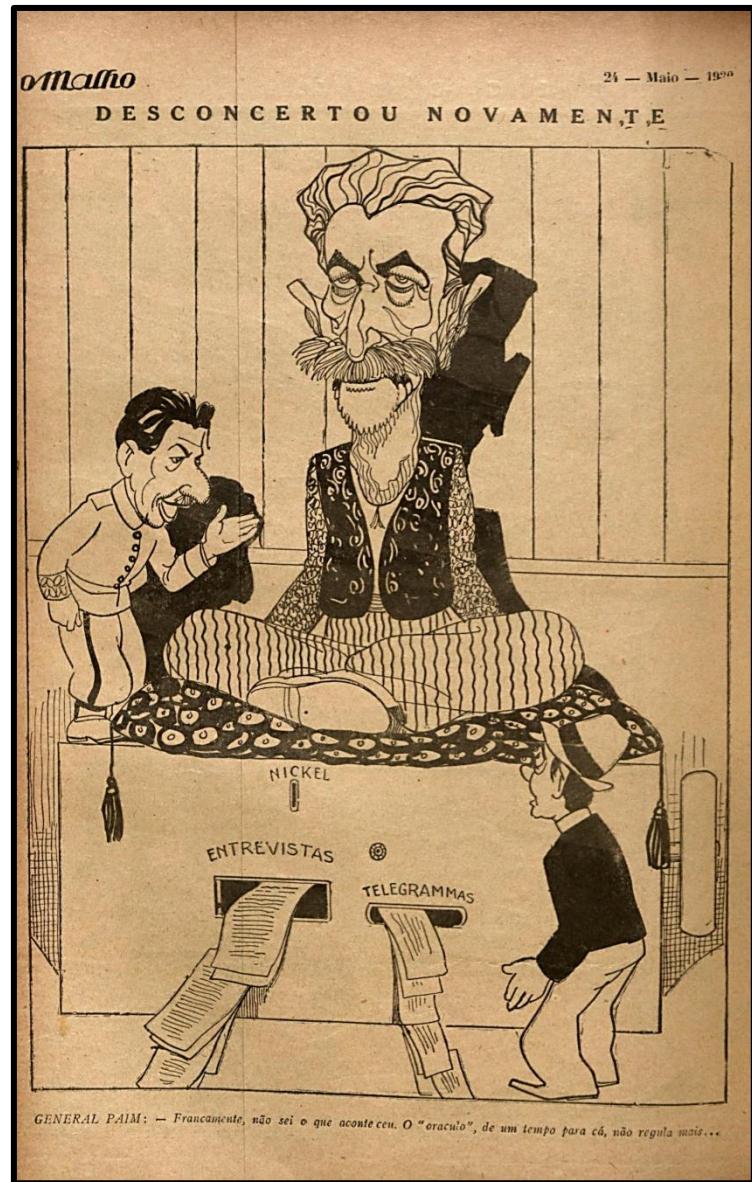


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



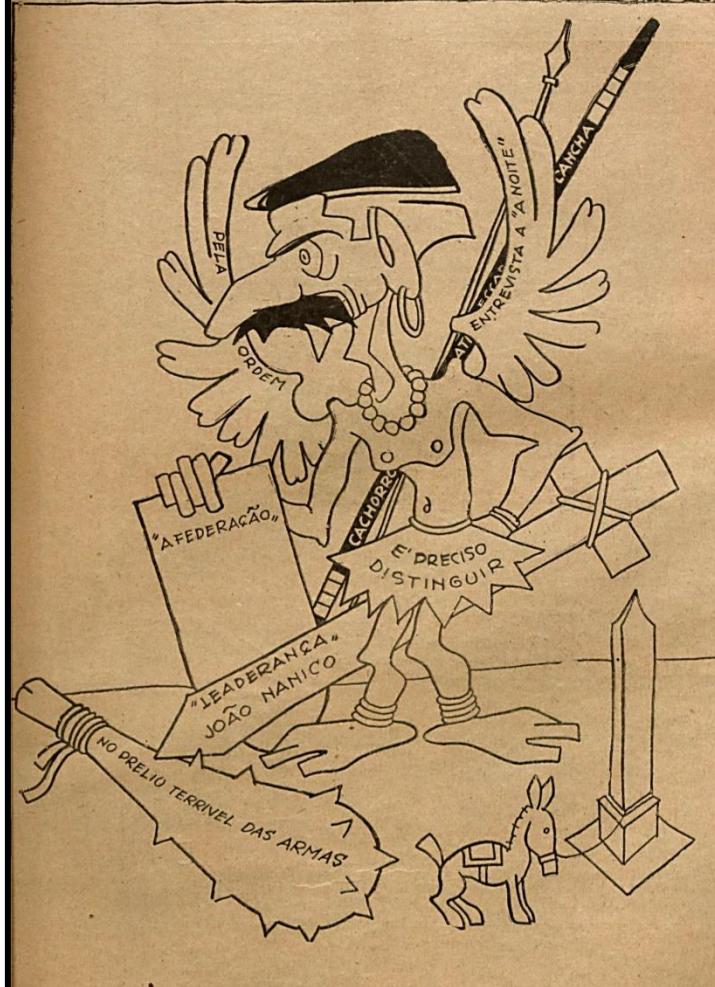


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



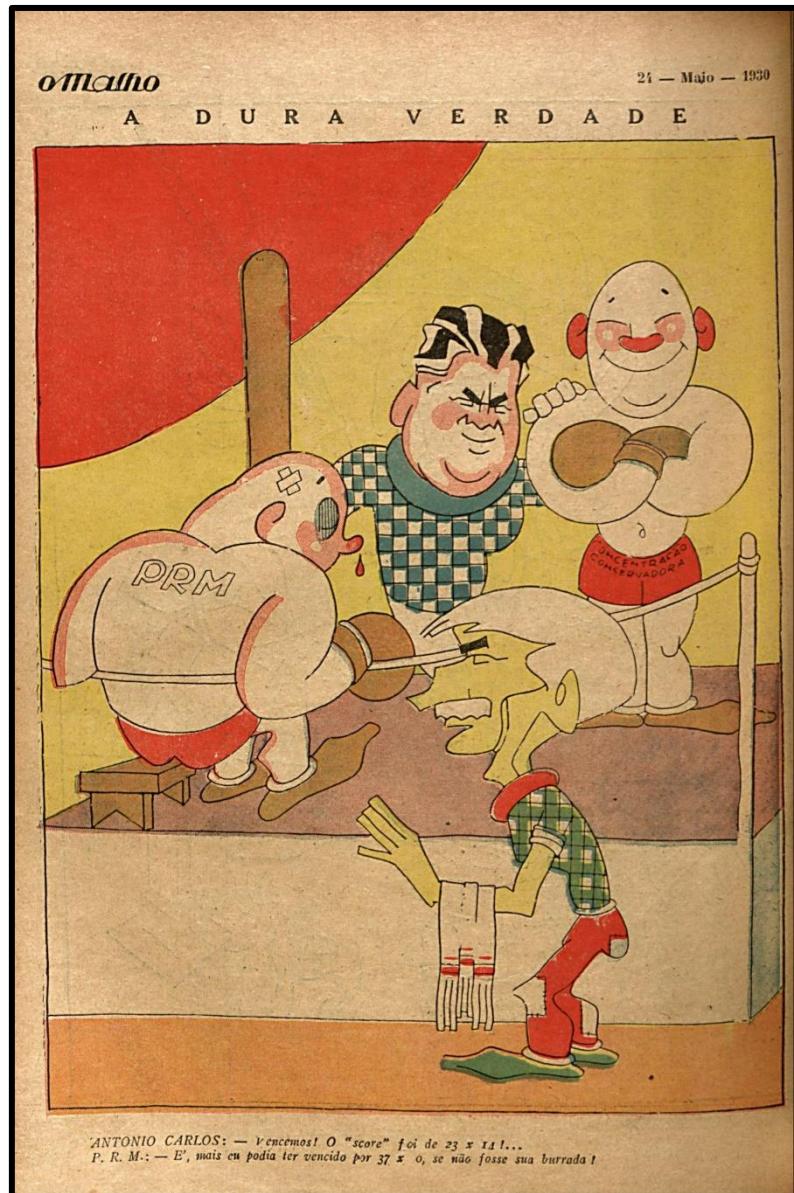
24 — Maio — 1930

*o Massa*



O Sr. Borges de Medeiros olhado pelos seus correligionários

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



Como um “cabuloso”, ou seja, ardiloso, Antônio Carlos recorria ao comandante do dirigível Zeppelin, pedindo para Hugo Eckener, se ele teria condições de levá-lo aos Estados Unidos, chegando antes do Presidente eleito, mas sua solicitação era negada tendo em vista estar o político mineiro “pesado”, em referência às suas ações política recentes. Ainda quanto às incertezas nas posições de Borges de Medeiros, mostrava-o como “um sábio sabido”, conchedor dos conceitos do “tratado de malandragem”, que, ao ser questionado pelo Jeca como procedia não fazendo “nem apoio incondicional, nem oposição sistemática”, respondia que a representação do povo não deveria se meter com tais temas, por faltar-lhe conhecimento de causa. Em relação a seu sucessor no governo mineiro, Olegário Dias Maciel, Antônio Carlos declarava que lhe deixara “a casa limpa”, referindo-se ao tesouro estadual, vazio e abandonado aos ratos. Sob a inspiração de Borges de Medeiros, escondido atrás de uma montanha, Getúlio Vargas apresentava um “heptálogo” de regras que sintetizavam as máximas da esperteza política. Epitácio Pessoa, que estivera ao lado dos aliancistas, revoltava-se por ter deixado de receber uma ajuda de custo para deslocar-se até a Europa. Ainda quanto ao governante paraibano, o semanário mantinha as acusações de autoritarismo, tendo em vista a arma que o mesmo carregava ao ombro, além do que estaria a planejar a mudança da capital estadual, retirando-se para localidade onde pudesse “governar em paz”, o que se poderia ser conseguido com a sua própria morte<sup>18</sup>.

---

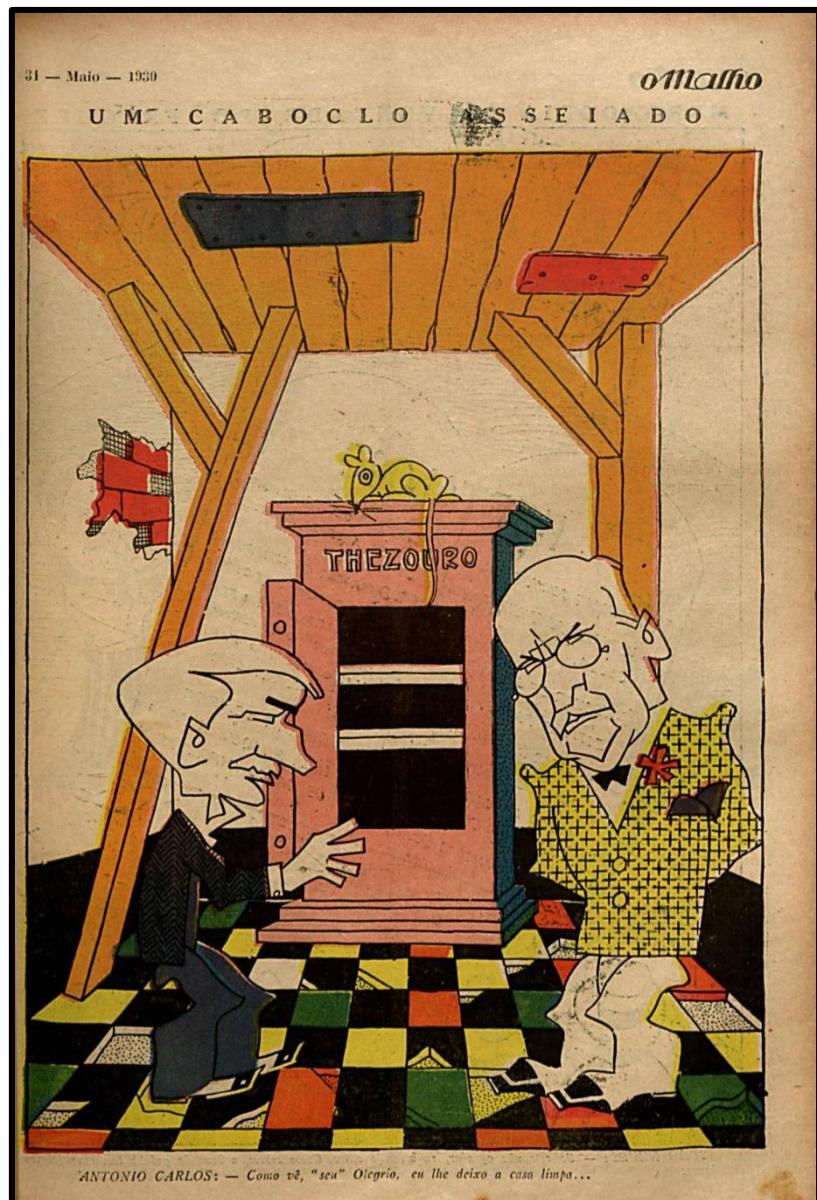
<sup>18</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 31 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





A falta de confiabilidade dos aliancistas também era representada pela figura do governante eleito de Minas Gerais, Olegário Maciel, que, uma vez vencedor, abandonava seus apoiadores. As lideranças aliancistas, o paraibano João Pessoa, o mineiro Antônio Carlos e o gaúcho Getúlio Vargas eram apresentados como revolucionários que empreenderiam uma nova “guerra dos ‘farrapos’”, que estariam sem quaisquer condições bélicas para enfrentar a força do governo federal, simbolizada por um enorme canhão controlado por Washington Luís. Bem de acordo com o veículo que visitava o país, o Partido Republicano Mineiro era visto como um dirigível que não conseguia levantar voo, uma vez que estava preso em solo com amarras tanto no governo quanto na oposição. Em cena passada na Europa, John Bull – simbolizando o capitalismo britânico – aconselhava uma dama holandesa a andar mais rápido, de modo a evitar o assédio de um político mineiro, que esticava o chapéu para pedir um empréstimo<sup>19</sup>. Voltando à questão da contenção do gasto de verbas públicas, o periódico mostrava Epitácio Pessoa como um pássaro preso à gaiola, que, ao não receber seu subsídio para viajar, em bloqueio realizado por Júlio Prestes, transformava-se em uma onça em fúria. Diante da mesma situação, Epitácio Pessoa aparecia como um bebe que chorava, tendo em vista que Washington Luís lhe tirara a mamadeira da “ajuda de custo”<sup>20</sup>.

---

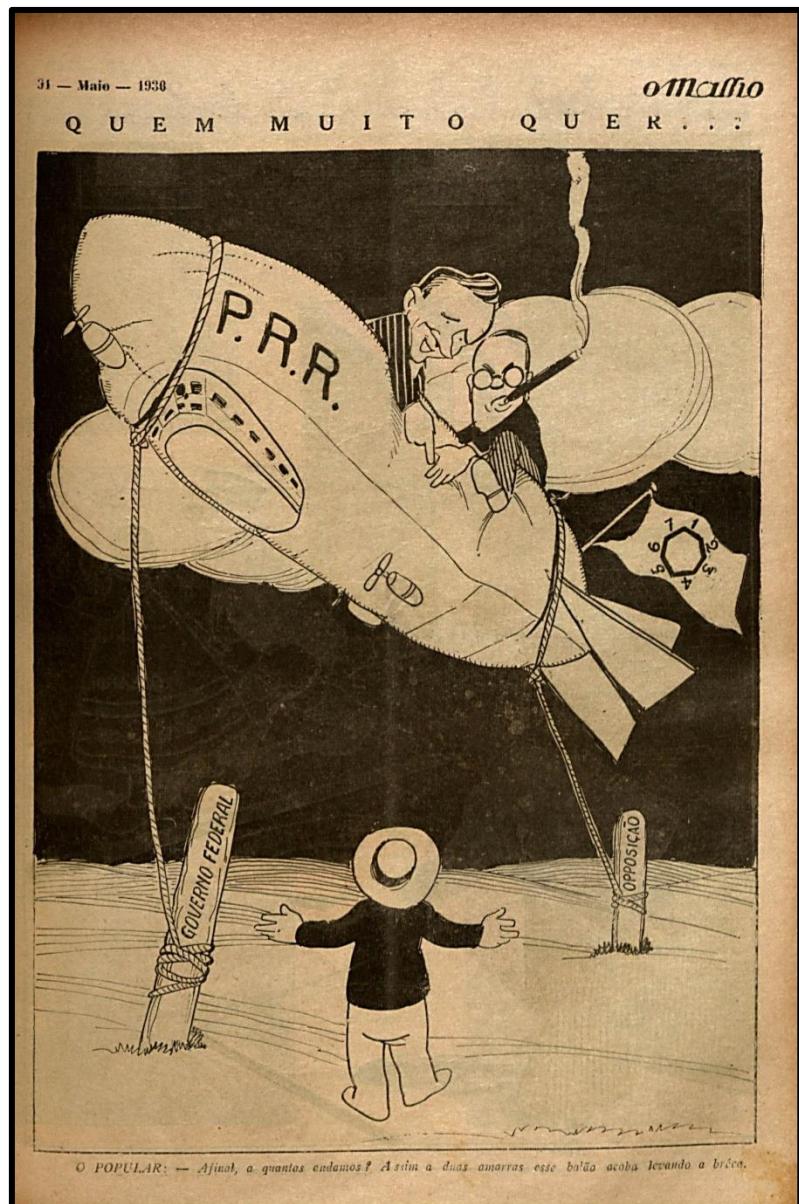
<sup>19</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 31 maio 1930.

<sup>20</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 jun. 1930.



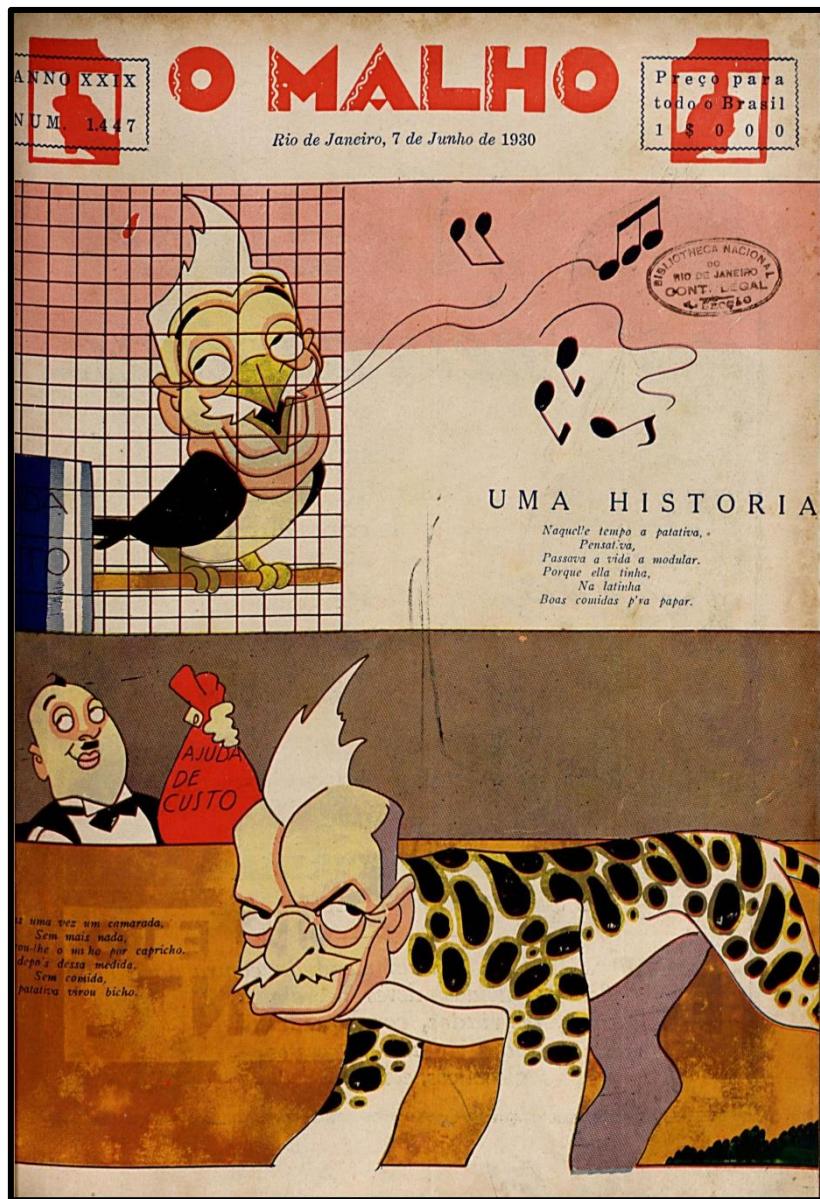
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

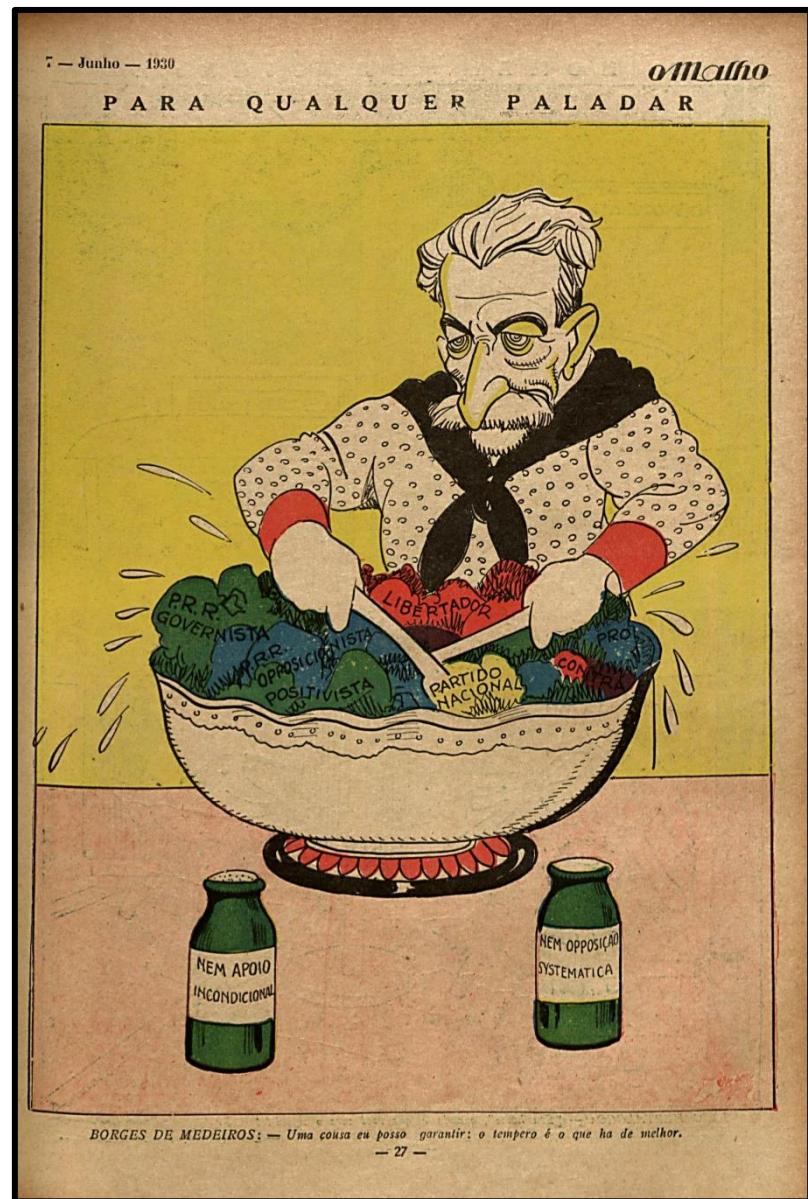


Outro tema que se transformava em recorrente era a ambiguidade de Borges de Medeiros, que surgia preparando uma salada na qual misturava várias tendências políticas, garantindo que o segredo do prato seria o tempero, identificado com a ação de nem fazer apoio incondicional, nem oposição sistemática. O mesmo personagem aparecia como “o homem do sinal”, que era questionado por Neves da Fontoura quanto a uma possível mudança de sinalização entre oposição e governo, em relação ao veículo conduzido por Antônio Carlos em direção ao Catete, ao que o chefe gaúcho respondia que mudaria lhe doessem os calos, o que seria inviável, uma vez que ele tinha pés de pau. Quanto à localidade paraibana rebelde de Princesa, o semanário fazia troça de Epitácio Pessoa, que prometera libertá-la em meses de três dias, mas se via em dificuldades ao tentar subir em uma montanha e ficando preso a um arbusto, sem que pudesse se deslocar. Tentando controlar um dirigível que tinha a forma de uma banana, em alusão a uma “campanha derrotista”, Ribeiro de Andrade encontrava-se em dificuldades, para desespero de seus aliados, e júbilo de seus adversários. Já Epitácio Pessoa aparecia como aquele que se deixava dominar pelos interesses de ganho financeiro, vindo por isso a inclusive abandonar seu aliado político Manuel Tavares Cavalcanti. O heptálogo de normas de atuação proposto pelos aliancistas era tratado com pilharia pelo semanário que, em conjunto de caricaturas, colocava o nome de tal tema em várias situações jocosas do cotidiano<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 jun. 1930.

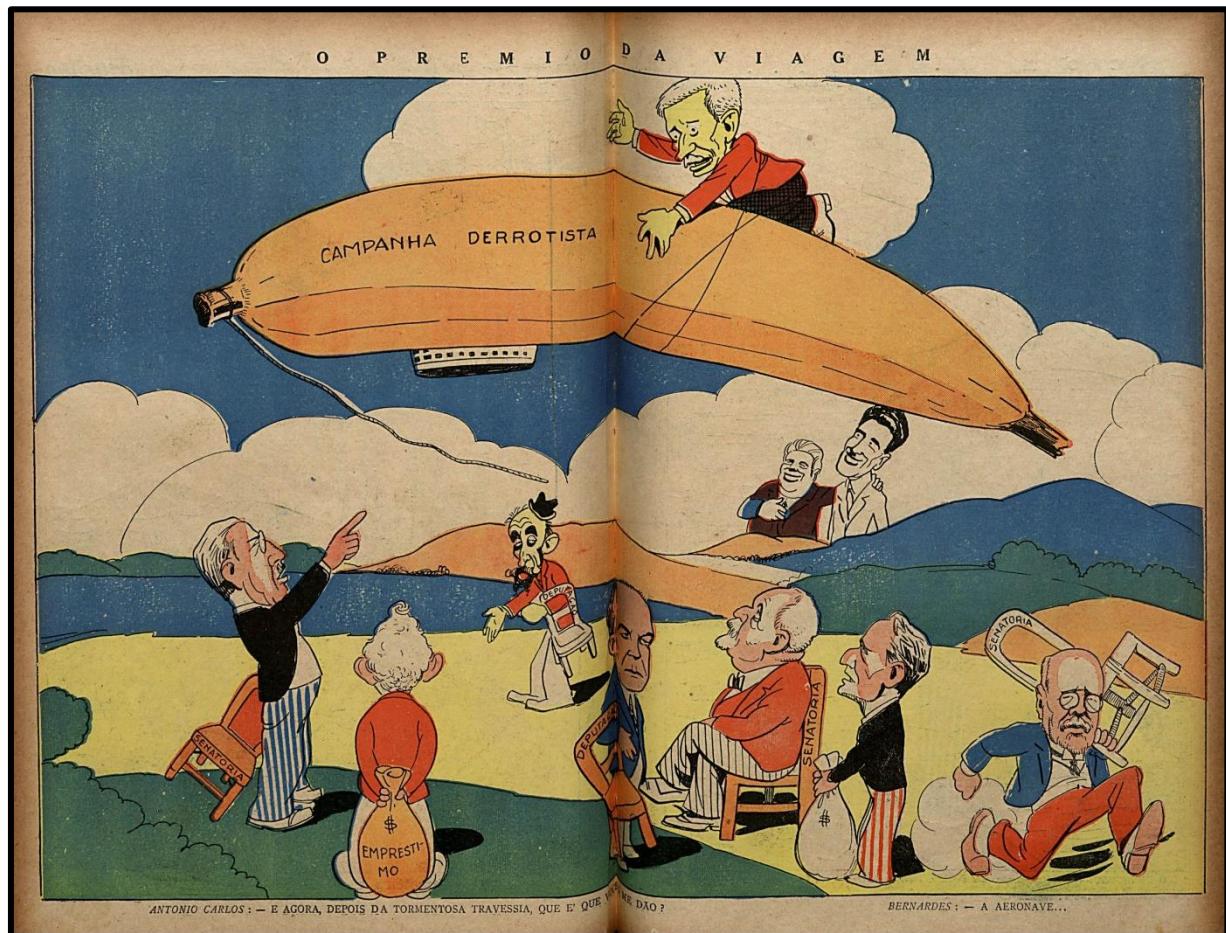
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



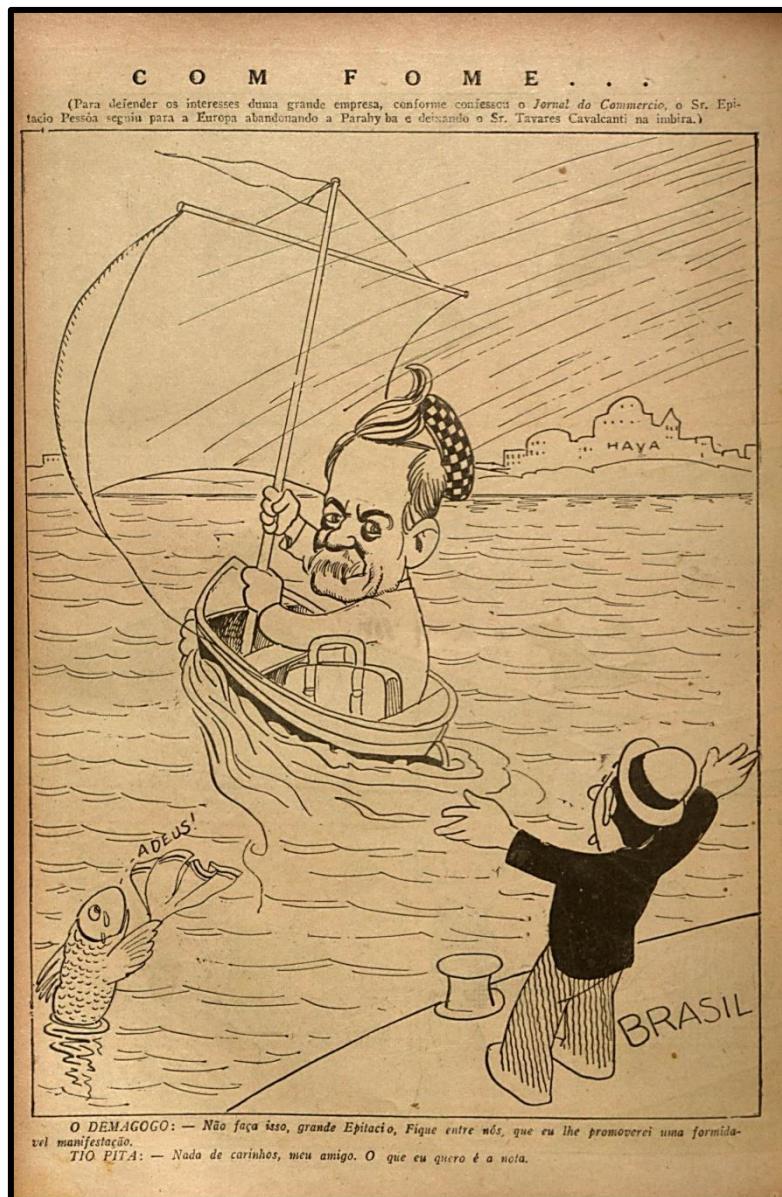


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



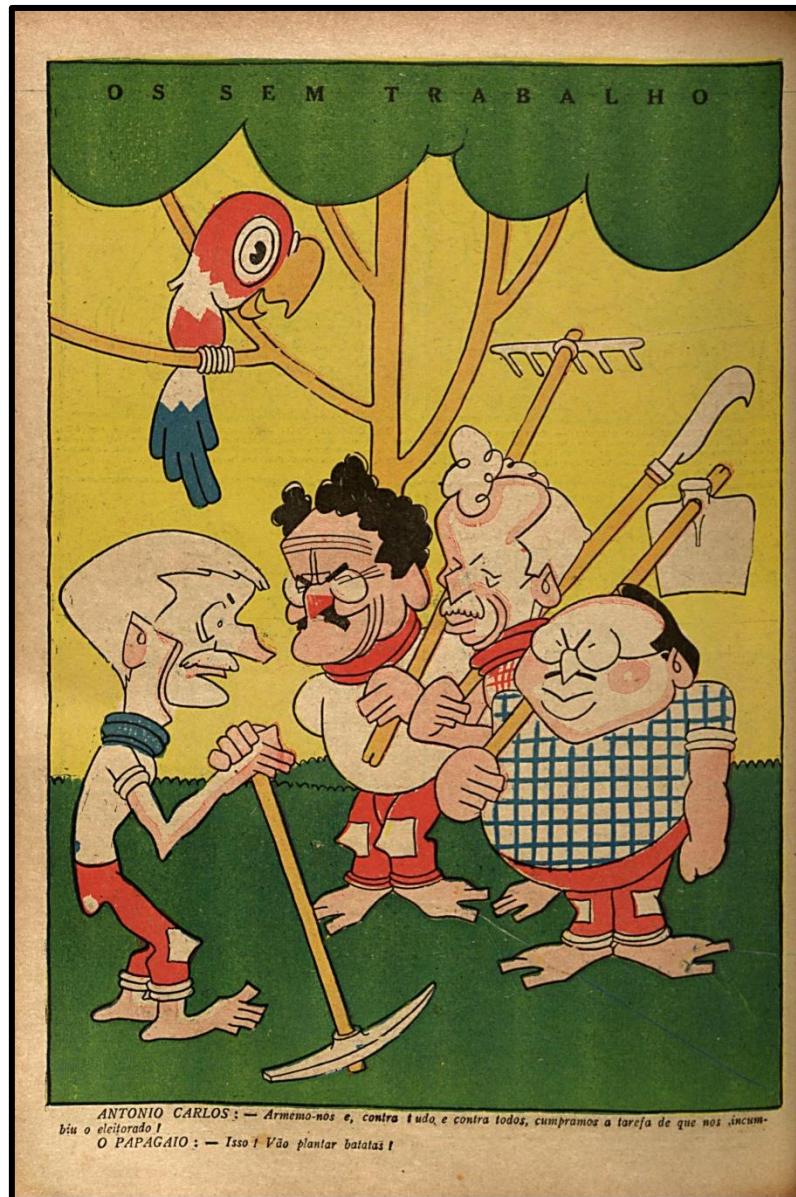


Considerando os aliancistas como “os sem trabalho”, a publicação ilustrada tentando mobilizar alguns de seus comandados, mas sendo atalhado por um papagaio que indicava que todos deveriam ir “plantar batatas”<sup>22</sup>. Em capa de mais uma edição, a folha caricata voltava a se referir ao predominante interesse pecuniário de Epitácio Pessoa, mostrando-se como mais seduzido pelo ouro do que pelas ideias, no caso, a pregação de Luís Carlos Prestes acerca dos “belos princípios” comunistas. Antônio Carlos chegava a assumir o papel de Mefistófeles, a encarnação do mal, que aparecia perdido em seus pensamentos, a partir da “ideia fixa” de manter a oposição entre São Paulo e Minas Gerais, representada pelo confronto entre dois cavaleiros medievais. A negativa de apoio financeiro à viagem de Epitácio Pessoa retornou à pauta, com o ex-Presidente aparecendo como um “inválido” ou “aleijado”, por ter “a cabeça diretamente ligada ao estômago”, em alusão aos seus interesses predominantemente pecuniários. Em outra cena, designando o pragmatismo político, sem maior cerimônia, Getúlio Vargas aparecia a dispensar os representantes de dois dos apoiadores da Aliança Liberal, ou seja, o Partido Republicano de Minas Gerais e o Partido Libertador, que representava as oposições sul-rio-grandenses. Em conversa com o parlamentar governista José Cardoso de Almeida, Borges de Medeiros surgia a dar mais uma nota sobre sua propalada ambiguidade, usando o conjunto de metas comportamentais da oposição, para dizer que estava de acordo com o governo federal<sup>23</sup>.

---

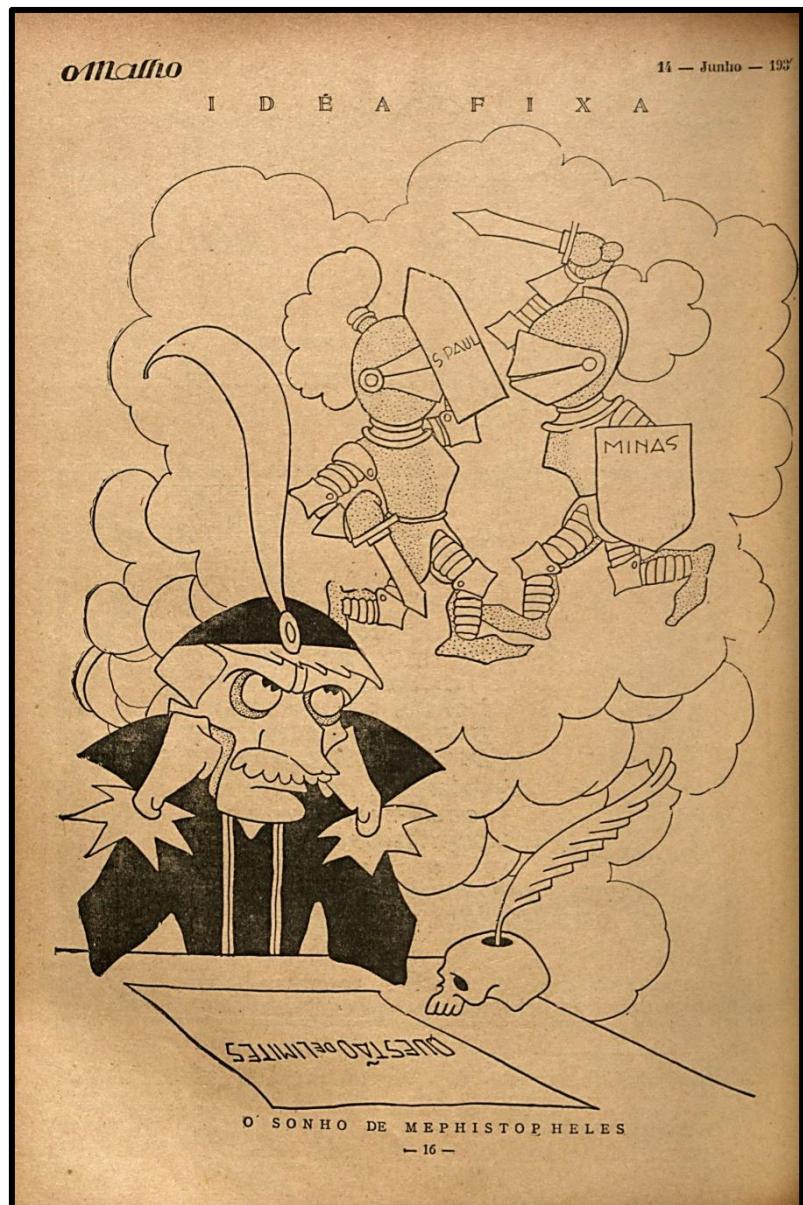
<sup>22</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 7 jun. 1930.

<sup>23</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jun. 1930.



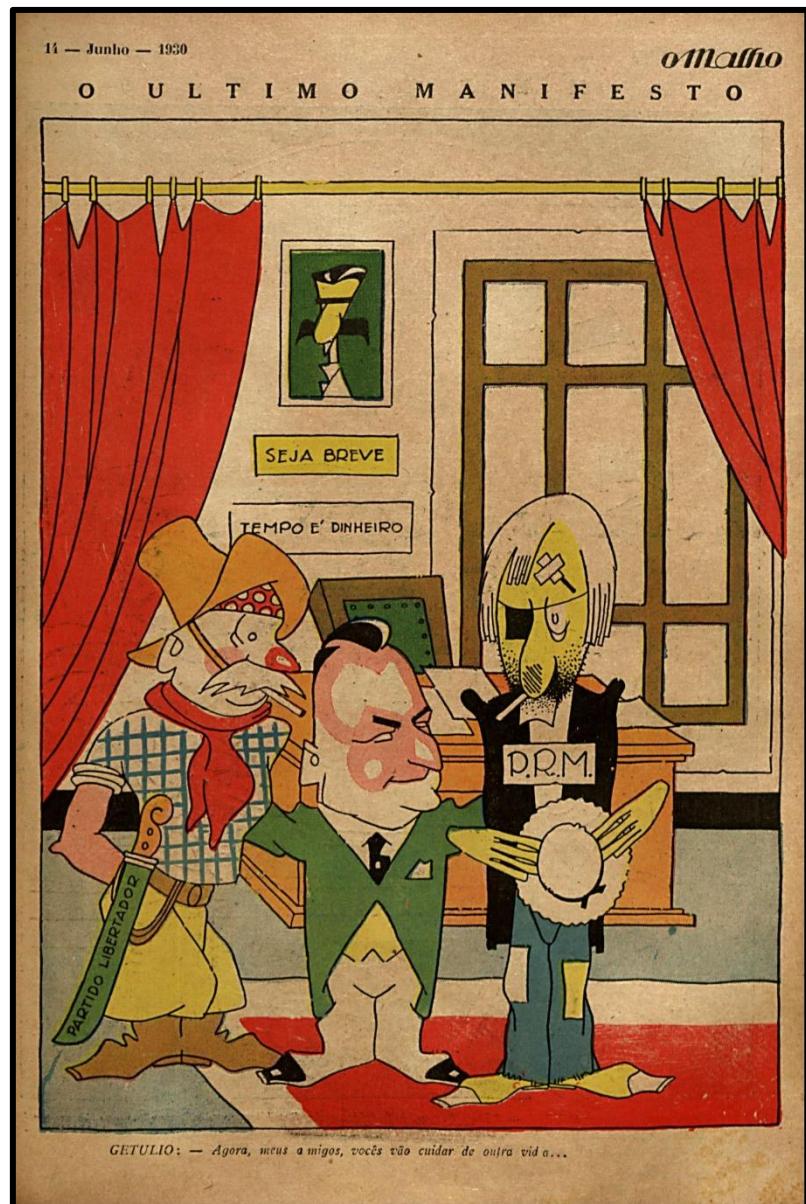
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





## ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



O olhar crítico do periódico recaía também sobre Luís Carlos Prestes que não apoiara os aliancistas, mas assumia o ideário comunista, de modo que, para a folha, ele deixara de ser a representação da esperança, como ficara reconhecido popularmente, para transformar-se no “cavaleiro do soviete”, atuando como “o olho de Moscou”, e sendo financiado com dinheiro russo para fazer “propaganda comunista”. A dama republicana tranquilamente lia um livro, enquanto determinava a um serviçal que jogasse no lixo mais um dos manifestos aliancistas. A folha buscava demonstrar o enfraquecimento político de Antônio Carlos, que era apresentado como um “Napoleão de bobagem”, que se dirigia ao seu partido, representado por uma “fortaleza” em ruínas, na qual ele contava apenas com “quatro gatos pingados”, que estariam “dispostos a continuar a luta”. Já Epitácio Pessoa era visto afogando-se em um atoleiro da “desonra”, recebendo a indicação do Zé Povo de que sua salvação só seria possível ao enfiar a cabeça em uma corda, ou seja, ou ele afundava na lama ou se enforcava. Em sua peregrinação por apoios, Luís Carlos Prestes tentava a sorte com o político gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil, que se negava a adentrar os caminhos do comunismo, repetindo para tanto a frase popular segunda a qual “amigos, amigos, dinheiro à parte”. Sem subsídio público, Epitácio Pessoa era apresentado como um galo que fora expulso do galinheiro pelo “jardineiro” Washington Luís, que justificava seu ato à dama republicana, tendo em vista que aquele “garnisé” só tinha interesse em “encher o papo” de verbas públicas<sup>24</sup>.

---

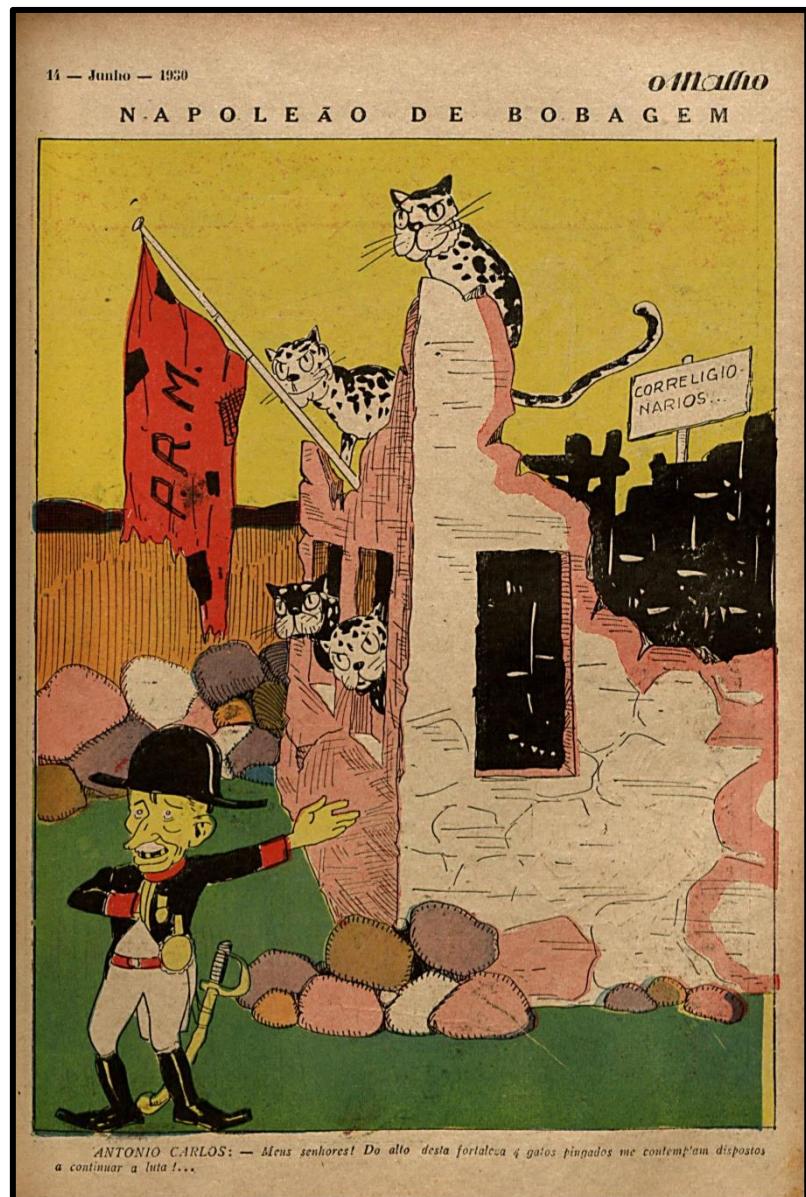
<sup>24</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 jun. 1930.

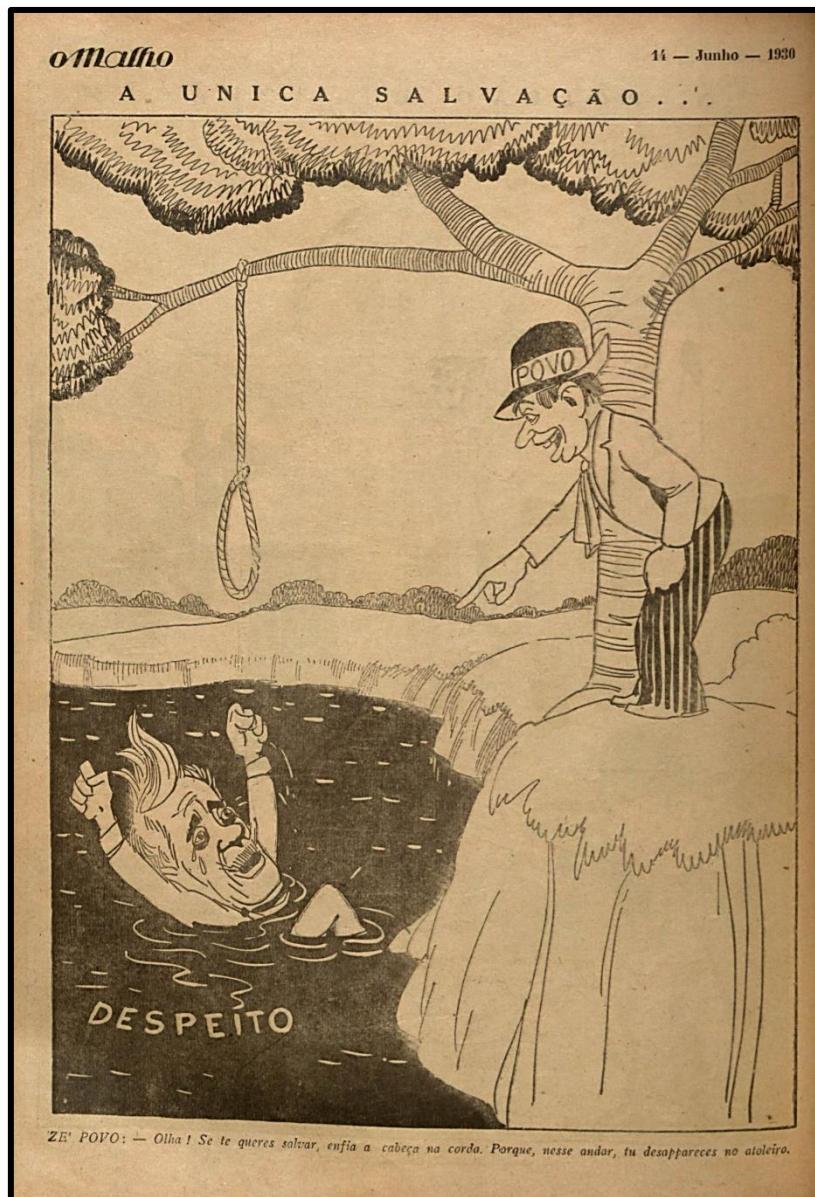
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



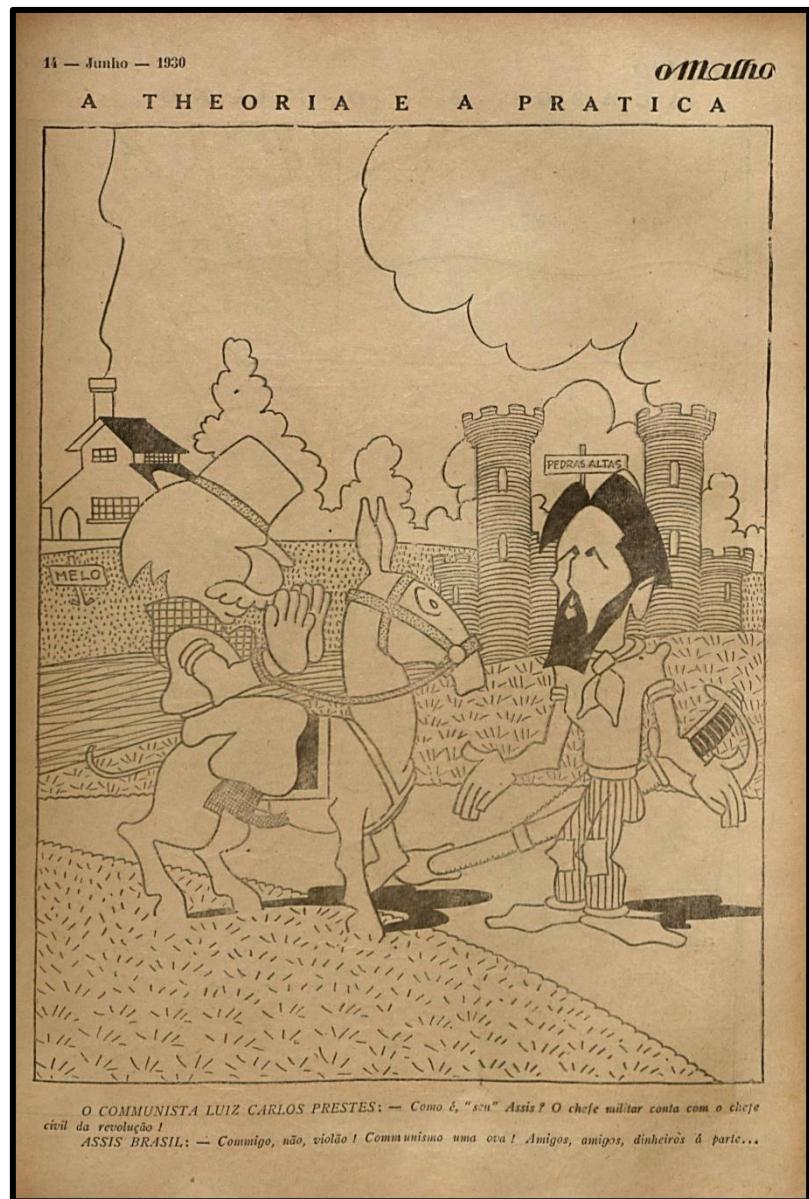


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

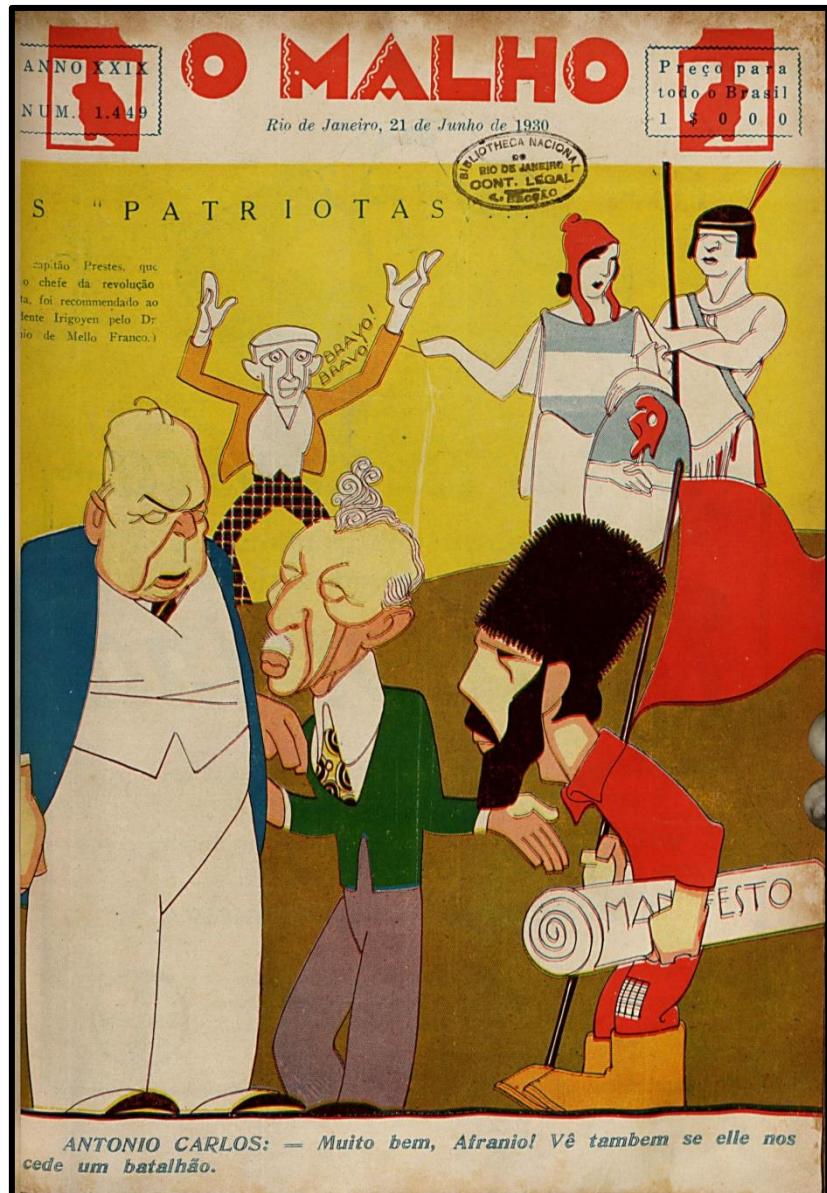




Uma caricatura de capa, que associava as intenções revolucionárias brasileiras à Argentina, buscava demonstrar o desespero de Antônio Carlos na busca de apoios ao intento rebelde, contando até mesmo com o apoio de Luís Carlos Prestes, que aparecia em indumentária russa, para associá-lo ao comunismo. No mesmo sentido, o político mineiro era acusado de “trair a pátria” por procurar apoio argentino “Para a revolução no Brasil”, em pedido que teria sido negado pela dama republicana argentina, que o chamava de “mendigo nojento”. Tal plano era apresentado por Antônio Carlos a um camponês, que o denunciava de ser “capaz duma alta traição”. Para resolver os problemas econômicos mineiros, Ribeiro de Andrade convocara o escritor, jornalista e político Antônio Augusto de Lima, cujo principal papel seria solucionar o rombo do tesouro de Minas, que teria sido provocado pelo próprio governante. Houve também uma retomada do fracasso de João Pessoa em debelar a revolta na localidade de Princesa, na Paraíba. Com a chegada de Washington Luís, o aliancista Maurício de Lacerda escondia Antônio Carlos embaixo de uma mesa, enquanto o Jeca revelava o seu segredo. Um possível plano de apoio de Luís Carlos Prestes aos aliancistas, idealizado por Antônio Carlos, era apresentado como fracassado tendo em vista a reação da opinião pública. Em relação ao grupo formado no âmbito otomano, bem como à experiência no Brasil, os aliancistas eram comparados aos jovens turcos, havendo, sob o olhar de Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, o contato entre Luís Carlos Prestes e Ribeiro de Andrade que, ao invés de um acordo político, estavam realizando uma negociação financeira<sup>25</sup>.

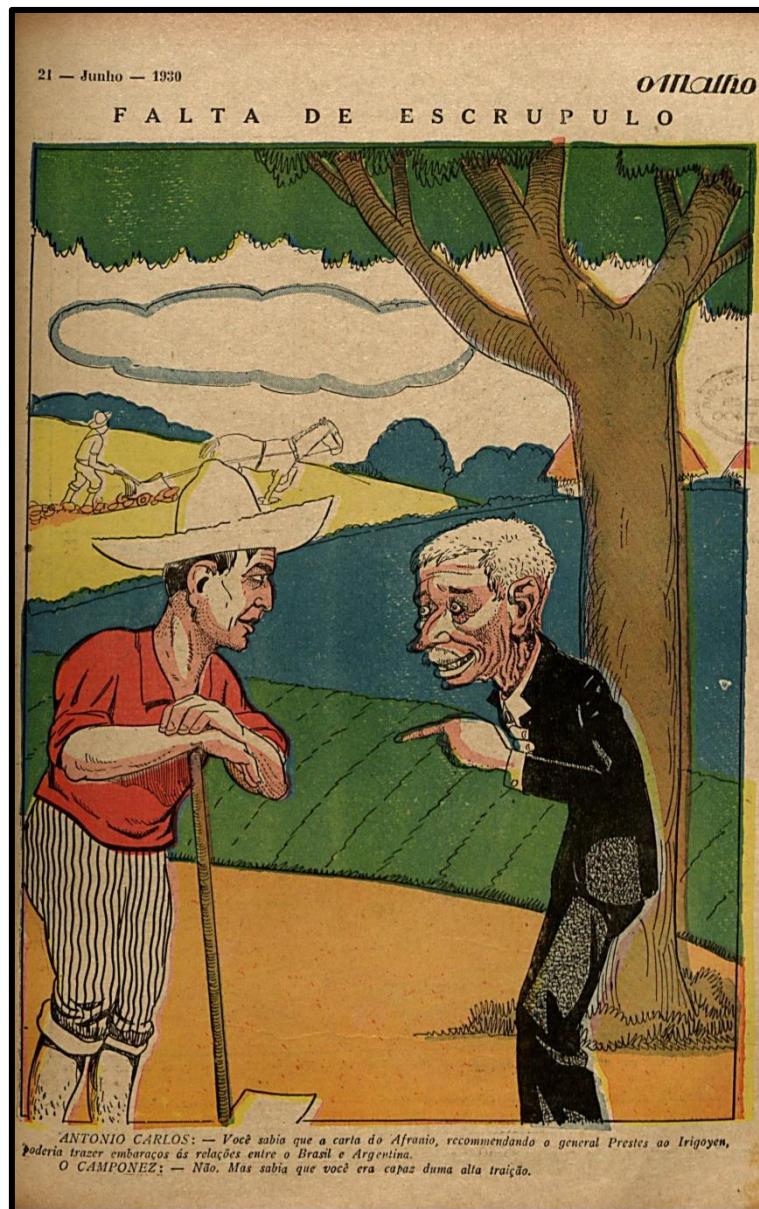
---

<sup>25</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 jun. 1930.

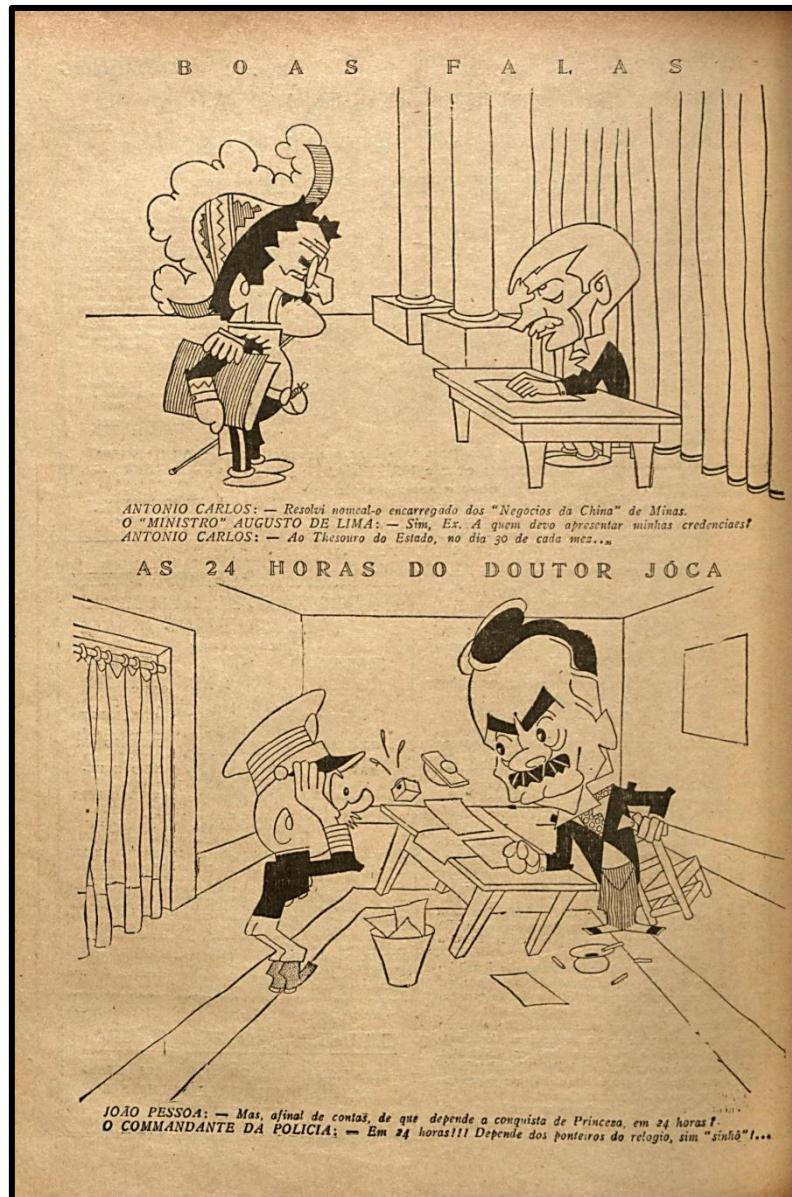


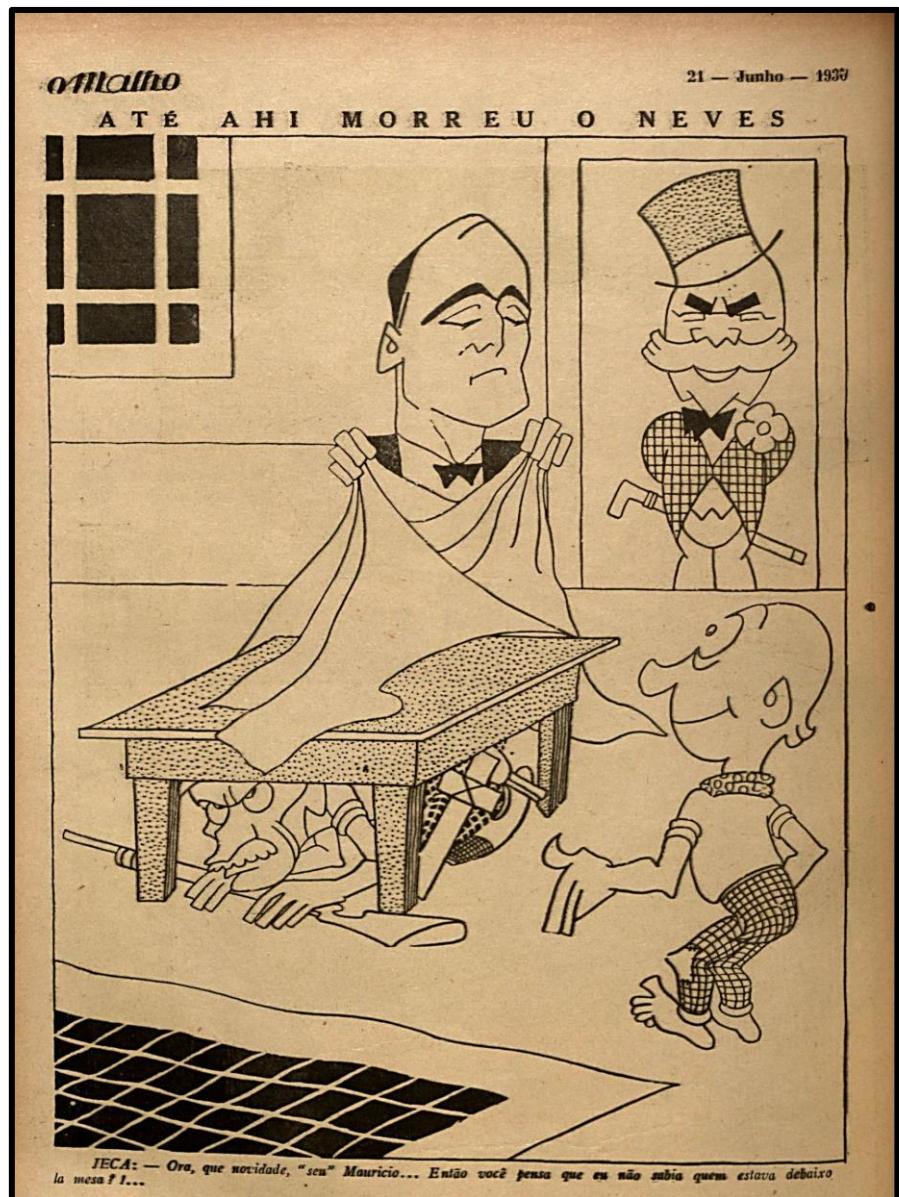
## ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS



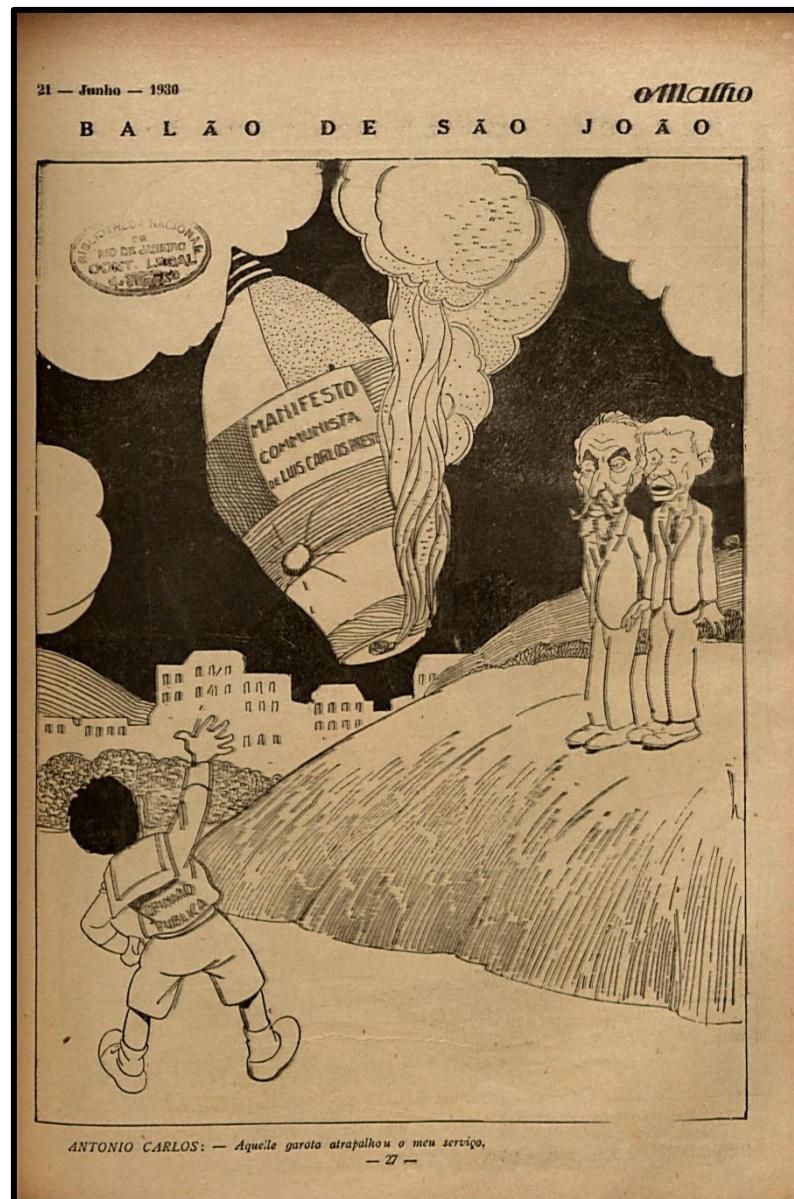


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





Os manifestos dos aliancistas eram ridicularizados pelo periódico, tanto por meio de um diálogo travado no dia a dia, em que um indivíduo reclamava de ter dificuldades no âmbito familiar, ao que o seu interlocutor recomendava que ele realizasse um “manifesto à nação”; no mesmo sentido, a “oposição” era representada por uma figura feminina em tons histriônicos, que atirava um “manifesto” com efeito inócuo contra a solidez da “política nacional”, havendo a constatação de Washington Luís de que tais atitudes só serviriam como propaganda para o seu governo. A folha caricata mostrava também os avanços dos rebeldes na localidade paraibana de Princesa, para desespero de João Pessoa, que tentava debelá-la. Outra caricatura intentava revelar que o governante paraibano, por motivos políticos, também estaria lançando mão da violência contra seus conterrâneos, para ciúme de Ribeiro de Andrada que estaria a ver ofuscada a repressão que lançara sobre os mineiros. O parlamentar mineiro Frederico de Oliveira Campos, eleito pela Concentração Conservadora mineira, adversária da Aliança Liberal, era comparado a um gigante, que ofuscava o papel do aliancista João Neves da Fontoura, chamado pejorativamente de “João Nanico”<sup>26</sup>. O semanário buscava demonstrar o alcance internacional do Presidente eleito, trazendo em sua capa uma alegoria que aludia a uma propalada aliança entre Estados Unidos e Brasil, representados pelos efígies de suas autoridades presidenciais, Herbert Hoover e Júlio Prestes<sup>27</sup>.

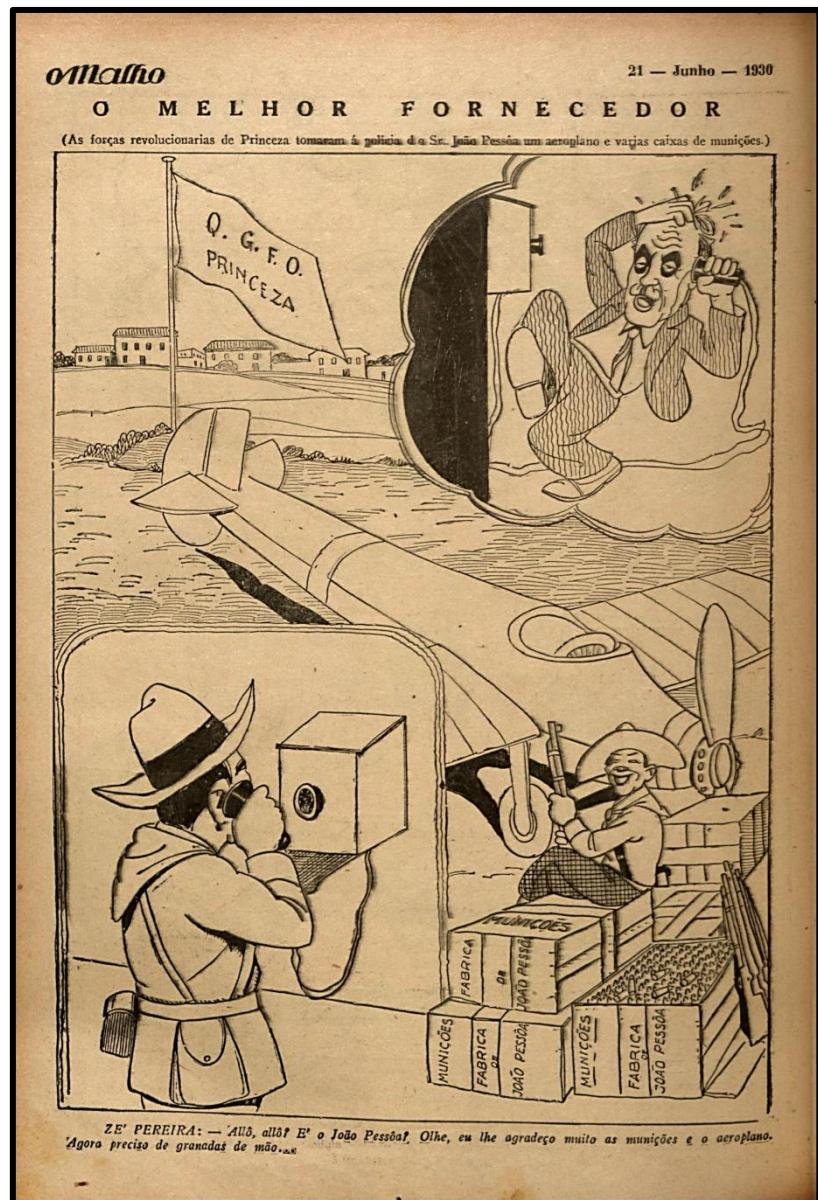
---

<sup>26</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 jun. 1930.

<sup>27</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 jun. 1930.



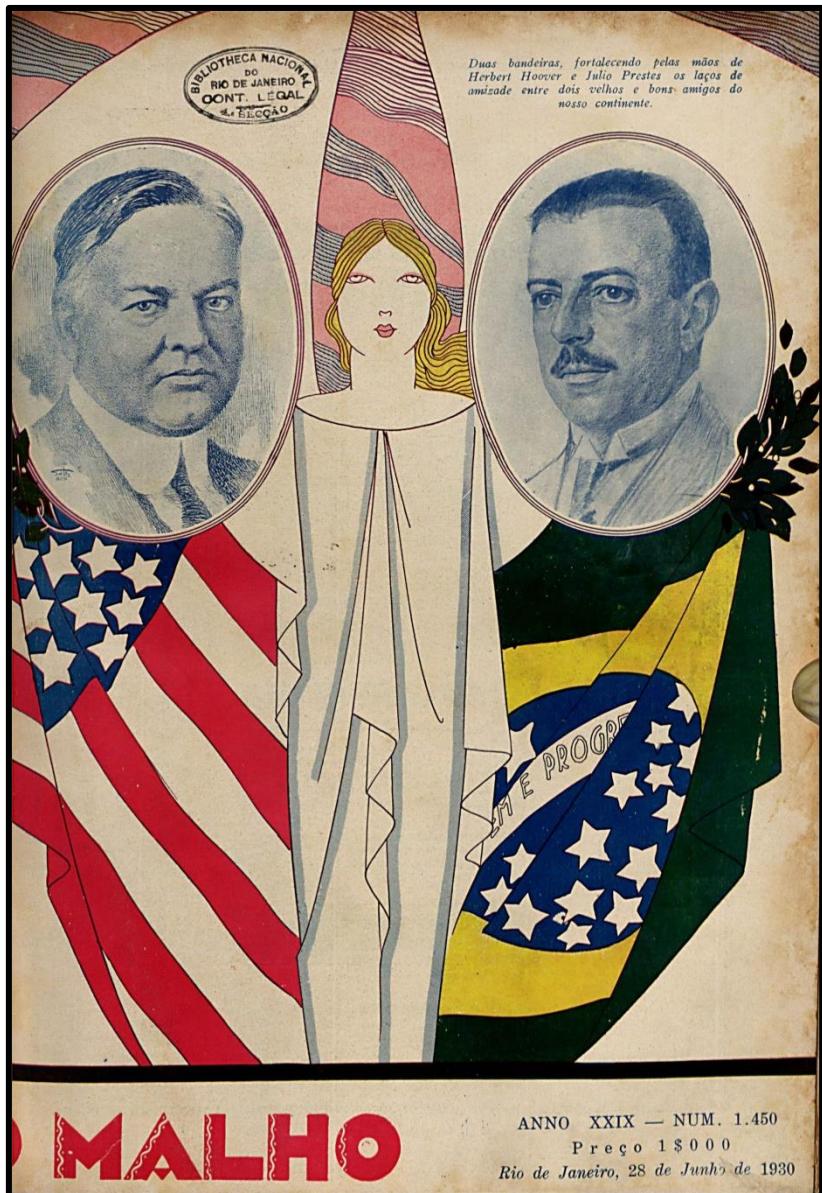
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





O hebdomadário traçava um paralelo entre a atuação política de Epitácio Pessoa em 1922 e em 1930, considerando ideal a primeira e vexatória a segunda, sendo avisado pelo Zé Povo de que perdera seu prestígio “para o resto da vida”. Borges de Medeiros era transmutado em um burro, montado por Antônio Carlos e puxado por Getúlio Vargas, que buscavam conduzi-lo pelos caminhos da revolução, e, como ele empacava, estaria a demonstrar que não seria “tão besta assim”. Às portas de uma conferência penal e penitenciária, o conde Cândido Mendes de Almeida Filho, interrompia a entrada de Antônio Carlos, que pretendia explanar sobre seus crimes políticos, justificando que o político estaria no lugar errado, devendo dirigir-se a uma “casa de detenção”. A publicação lamentava a atuação de aliancistas que estariam difamando o Brasil no exterior. Em um conjunto de caricaturas, o semanário imaginava os possíveis destinos de Ribeiro de Andrade, que poderia ir para a cadeia, para um hospício ou ainda expulso de seu Estado, a partir do antagonismo da população mineira para com ele. As manifestações por escrito de João Pessoa eram consideradas como inofensivas, não passando de “munição de boca”. Ainda a respeito de tais manifestações, Antônio Carlos criticava o líder paraibano por estar desperdiçando “a matéria prima” aliancista. A suposta neutralidade de Borges de Medeiros era retomada, com um gaúcho tirando-lhe de um cesto, como “uma velharia” política e perguntando-lhe que “novidades” teria para o “seu programa de governo”, obtendo por resposta que seria “nem apoio incondicional, nem oposição sistemática”. Enquanto dois de seus adversários destruíam uma boneca que representava a oposição, Antônio Carlos buscava inflá-la, aparentemente sem maior sucesso<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 jun. 1930.



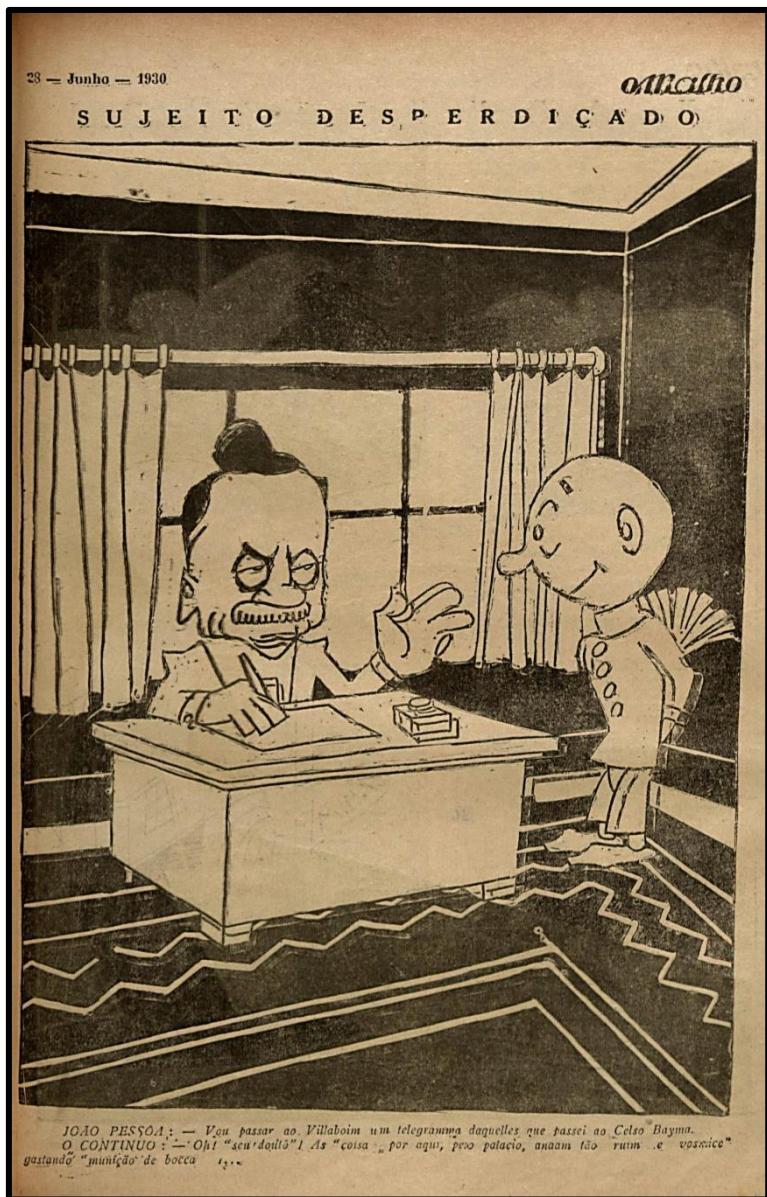
## ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS





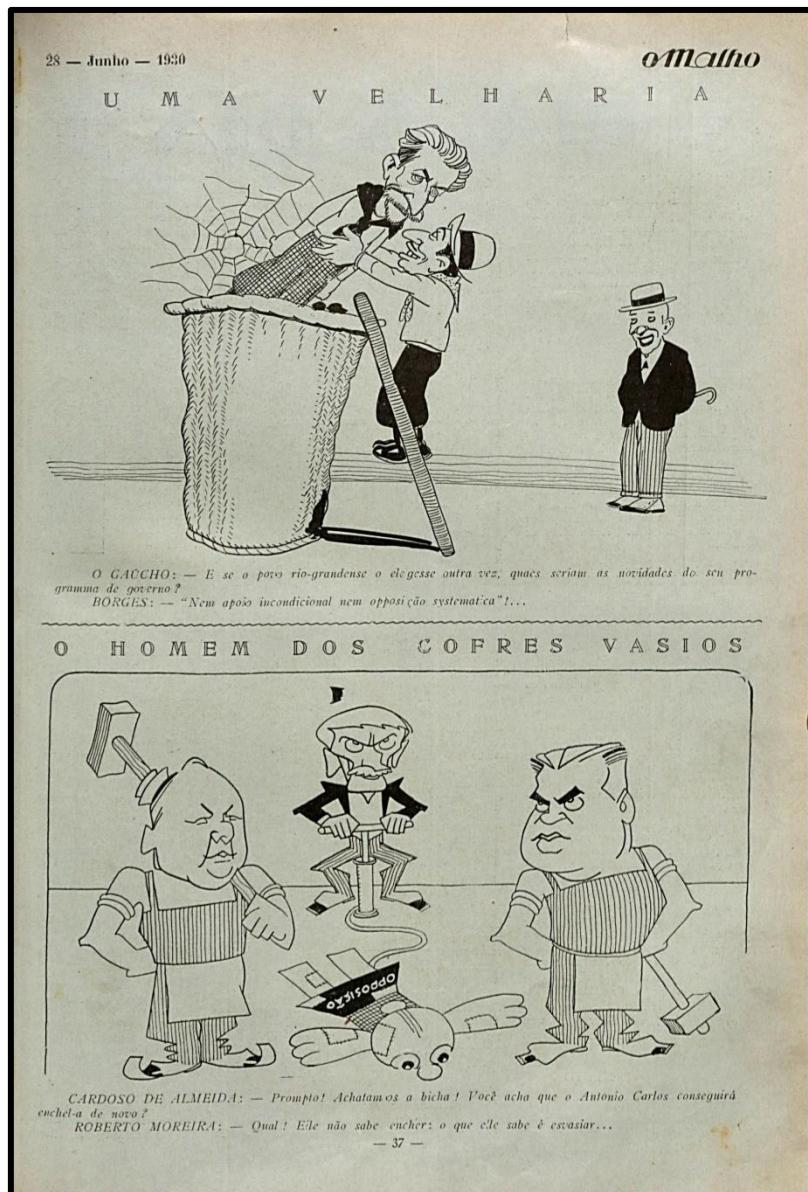
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





O combate aos aliancistas atingia intensa jocosidade, ao mostrar dois operadores atuando em poste de comunicação telegráfica, reclamando do “fedor horrível” que estaria imanando de um “telegrama de João Pessoa”. A iminente morte do político paraibano – que viria a efetivamente ocorrer um mês depois – foi apontada pelo hebdomadário, com Antônio Carlos buscando consolá-lo, tendo em vista um grande número de “carpideiras”, representada por diversos aliancistas, que iriam providenciar “uma linda manifestação de solidariedade”. As divisões no seio aliancista foram demonstradas com a perda da liderança da oposição no parlamento, por parte do mineiro José Bonifácio de Andrada, para o gaúcho João Neves da Fontoura, os quais eram comparados aos personagens de Cervantes, com a indicação de que Sancho Pança teria superado D. Quixote. As supostas rupturas no âmbito aliancista no Rio Grande do Sul eram demarcadas com alguns fracassos em meio à frente única gaúcha. Já Epitácio Pessoa era interpelado pelo Zé Povo, questionando-o se ele ao invés de viajar a serviço do país, estaria partindo para defender os interesses de um empresa particular<sup>29</sup>. Já em julho, Ribeiro de Andrada, como um “retardatário”, realizava uma atividade típica do mês anterior, soltando um balão que fazia referência à “revolução”, no que era repreendido pelo Jeca, que, no sentido literal e no figurado, lhe avisava que a época para aquilo já havia passado. O político mineiro aparecia ainda como um bandoleiro, levando a bandeira da “revolução” ao ombro, chistosamente para “salvar o país”, sendo seguido por “quatro gatos pingados”, identificados com o “despeito”, a “senilidade”, o “derrotismo” e a “quebradeira”<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 28 jun. 1930.

<sup>30</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 5 jul. 1930.



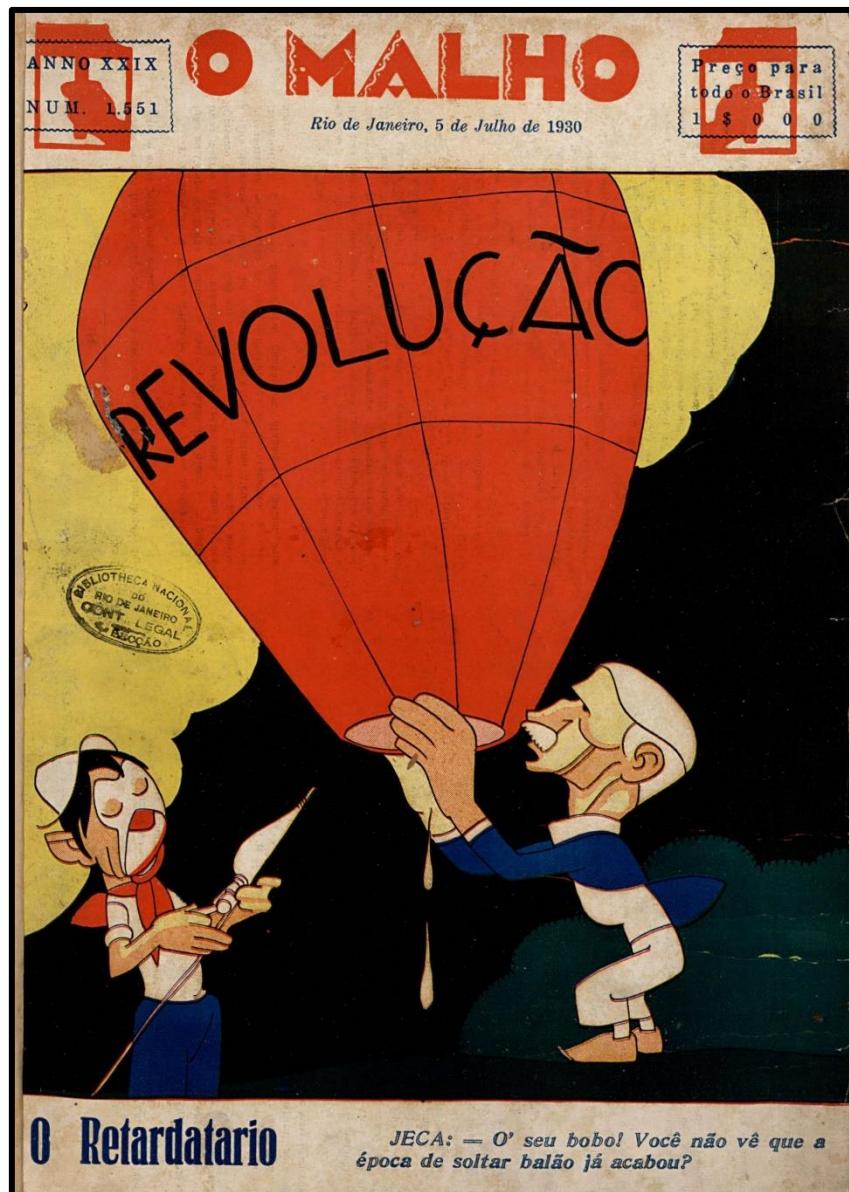
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

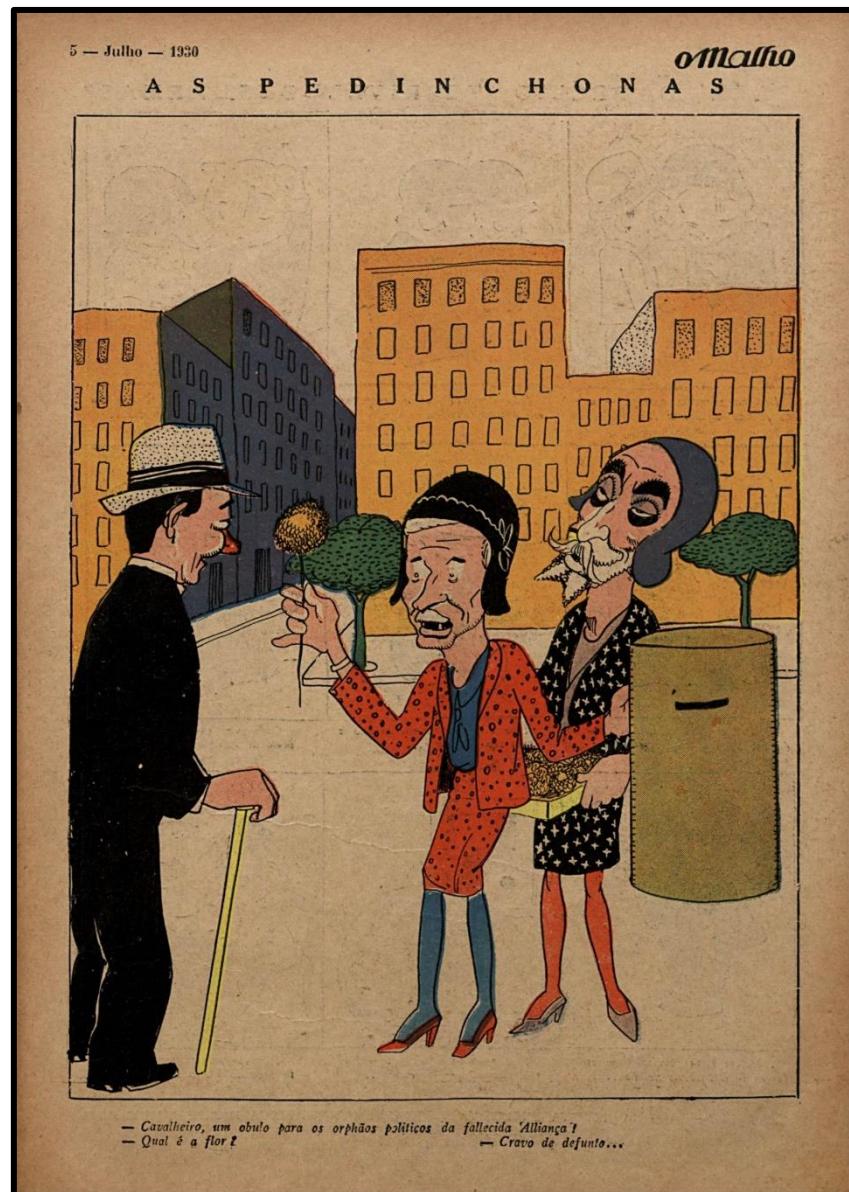


A morte da Aliança Liberal foi representada também com a presença de Antônio Carlos e José Bonifácio de Andrada travestidos como mulheres que vendiam “cravos de defunto” em prol dos “órfãos políticos da falecida Aliança”. Os caminhos para uma suposta revolução eram apontados em conjunto de caricaturas, na qual o movimento era meticulosamente planejado, para, ao final, haver a desistência de um participante que deixava de lado os interesses rebeldes para assistir um espetáculo futebolístico. No seio do parlamento Maurício de Lacerda carregava uma pilha de questionamentos envolvendo personalidades governistas e aliancistas, ao que o deputado José Cardoso de Almeida argumentava que não estava ali para solucionar aquele tipo de questão. O mesmo personagem Cardoso de Almeida, parlamentar governista, se negava a aceitar um “cavalo de Troia”, como presente do oposicionista José Bonifácio. Segundo a folha, os aliancistas estariam anunciando a revolta aos quatro ventos, chegando a colocar um cartaz que anunciava para breve uma “grande revolução”, organizada por “notáveis perturbadores da ordem”, gerando o riso de parte do “Povo”, para indignação de Antônio Carlos, segundo o qual o passante era um “comprado” pelo governo. Em uma arena, Ribeiro de Andrada aparecia como um gladiador, prestes a ser devorado pelo leão do “ostracismo”, aparecendo na audiência, Washington Luís e o Jeca, o qual lembrava ao lutador que não haveria outro destino possível que não fosse o de ser devorado pelas feras. A ação do mineiro José Bonifácio no parlamento era comparada a de um disco com defeito, que sempre repetia as mesmas coisas, a respeito da espoliação dos Estados que compuseram a Aliança Liberal, levando a “opinião pública” a cair em sono profundo<sup>31</sup>.

---

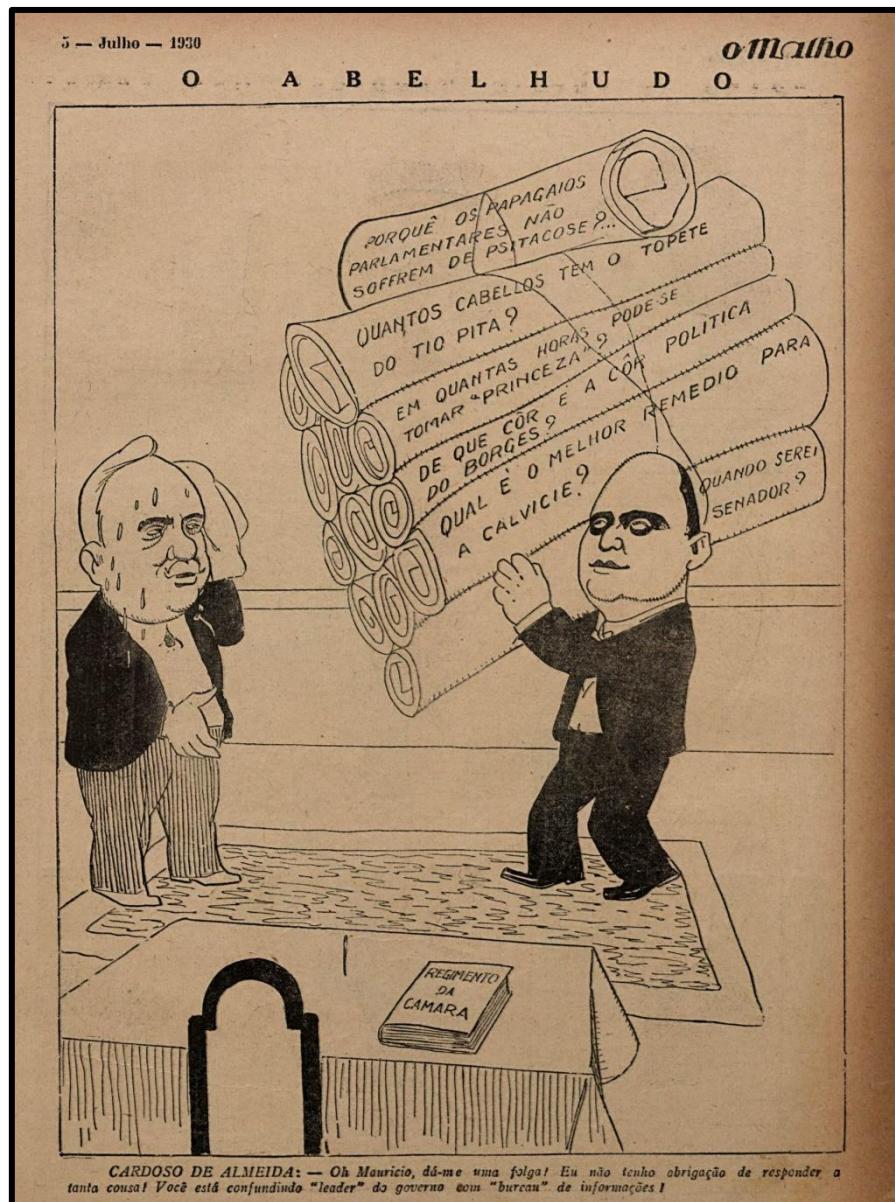
<sup>31</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 5 jul. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



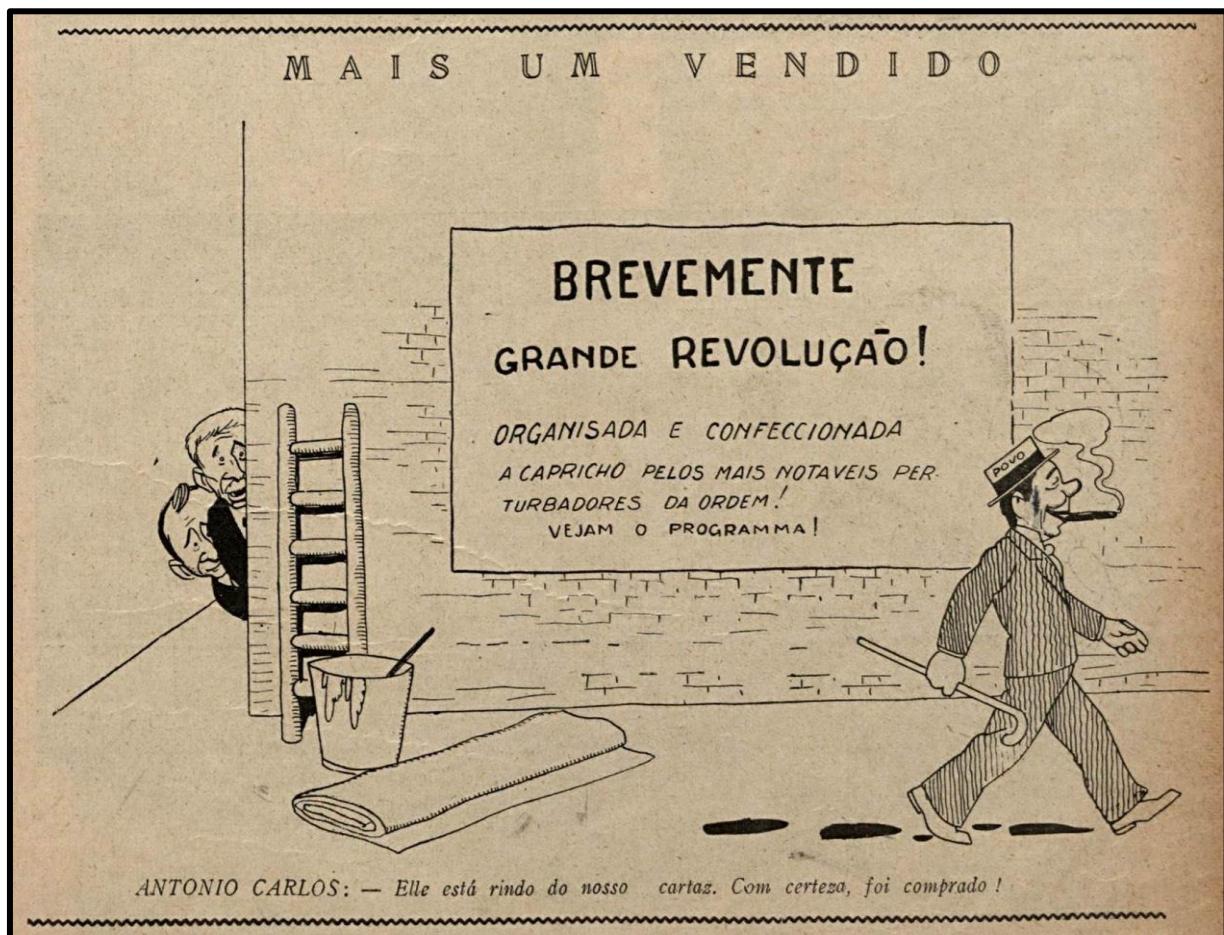


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



Antônio Carlos era metamorfoseado como um “pássaro de mau agouro”, ou seja, um abutre – animal que se alimenta da morte – que carregava a chama da revolução em seu bico, sendo observado pelo Jeca que dizia à dama republicana que teria sido necessário cortar as asas daquela ave antecipadamente, para que ela não mais tivesse condições de levantar qualquer

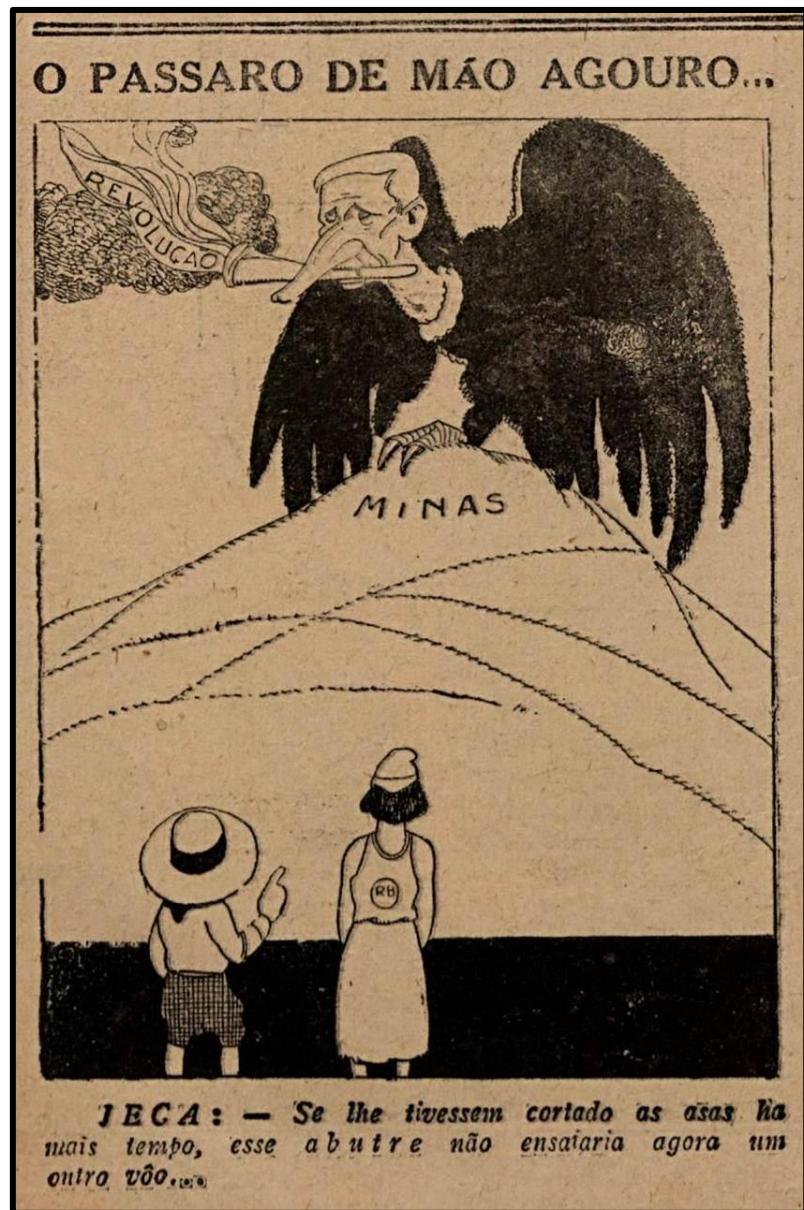
voo. Como um aviador, Washington Luís perguntava a uma figura feminina que representava a paz, se ele já poderia aterrissar no solo da nação, ao que ela chamava atenção para a presença de tocaias para o Presidente, havendo a presença de homens armados escondidos atrás de rochas e de Antônio Carlos oculto em um tronco. Os aliancistas como revolucionários eram apresentados como soldados russos, em alusão aquilo que era considerado como a subversão comunista, dentre eles, Ribeiro de Andrade, que pressentia a chegada da repressão oriunda da força de segurança pública<sup>32</sup>. O pedido de empréstimo de Antônio Carlos para recuperar o tesouro mineiro foi negado, havendo a presença de John Bull, que simbolizava o imperialismo britânico, que anunciaava a negativa para Antônio Carlos, por desacreditar em suas garantias, apontando que o político já tinha fama por não cumprir suas promessas. O político gaúcho era transmutado em bode, no caso um “expiatório”, por abandonar um cargo no governo gaúcho para “assumir publicamente a responsabilidade de chefe da ex-futura revolução”, revelando o pouco crédito que a revista lançava sobre os propalados atos de rebeldia. Aquilo que o periódico considerava como fraquezas aliancistas também eram ressaltadas, como no caso de Antônio Carlos que não teria “estômago” para consumir a bebida da “coragem” e da “independência”, ao passo que tal político mineiro, junto de Epitácio Pessoa e Getúlio Vargas se mostravam incapazes de mover com a montanha das instituições nacionais, com a presença do “Povo”, atestando essa incapacidade<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 5 jul. 1930.

<sup>33</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 12 jul. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





O mandonismo partidário foi apresentado pelo periódico, ao mostrar o Partido Republicano Mineiro como um boneco de ventriloquo que perdia a fala porque seu ventriloquista, Antônio Carlos, estava impossibilitado, por padecer de uma “dor de barriga”. Com uma vitória arrasadora da União Conservadora sobre a Aliança Liberal, demarcada em placar – como se fosse uma disputa desportiva – frente ao qual dois espectadores faziam troça de um desenxabido Osvaldo Aranha. A repressão governamental na Paraíba continuava a ser denunciada, com um policial em perseguição a uma criança que brincava com uma espada de papelão. O predomínio dos interesses pecuniários de Epitácio Pessoa voltava à baila, chegando ele a cogitar um abandono da oposição, tendo em vista a fracassada tentativa mineira de obter um empréstimo. Ribeiro de Andrade foi também retratado como um escultor que fizera uma estátua da revolução, pretendendo que ela partisse para cumprir seu papel, ação negada peremptoriamente pela alegoria. Na troca de retratos no gabinete governamental mineiro, José Bonifácio recomendava o encaminhamento para o museu de um quadro que trazia a efígie de Antônio Carlos, ao que reagia o Jeca, imaginando que a imagem poderia ir para a identificação policial, tendo em vista os supostos crimes cometidos pelo governante. A folha apontava ainda o sucesso de Júlio Prestes – em plena harmonia com o Tio Sam – em sua viagem aos Estados Unidos, despertando um desesperado despeito de parte dos aliados<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 12 jul. 1930.

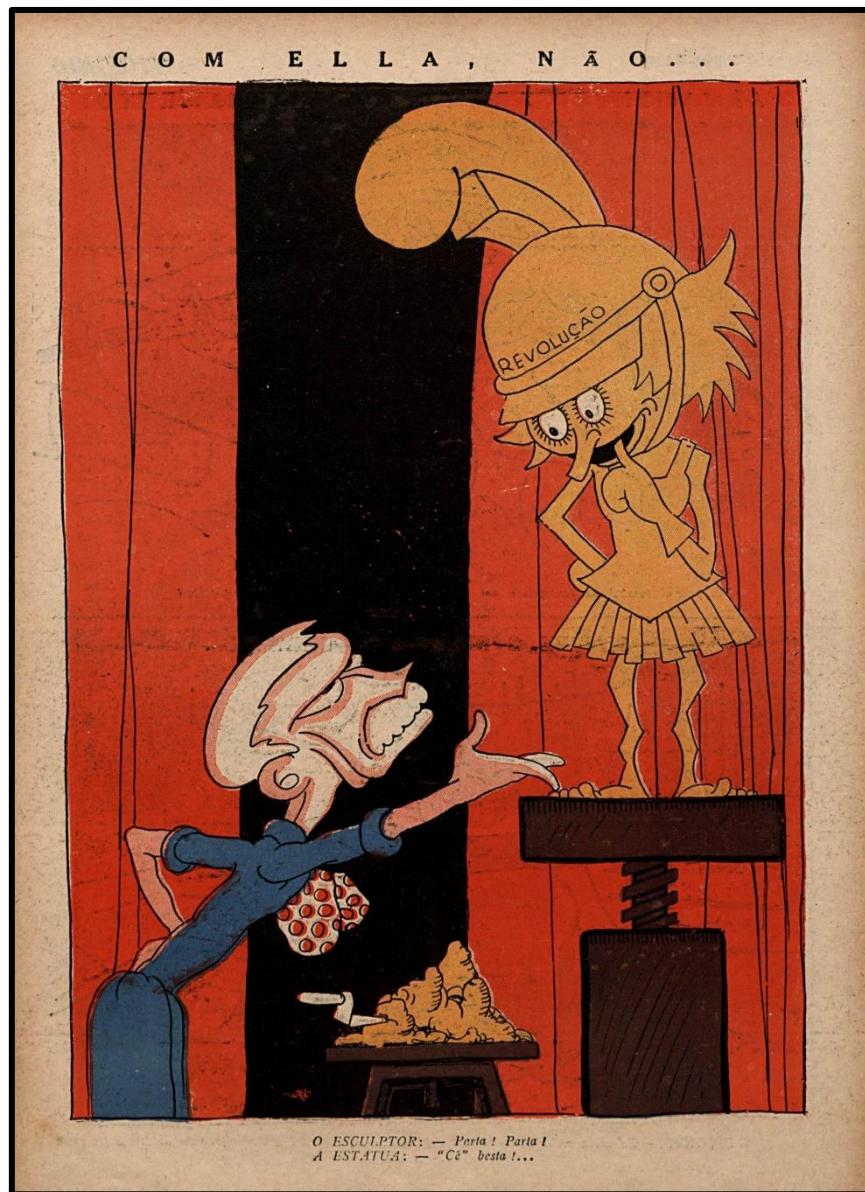


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

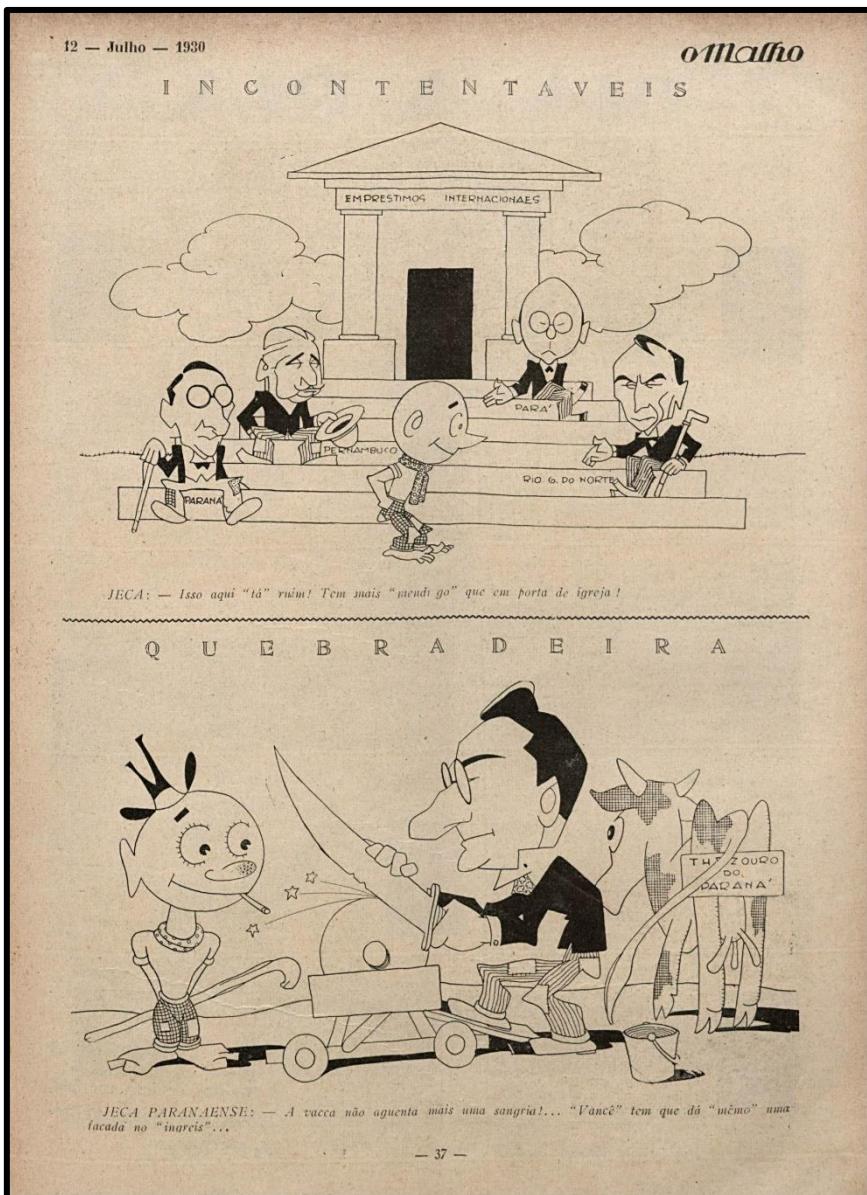




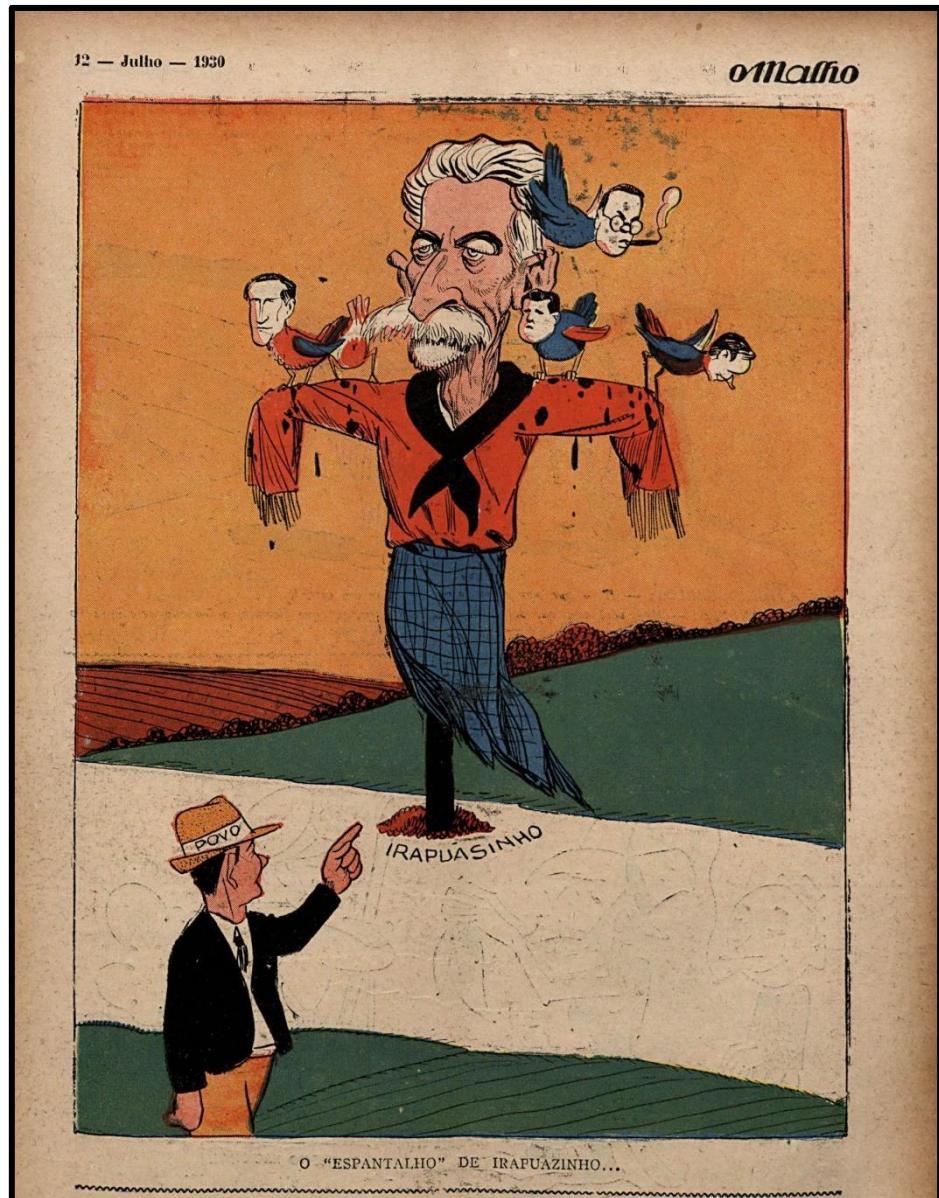
As dificuldades financeiras de diversos Estados eram demonstradas na caricatura “Incontentáveis”, na qual os governantes apareciam como mendigo, e “quebradeira”, em que o governo paranaense preparava-se para sangrar a vaca que representava o tesouro estadual. Em outra ilustração, sob o olhar do povo, Borges de Medeiros era transformado em um espantalho, que não despertava nenhum temor por parte dos aliancistas gaúchos. Observados por Washington Luís, João Neves da Fontoura e Antônio Carlos conversavam sobre a possibilidade de “negociar um acordo” com o governo federal, sem deixar de despertar intensa desconfiança, ainda mais que carregavam caixas identificadas com o “cambalacho”, no sentido da prática da tramoia e do embuste. Surgia a acusação contra Antônio Carlos por estar espalhando “boletins subversivos, concitando o exército à revolução”, tanto que o Zé Povo chamava-o de “pretidigitador maluco”, por estar querendo hipnotizar um monumento de bronze voltado a homenagear os militares. O espírito revoltoso de Osvaldo Aranha era aplacado pela ação de Borges de Medeiros que, com um espanador buscava eliminar as teias elaboradas por aquele, identificadas com “preparativos bélicos”, “revolução” e “ameaças”. Já Epitácio Pessoa permanecia desolado, por não conseguir aplacar a revolta de Princesa. Os líderes aliancistas eram mostrados como naufragos que navegavam em uma jangada improvisada, em cena pela qual Getúlio Vargas questionava o que fariam se aparecesse um barco para salvá-los, ao que Antônio Carlos dizia que eles deveriam antes de tudo apresentar as suas condições, demarcando uma suposta arrogância de elementos que, vencidos, não teriam nenhuma condição de negociação<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 12 jul. 1930.

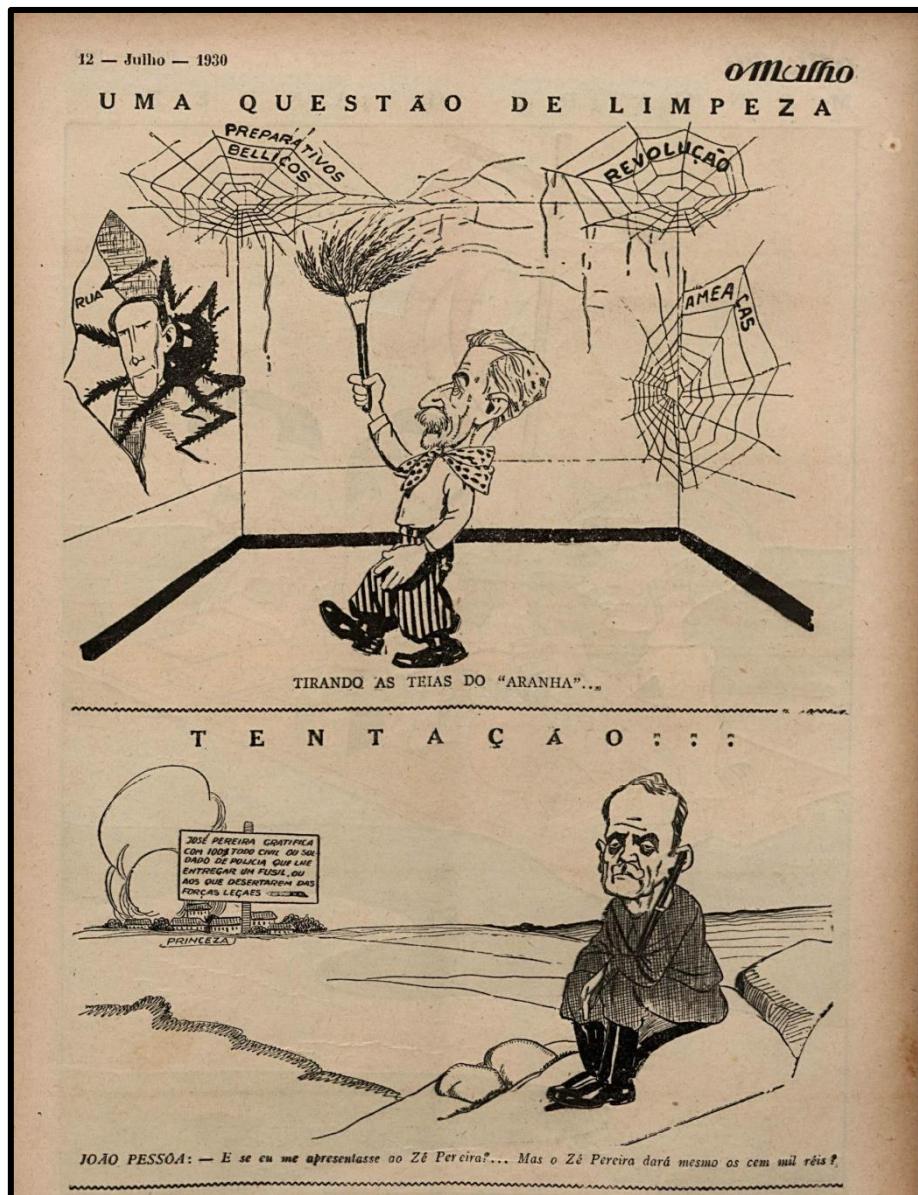


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





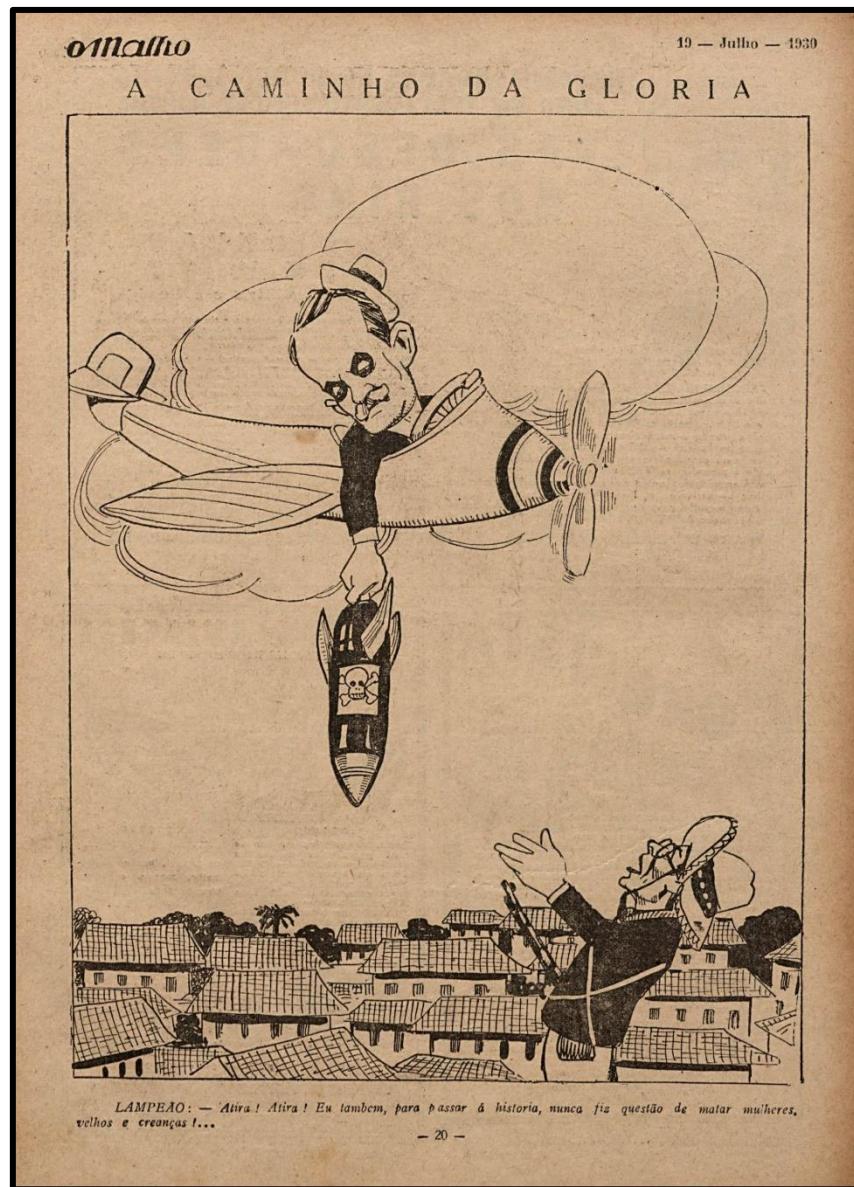
O hebdomadário mostrou em mais uma de suas capas a estupefação diante da soltura dos envolvidos nos crimes políticos praticados em Minas Gerais supostamente com o mando de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, em caricatura na qual dois indivíduos comentavam sobre o festejo de indivíduos mal-encarados em torno de um juiz do Supremo Tribunal. Um possível ataque aéreo por parte de João Pessoa à localidade de Princesa era considerado como um ato censurável, que não seria cometido nem mesmo por um malfeitor como o cangaceiro Lampião. A fiscalização militar federal em relação a caminhões que poderiam estar carregando munições gerava o protesto de Antônio Carlos, sob a justificativa de que se tratava do transporte de “armas de carga”, no que era contraditado por um fazendeiro. Diante da perda de um empréstimo junto à Grã-Bretanha – representada por John Bull – por parte de seu partidário Afrânio de Melo Franco, Antônio Carlos se mostrava desesperado quanto ao seu destino político. As críticas da revista direcionavam-se também às lideranças estaduais, como foi o caso do Presidente do Estado do Pará, Eurico de Freitas Vale, foi qualificado como incapaz, tanto que a mensagem que deveria preparar serviria para comprovar a sua “incúria administrativa”; também questionou a compatibilidade entre Fúlvio Coriolano Aducci e José Acácio Soares Moreira para governarem Santa Catarina; e colocou em dúvida práticas econômico-financeiras do governador paranaense Afonso Camargo, duvidando quanto à sua “probidade administrativa”<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 jul. 1930.

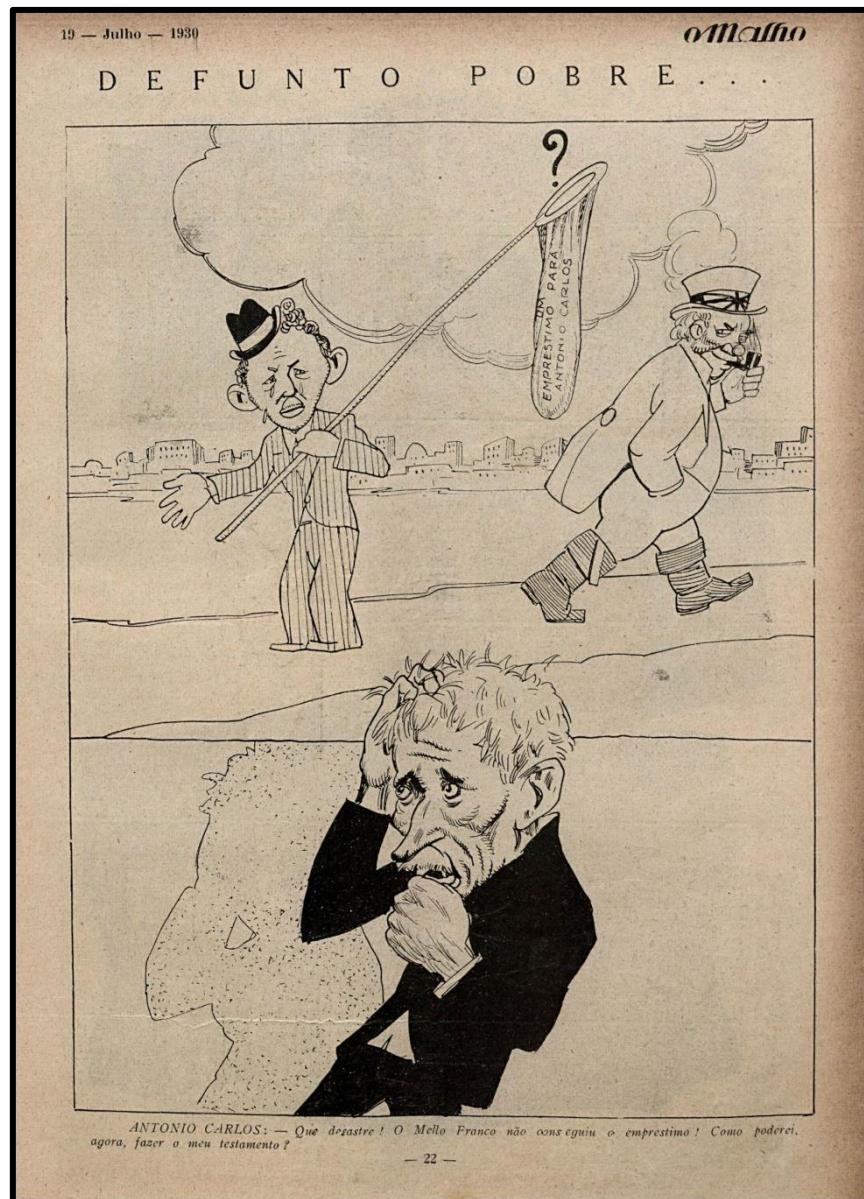


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





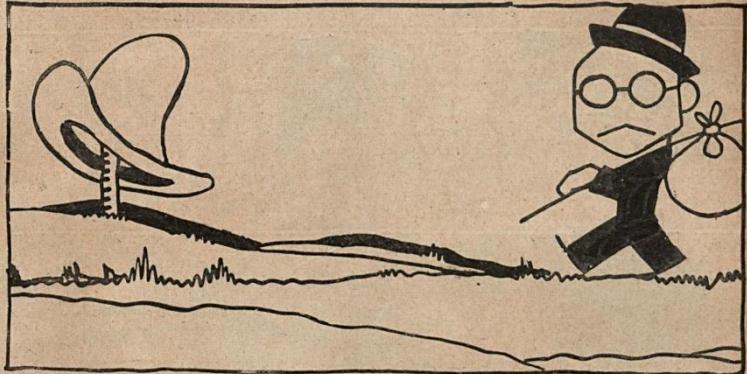
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



19 — Julho — 1930

*o Malho*

O LOGAR NÃO "INFLÓE"...



*O Sr. Eurico Valle foi passar um mês em Chapéu. Virado para compor a sua Mensagem.*



*Mas, de Chapéu Virado, ha de sair uma boa bisca.*

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



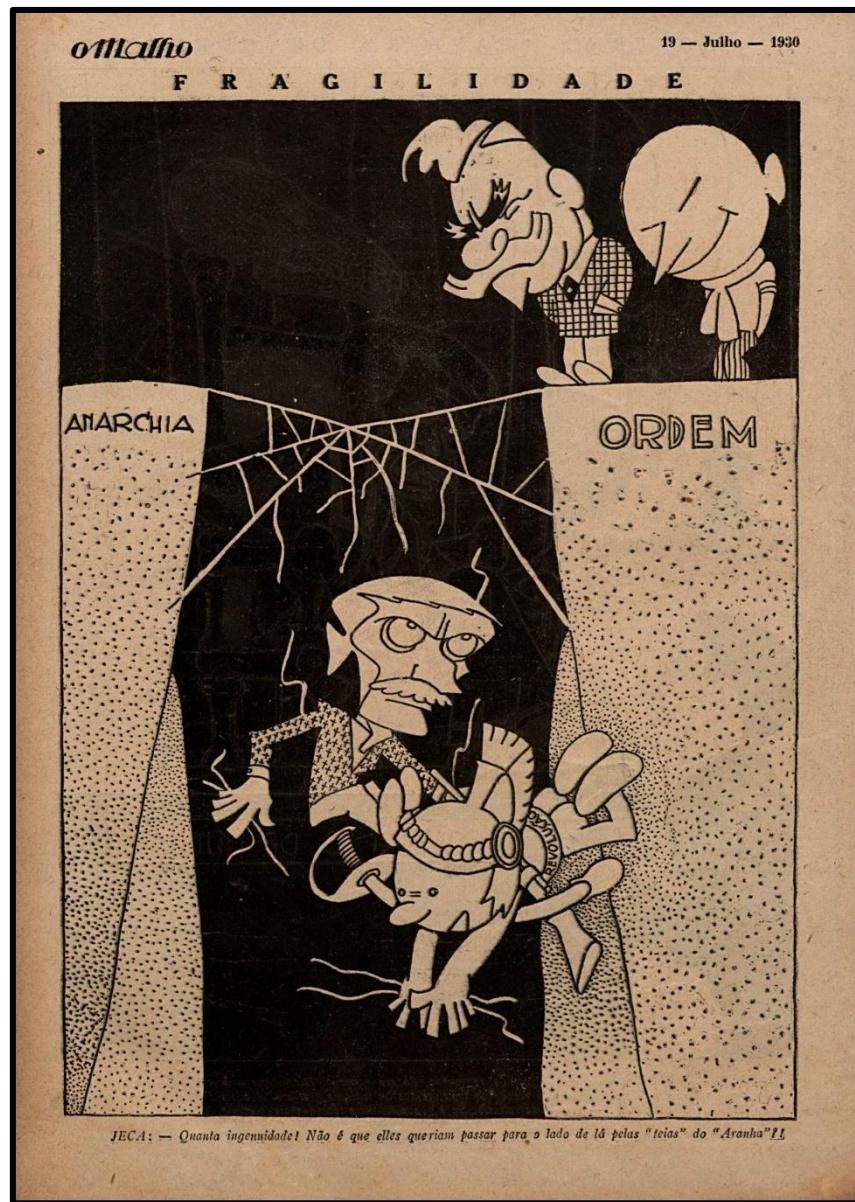
Quanto ao Estado de Minas Gerais, Antônio Carlos, tradicional adversário do periódico, era considerado como alguém que estaria realizando um “governo ‘caveira de burro’”, ou seja, sem qualquer condição de dar certo e, diante da reclamação do “Povo” quanto à precária situação dos mineiros, o governante dizia que havia a necessidade de sacrifícios. O magazine ilustrado apontava também aquilo que considerava como “fragilidade” dos projetos revolucionários, com Antônio Carlos e a alegoria da “revolução” caindo em um precipício entre a “anarquia” e a “ordem”, estando até sustentados em uma frágil teia de aranha, ao passo que à borda da “ordem”, a cena era observada por Washington Luís e pelo Jeca, o qual constatava que aqueles que estavam em queda tinham sido ingênuos ao tentar atravessar para o lado da “anarquia” utilizando-se das tênues “teias” tecidas pelo aliancista gaúcho Osvaldo Aranha. Ainda sobre a inviabilidade da proposta revolucionária defendida por Osvaldo Aranha, a folha apresentava-o como um “artista de circo”, que organizava todo o espetáculo que, ao final, não se confirmava pela falta de elenco. Considerados como “bandidos”, os implicados nos crimes políticos em Minas eram soltos da cadeia para regozijo de um juiz e exaltação de Ribeiro de Andrade. Diante da pergunta de um cidadão à força policial se o governador João Pessoa já havia tomado a localidade rebelde de Princesa, ele passou a ser fortemente xingado e agredido, tal qual fosse um criminoso. A publicação exigia o julgamento dos líderes aliancistas paraibanos, mineiros e gaúchos, que estariam sendo vigiados de perto pelo “olho” do governo federal<sup>37</sup>.

---

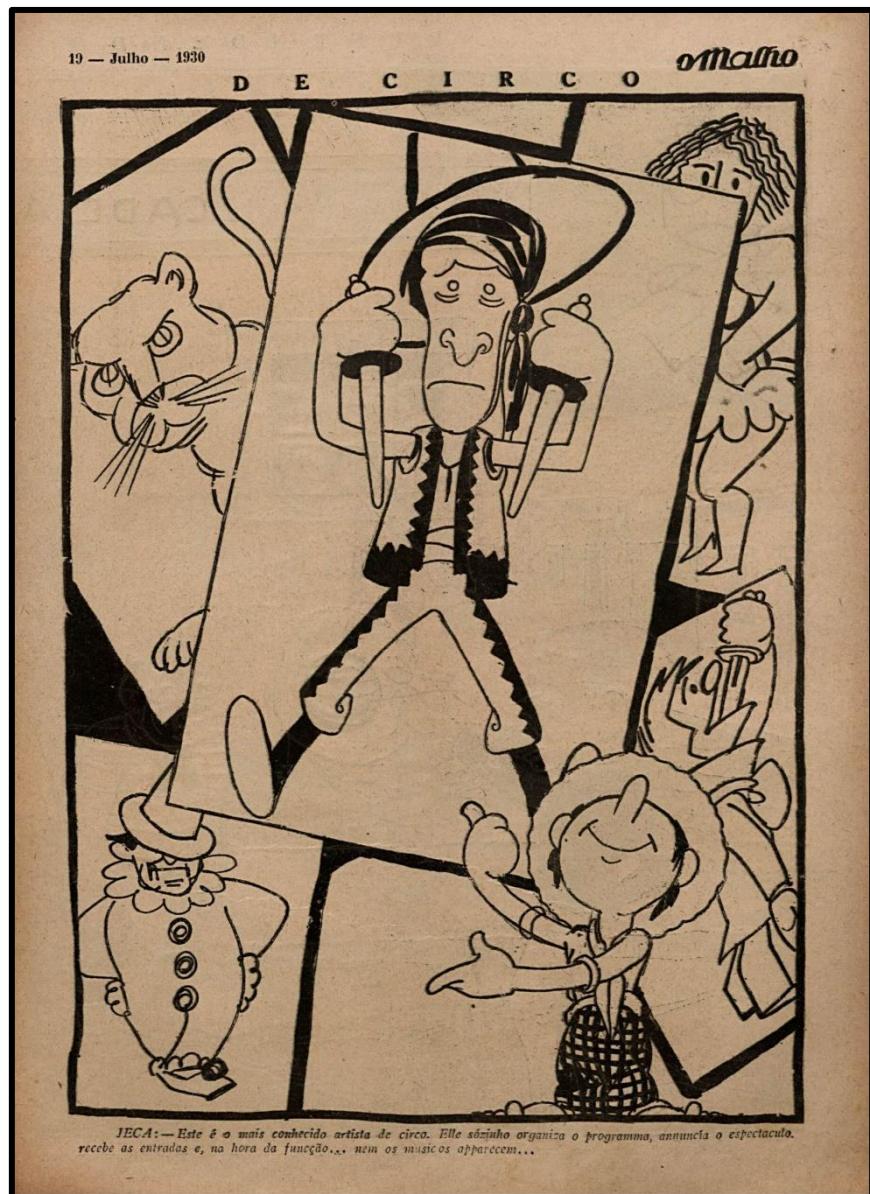
<sup>37</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 jul. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



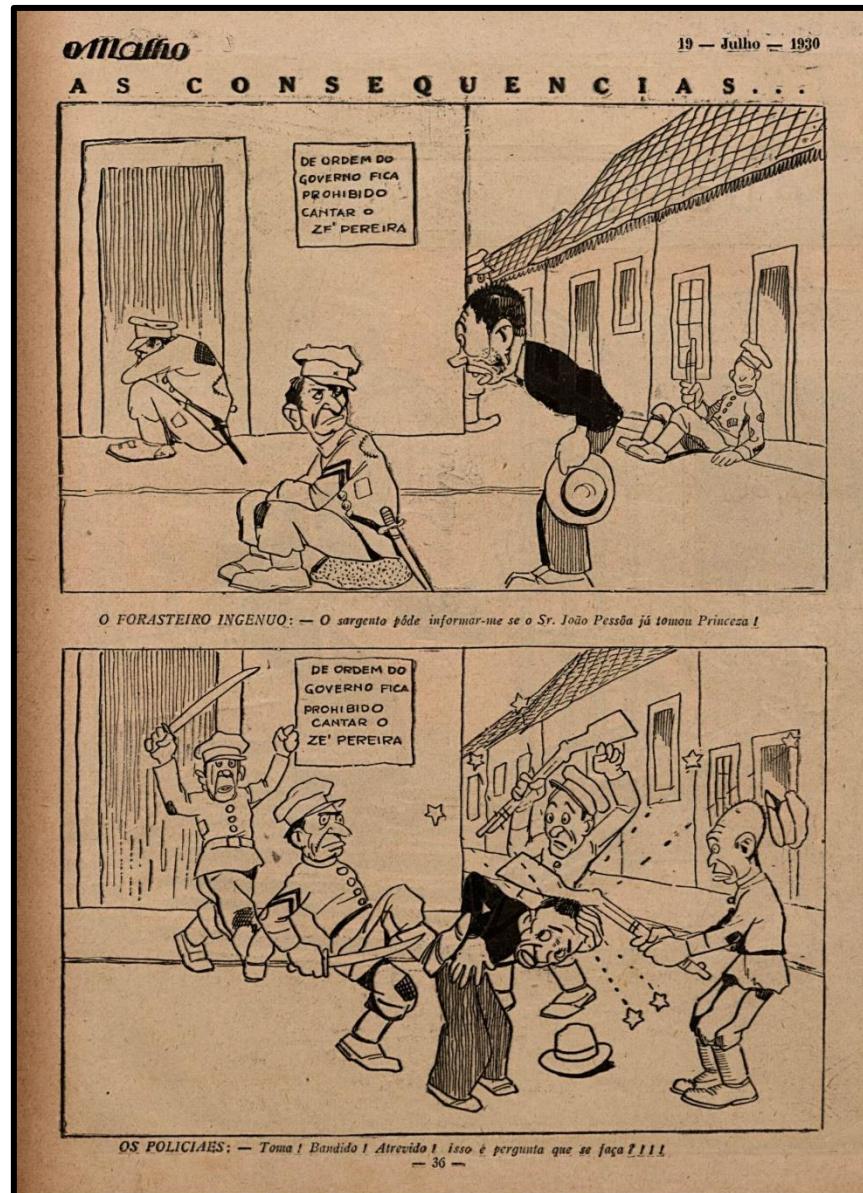


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





O chefe político mineiro Antônio Carlos era mais uma vez mostrado em “desespero”, pois estaria condenado ao “ostracismo”, enquanto o Presidente eleito, Júlio Prestes, travara diversos contatos com governantes de diversas partes do mundo<sup>38</sup>. Com o crescimento da popularidade do futebol, o semanário trazia uma capa dominada pela figura de uma bola murcha, apontando para a possibilidade de aproximação entre associações desportivas e mesmo de um realinhamento entre os Partidos Republicanos Paulista e Mineiro, representados por Júlio Prestes e Olegário Maciel, este controlando a corda que prendia Ribeiro de Andrade pelo pescoço. Em conversa com Getúlio Vargas e Borges de Medeiros, segurando o retrato de uma concorrente gaúcha a um concurso de beleza, Antônio Carlos observava ali “os primeiros frutos da campanha liberal”, pois o Rio Grande do Sul, ainda que não tivesse conseguido eleger um Presidente da República, fizera ao menos “uma rainha”. Voltando seu olhar mais uma vez para as questões regionais, o periódico fazia referência ao governante pernambucano Estácio de Albuquerque Coimbra, demarcando que o mesmo tinha um “expediente volumoso”, voltado a tratar de questões pessoais, sem ter tempo sequer para atender a um “contribuinte”<sup>39</sup>.

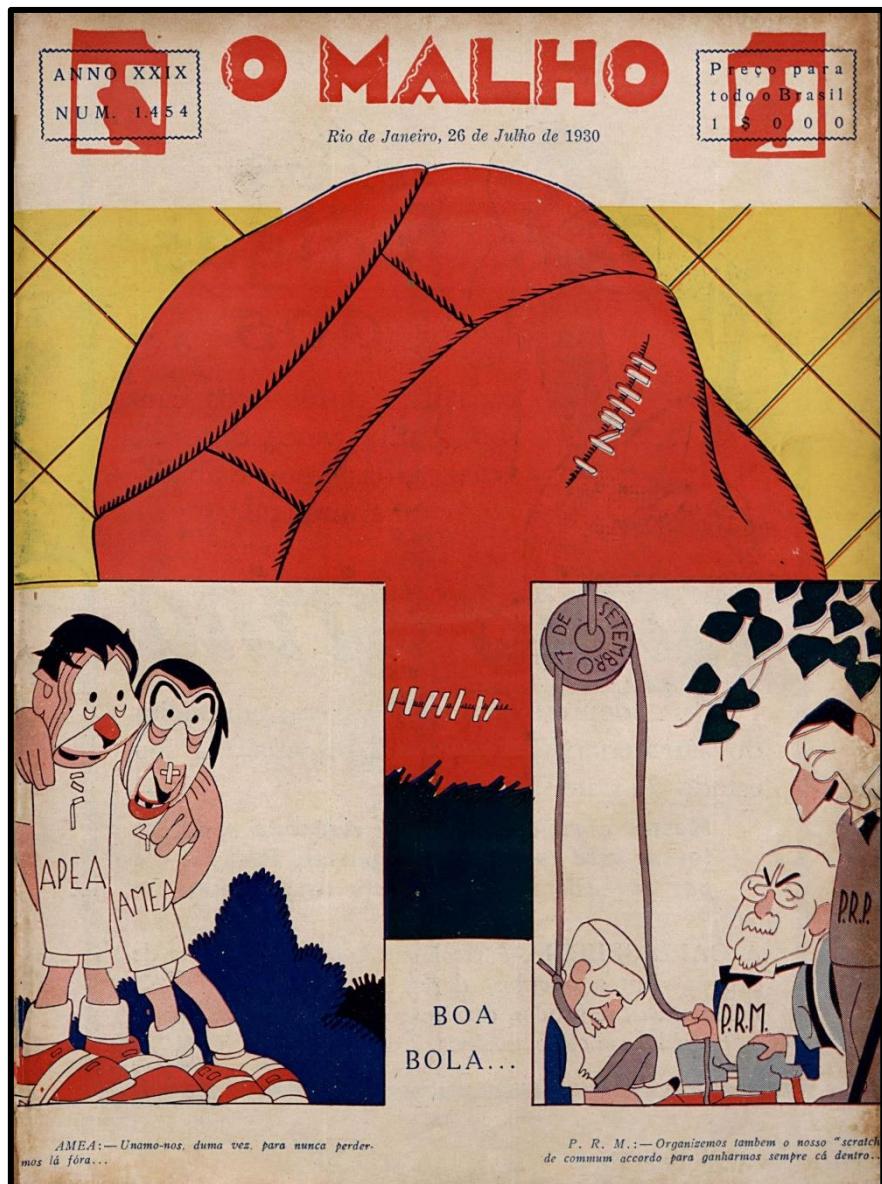
---

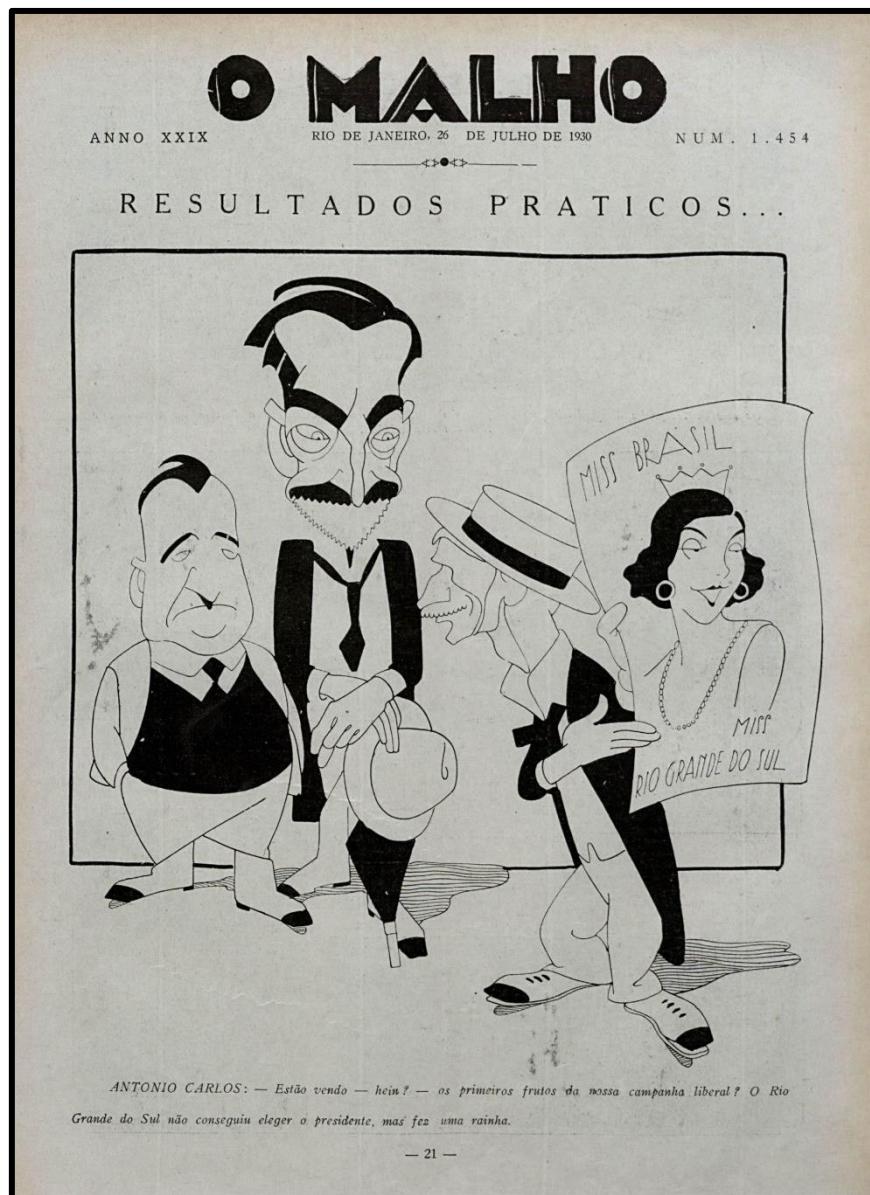
<sup>38</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 jul. 1930.

<sup>39</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 26 jul. 1930.

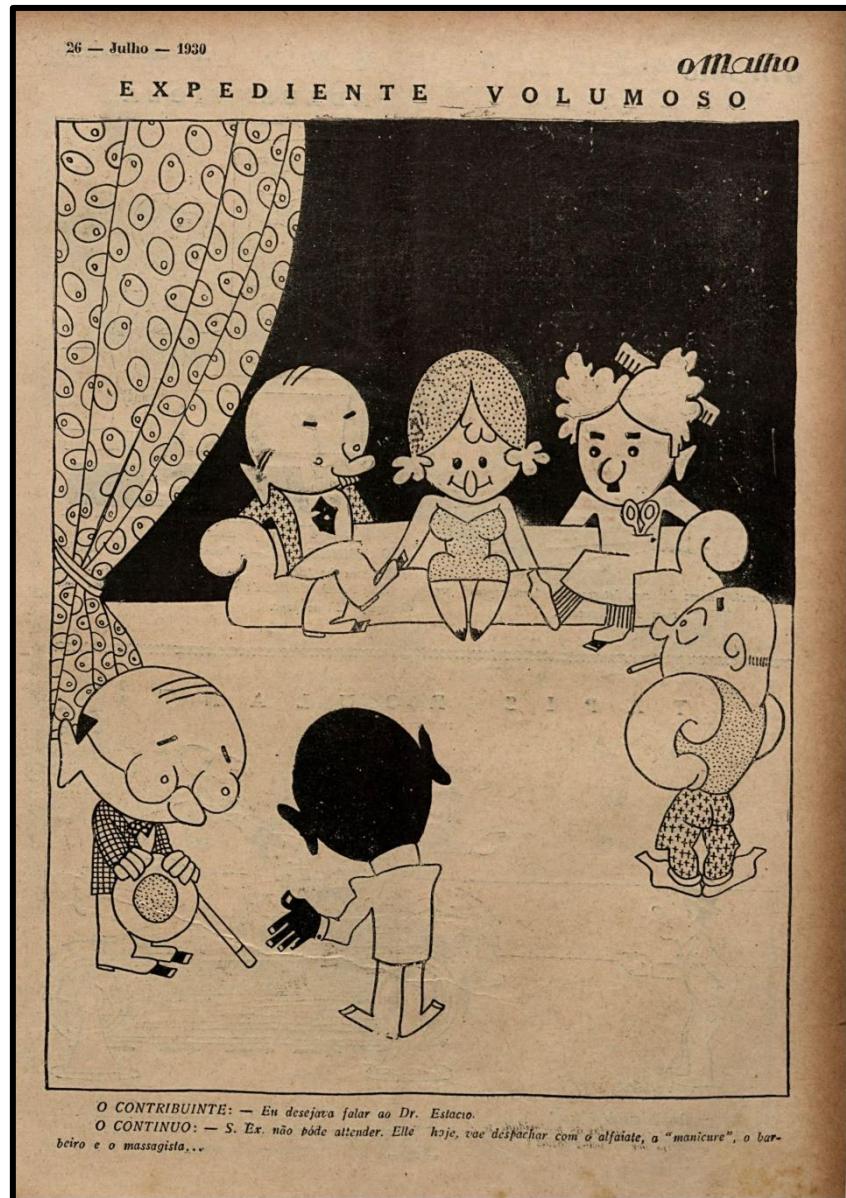


ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



A Paraíba voltava a ocupar a pauta do semanário com João Pessoa fazendo estrepolias aéreas, qualificadas como “molecagens” para atacar Princesa; um representante tinha grande insucesso ao tentar reaver dinheiro que havia sido repassado ao mineiro Antônio Carlos; enquanto aliancistas diziam correr para agir em socorro da Paraíba, entretanto, o deslocamento era em um esteira rolante que não os levava a lugar nenhum. Certas divisões em meio aos aliancistas gaúchos foram representadas por desenho em que Lindolfo Collor partia para o Rio de Janeiro para assumir sua função de líder da bancada gaúcha, em lugar de João Neves da Fontoura, que partia de volta para o Rio Grande do Sul, sendo recebido por outro parlamentar rio-grandense, Plínio de Castro Casado, enquanto Batista Luzardo permanecia no Rio Grande do Sul e Assis Brasil no Uruguai. Com certo humor negro, a folha mostrava a gratidão dos “bandidos” envolvidos com violência política em Minas Gerais que, como um “gesto de gratidão”, levavam um presente a Antônio Carlos, ou seja, uma cadeira elétrica para que ele pudesse “descansar em paz”. O mesmo tema era demonstrado em caricatura que intentava apresentar a fragilidade da frente única gaúcha, pois estaria se fragmentando a união entre os republicanos de Borges de Medeiros e os libertadores de Assis Brasil, havendo o papel preponderante de Osvaldo Aranha e Flores da Cunha na promoção de tal cisão<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 26 jul. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



O "Garoto" numa das suas interessantes "molecagens" por  
cima de Princeza...

26 — Julho 1930

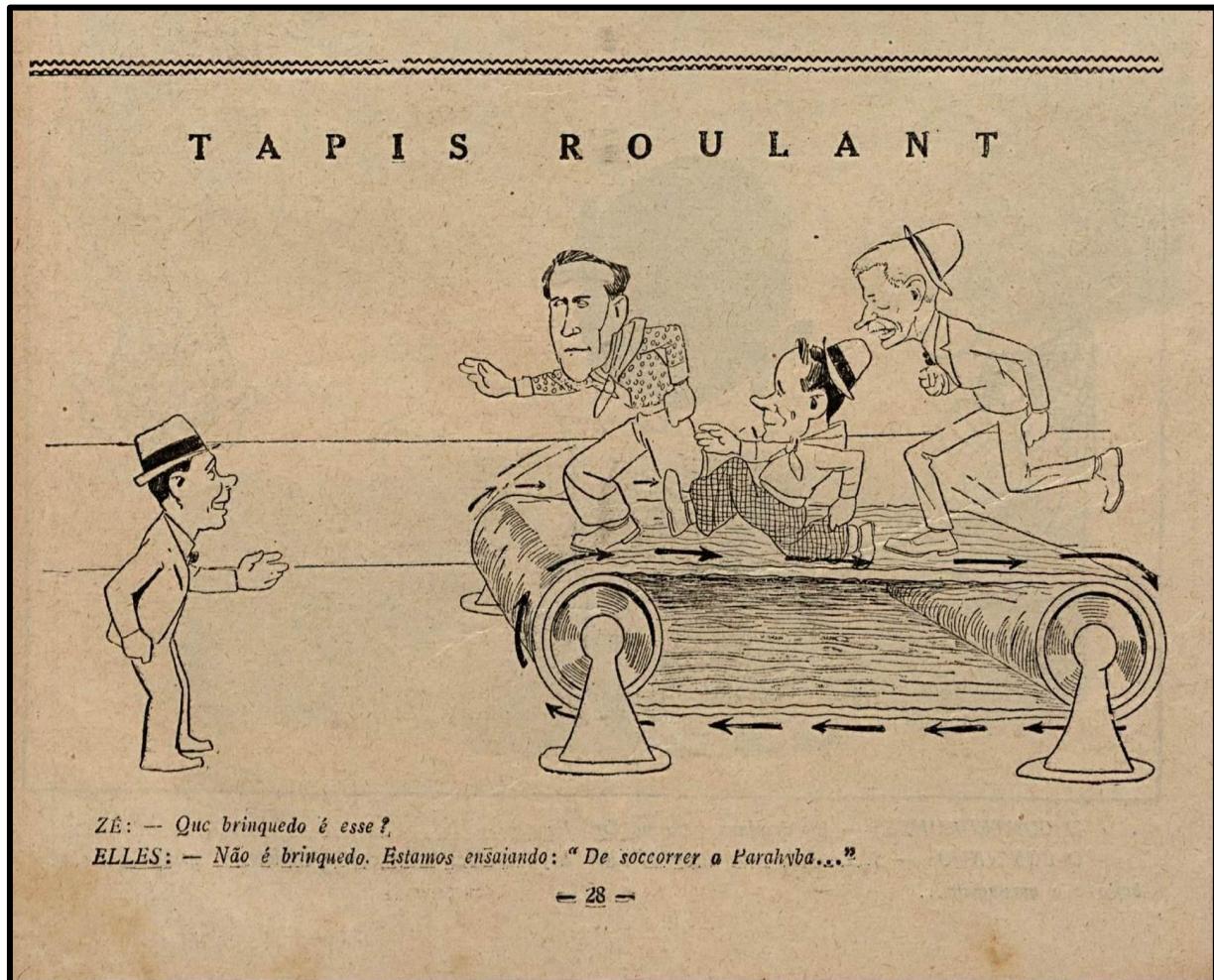
A D E U S   V I O L A

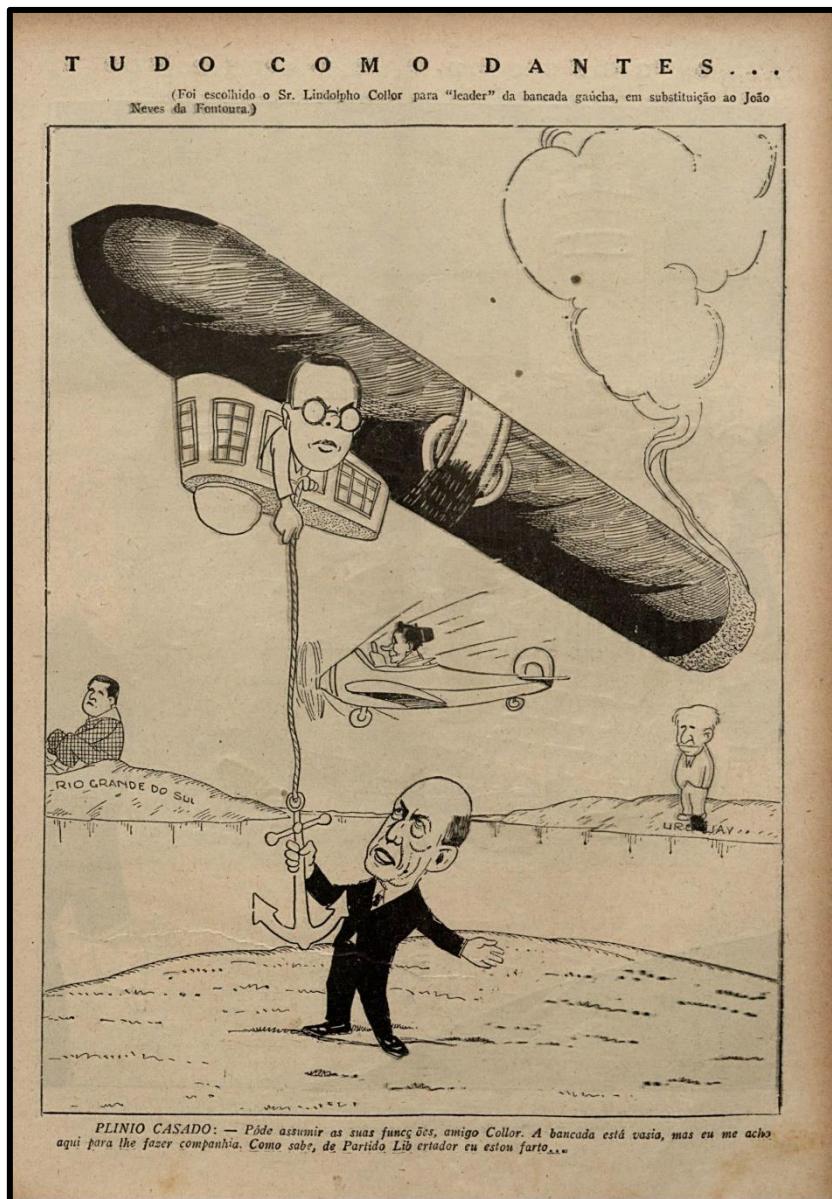


O COMMISSARIO: — O "doutô" João Pessoa mandou "pedi" para the "devolvê" aquelles dois mil contos...

ANTONIO CARLOS: — Não vê... Dinheiro que cêde aqui, "tá" no papo.

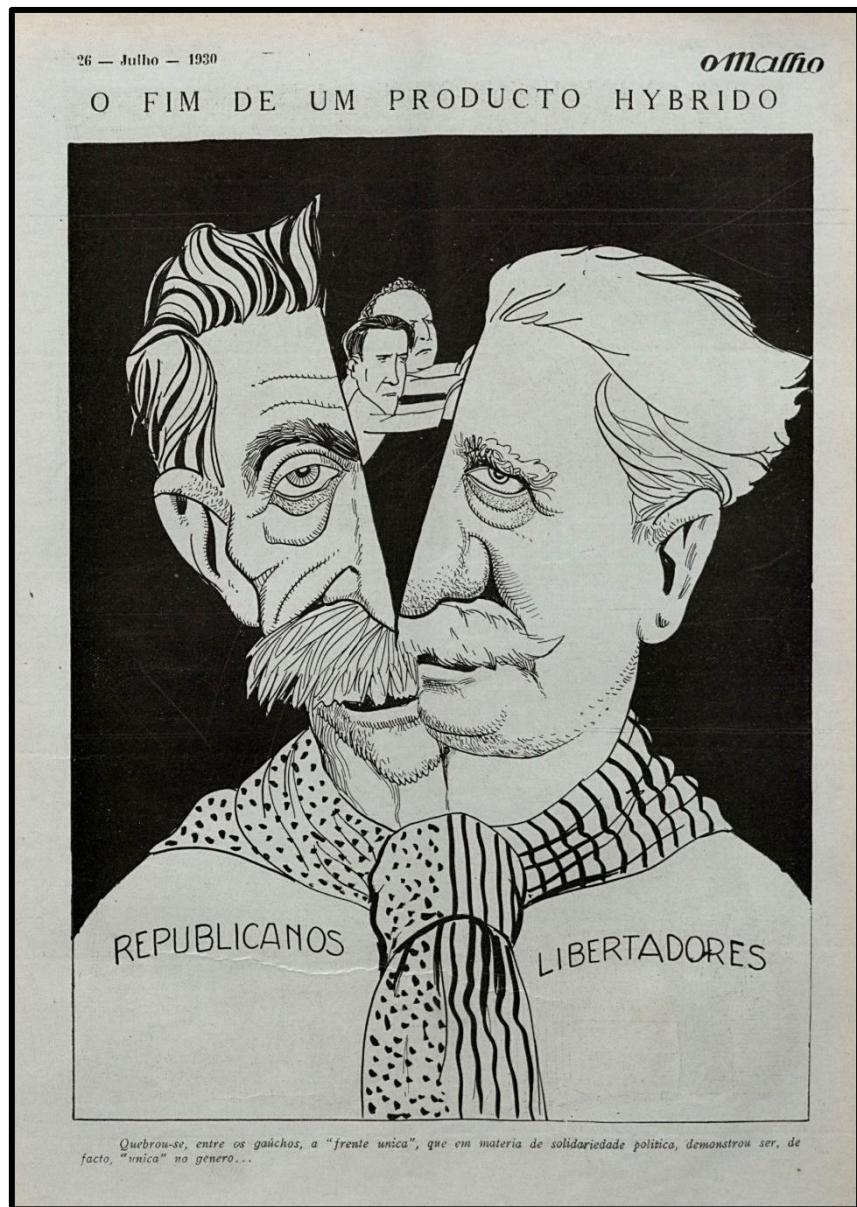
ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





Os temas políticos estaduais voltavam a ocupar a arte caricatural da publicação com o governante de Santa Catarina sendo considerado como um “ilustre desconhecido”, o do Ceará como pouco honesto, ao passo que o do Maranhão era tratado jocosamente por uma variação em seu sobrenome. Comparado a um Tartarin, ou seja, voltado à arrogância e à mentira, em um ambiente de contos de fadas, o gaúcho João Neves da Fontoura se via na necessidade de devolver a espada do poder para o velho chefe Borges de Medeiros, uma vez que tal arma branca não cabia na sua bainha, identificada com a revolução. As dificuldades de acertos nas atitudes dos aliancistas eram demonstradas na presença de Antônio Carlos diante de uma esfinge que teria dificuldades para decifrar. Já no contexto piauiense, o governante João de Deus Pires Leal era questionado pelo Jeca quanto a suas ações no campo das finanças públicas; ao passo que, na conjuntura catarinense, a representação do povo de tal Estado apontava que o seu governante não passava de um desconhecido. Já em Minas Gerais, o tradicional adversário da revista carioca, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, era encaminhado para a porta de saída de seu mandato, em direção ao “olho da rua”, de modo que por ali estaria a passar “o último dos Andradas”, cujo desejo de “todo o Brasil” seria o devê-lo “pelas costas”, imaginando assim que o “ostracismo”, tantas vezes demarcado pelo hebdomadário como destino do político mineiro, estaria prestes a tornar-se efetivo<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 26 jul. 1930.

Assim, no trimestre decorrido entre maio e julho de 1930, *O Malho* permaneceu em sua campanha de antagonismo para com os membros da Aliança Liberal. Tal postura se iniciara em meados do ano anterior, e a própria revista demarcava que tinha apoio de seu público leitor ao sustentá-la, afirmado que, “pela atitude assumida em face da campanha política que agita o país”, o periódico “só aplausos está recebendo, dia a dia, de toda a parte”, fator que o levou “a aumentar o verdadeiro fogo de barragem a que vem submetendo, em páginas da mais acesa crítica, os falsos profetas” e “os fariseus da democracia brasileira”<sup>42</sup>. Aferrado à perspectiva da manutenção do status quo como sinônimo de estabilidade política e, portanto, econômica, o hebdomadário preferiu estar ao lado do situacionismo, com receio das transformações prometidas pela oposição. Nesse sentido, a publicação ilustrada defendeu ardorosamente o Presidente da República e o candidato eleito à presidência, assim como investiu com veemência contra os adversários aliancistas. A passagem da disputa no campo estritamente político para a tendência da conspiração revolucionária fez com que a folha caricata mantivesse o combate ao inimigo mesmo após a passagem do processo eleitoral, sustentando que os possíveis rebeldes também teriam insucesso em seus novos intentos de chegada ao poder, o que não viria a se confirmar e, com a mudança no controle do aparelho do Estado, *O Malho* viria a sofrer grave revés, com os ataques às suas oficinas e a suspensão de sua publicação.

---

<sup>42</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

*O QUE HÁ...*

No fluxo de expansão jornalística que marcou a conjuntura brasileira da virada dos anos 1920 aos 1930, houve na capital federal a circulação de inúmeras revistas ilustradas e humorísticas, que tiveram na longevidade uma de suas marcas registradas, como foi o caso de *O Malho*, da *Careta* e da *Fon-Fon*, ao passo que outras não conseguiram manter suas edições de forma tão perene. Nesse quadro esteve a revista *O que há...*, que se apresentava como “grande magazine popular”, e foi editada em 1929 e 1930 no Rio de Janeiro. Suas edições se voltavam a fazer a revisão semanal, com preferência pela narração do cotidiano social e das atividades socioculturais, além da presença de temas literários. A parte ilustrada era composta essencialmente por registros fotográficos e inserções da arte caricatural.

Ao apresentar seu conteúdo, a revista definia que teria por finalidades “ensinar, divertir, informar, ser útil, ocupar bem o tempo, satisfazer a curiosidade” e “ser a enciclopédia semanal para todos”. Para tanto pretendia lançar “mão dos elementos ao seu alcance”, ou seja, “a fotografia, o lápis, os conhecimentos armazenados durante décadas e décadas de estudo” e “a arte em todas as suas expressões ideais e práticas”. Sob uma inspiração napoleônica segundo a qual era possível ver “melhor num croqui do que num relatório minucioso”, propunha-se a reduzir “o relatório à descrição inteligente”, utilizando “o croqui”. Dizia que naquela época de meios de comunicação e transporte cada vez mais rápidos, haveria “uma pressa incontida em todas as mentes”, vivendo-se “no século das vertigens”, de modo que, “compreendendo este momento em que não se pode perder tempo”, o magazine iria “tentar fazer das suas páginas um reflexo da vida atual em todas as suas modalidades e as

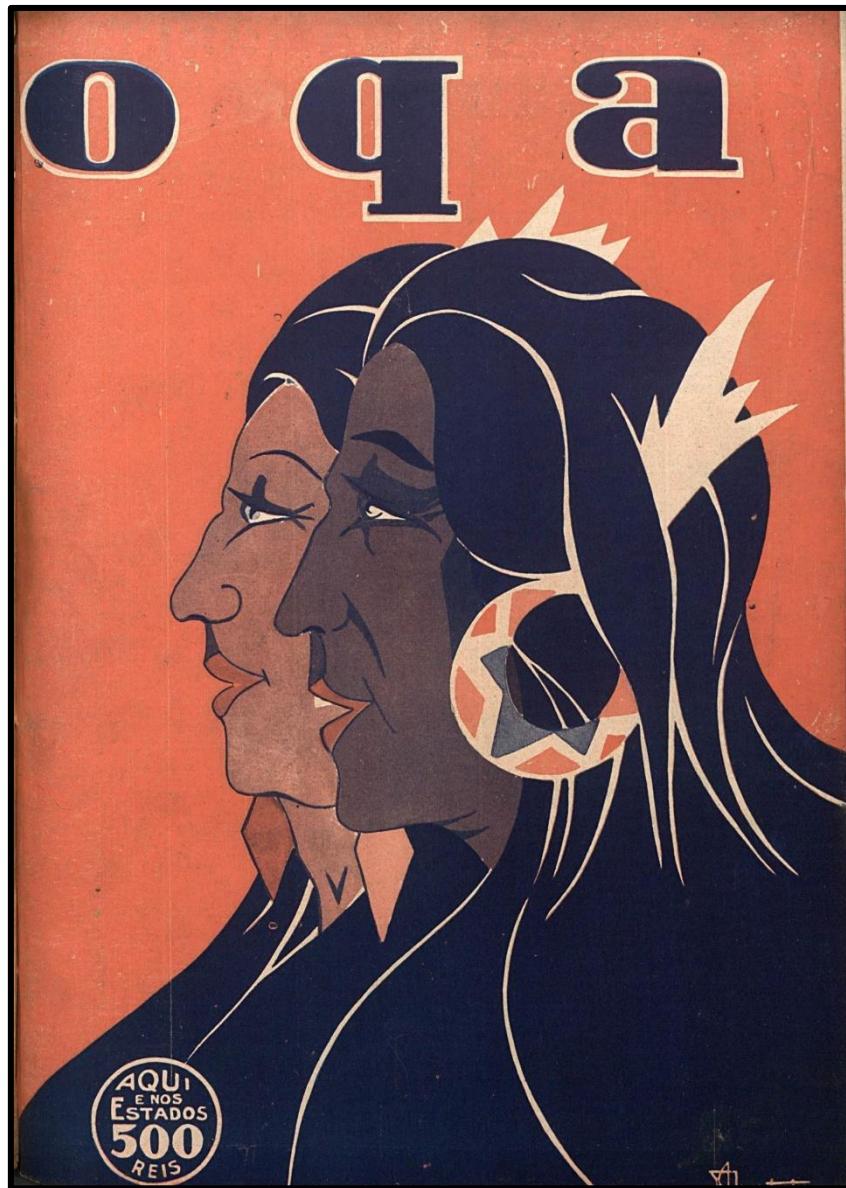
suas especulações". Garantia que "a sua curiosidade, que é a curiosidade dos seus leitores", não teria "fronteiras", procurando "vencer os obstáculos que for encontrando", servindo-os "utilmente", dos quais esperava "a boa vontade" de ser "compreendida"<sup>43</sup>.

Ainda ao expressar seu programa, o "magazine popular" declarava que levaria "a sua objetiva curiosa através do mundo, procurando ver o máximo para desse máximo escolher o melhor que deve oferecer aos seus leitores". Afirmava também que "a vida intelectual, a vida ativa, a vida laboriosa, a vida social dos Estados" preocupava "a curiosidade" da revista. Especificava que atenderia "com carinho às coisas do espírito", estando "suas páginas abertas para todos os nossos intelectuais, tornando-se o fascículo semanal dos poetas, dos escritores, dos sábios" e "dos artistas de todas as capacidades". Assim, enfatizava que, "na sua difusão *O que há...* não deseja o sucesso fácil", fazendo "antes questão de ser compreendido e acolhido como um amigo que deleita, instrui e faz esquecer, nos momentos de sua leitura agradável, os percalços e os desgostos da vida ativa de cada um"<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 8 nov. 1929.

<sup>44</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 8 nov. 1929.



No início de 1930, a revista anuncia a entrada em uma “nova fase”, apresentando-se “ao seu grande público numa nova transformação, na ânsia de conseguir a perfeição sonhada”, a qual representaria “um gesto de audácia”, que buscava “surpreender os seus leitores”. Tal audácia estava vinculada ao intento de “transformar a revista eminentemente popular numa revista elegante”, mesmo que isso representasse “um aumento volumoso de despesas, num momento de crise angustiosa”. Nessa linha pretendia que “a crisálida de ontem” passasse “a ser a borboleta de hoje”, uma vez que sendo “a revista destinada a instruir/deleitando, a ensinar pela gravura e pelo texto escolhido”, seria “fatal que o plano primitivo fosse sofrendo as modificações impostas pelo desejo insatisfeito de bem servir ao grande público o melhor possível”. Informava que haveria um aumento no custo do exemplar, o qual seria “compensado com o excesso de páginas em papel escolhido e impressas em cores, para melhor apresentação dos assuntos explanados”. Oferecia assim “a imagem fotográfica dos grandes acontecimentos ao lado da nota inédita, da nota literária, da informação científica e de um texto de variedades opulento e escolhido”<sup>45</sup>. Ao completar seu aniversário, o “grande magazine ilustrado popular” renovava seu escopo de estar dedicado “a ser uma permanente e inteligente utilidade para os seus leitores e amigos”, ao oferecer na “leitura das suas páginas a colaboração dos nossos melhores artistas e da pena e do lápis” e “esforçando-se para eu o seu aspecto gráfico melhore de número para número”<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 15 mar. 1930.

<sup>46</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 7 ago. 1930.

A presença de algumas personalidades da vida política brasileira deu-se por meio de retratos caricaturais expressos na seção “As figuras do dia”, na qual aparecia a efígie caricatura do personagem e uma breve frase que caracterizava a sua atuação. A caricatura constitui “traço, desenho, gravura, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica”. Tal termo deriva-se de “*caricare*”, que “quer dizer fazer carga contra alguém ou sobre alguma coisa”. Igualmente “inovadora e influente como os grandes satíricos da literatura universal, a caricatura se mantém no tempo como fonte contundente e inesgotável de humor”. O caricaturista, por sua vez, é o “autor, aquele que cria, traça ou faz caricatura”. Ele “possui estilo próprio e se realiza, especialmente, não por ser exímio desenhista, e sim por saber expressar em traços, sinais, desenhos, a natureza crítica da caricatura”, sendo “capaz de elaborar e celebrar, com manchas sumárias, figuras, para cuja fisionomia contribui de forma grotesca, burlesca ou simplesmente ridícula”<sup>47</sup>.

A arte caricatural “consiste em apreender” um “movimento, por vezes imperceptível, e torná-lo visível a todos os olhos, aumentando-o”, de maneira que “obriga os seus modelos a fazerem caretas como eles próprios as fariam”. Assim, o desenhista de caricaturas “adivinha, por debaixo das harmonias superficiais da forma, as revoltas profundas da matéria”, pondo “a claro desproporções e disformidades que poderiam ter existido na natureza em estado de veleidade, mas que não puderam concretizar-se, recaladas por uma

---

<sup>47</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63-64.

força melhor". Nesse sentido, "a sua arte, que tem qualquer coisa de diabólico, põe em evidência o demônio que venceu o anjo", aparecendo como "uma arte que exagera e por isso é que se dá uma definição muito errada quando se lhe assinala como fim um exagero", já que "há caricaturas mais parecidas do que retratos, caricaturas onde mal se nota o exagero e inversamente também se pode exagerar ao máximo sem obter um verdadeiro efeito de caricatura". Dessa forma, "para que o exagero seja cômico" torna-se necessário "que apareça não como um fim, mas como um simples meio de que o desenhador se serve para tornar manifestas aos olhos as contorções que ele vê esboçarem-se na natureza", ou seja, "é esta contorção que importa" e "que interessa"<sup>48</sup>.

O primeiro personagem a aparecer em "As figuras do dia" foi o político gaúcho Antônio Augusto Borges de Medeiros, que governou o Rio Grande do Sul por um longo período. Foi o herdeiro político de Júlio de Castilhos, mantendo o domínio do regime castilhista, autoritário, centralizador, concentrador de poder, personalista, exclusivista e embasado em princípios positivistas por quase toda a República Velha. Apoiou a Aliança Liberal, mas, com a derrota desta, demonstrou certa hesitação em seguir ou não o caminho da revolução, mormente a partir dos testemunhos ambíguos que prestava à imprensa, tanto que a revista carioca o apresentou como "campeão da entrevista política"<sup>49</sup>. Outro destaque foi para o engenheiro e professor fluminense André Gustavo

---

<sup>48</sup> BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31-32.

<sup>49</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 3 abr. 1930.

Paulo de Frontin, que teve participação relevante nas reformas urbanas que modernizaram a capital federal. Foi prefeito do Distrito Federal, deputado e senador e, nas eleições de 1930, apoiou a candidatura situacionista de Júlio Prestes e, com o processo revolucionário, defendeu a manutenção da ordem e condenou a revolução, sendo identificado pelo magazine popular como “o homem do guarda-chuva”, de um hábito retratado recorrentemente pelas próprias revistas ilustradas<sup>50</sup>. A próxima figura era do então Presidente da República Washington Luís Pereira de Sousa, nascido no Rio de Janeiro, mas que se lançou na vida política por São Paulo. Sua carreira envolveu as funções de vereador, intendente, deputado estadual, prefeito, governador e senador, até chegar à Presidência da República. Receoso dos feitos da crise, foi o articulador da candidatura paulista de Júlio Prestes, em detrimento do mineiro Antônio Carlos, levando à formação da maior dissidência oligárquica até então, com a formação da oposicionista Aliança Liberal. Com a Revolução de 1930, foi deposto, aprisionado e exilado. A revista *O que há...* limitava a denominá-lo de “Sua Excia.”, tendo em vista ser uma personalidade reconhecida no Brasil daquele momento e pelo cargo máximo que exercia na República<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 10 abr. 1930.

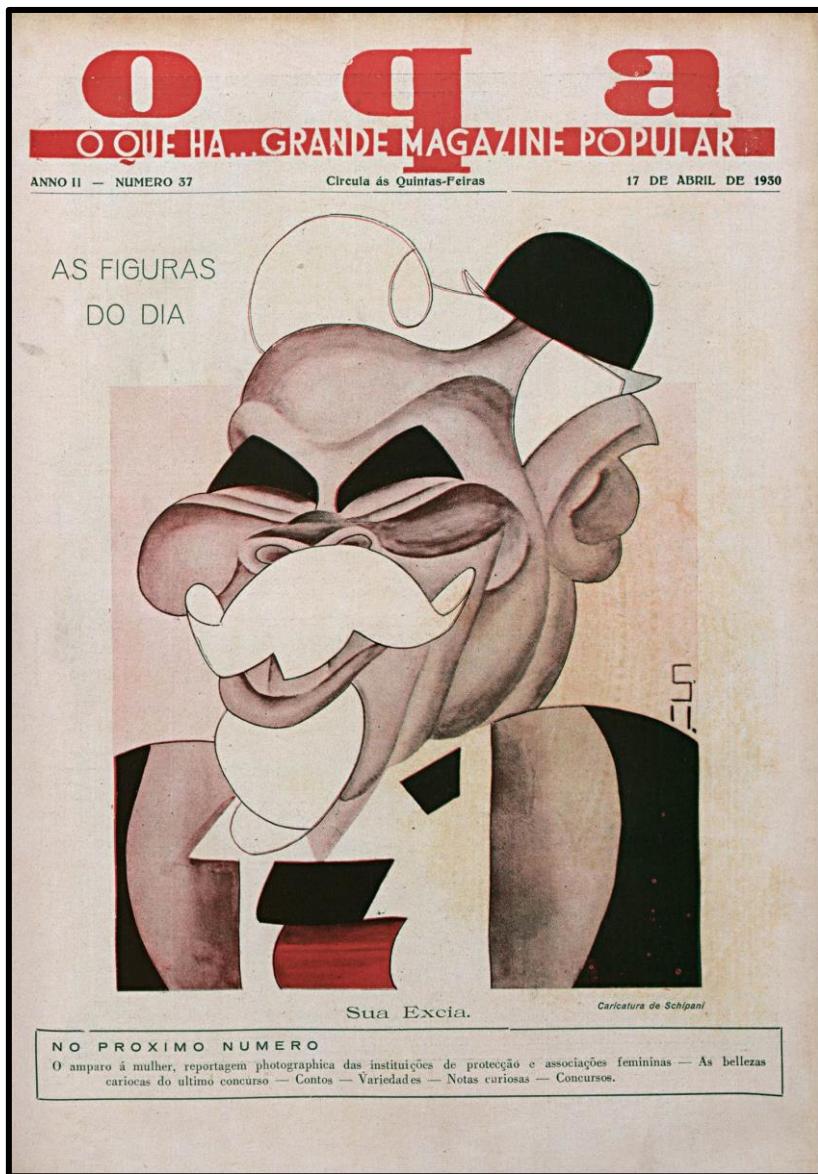
<sup>51</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 17 abr. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



Outra figura enfatizada foi Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, político mineiro que ocupou vários cargos públicos no âmbito estadual, atuando também como deputado federal, ministro da Fazenda, senador, vindo a tornar-se Presidente do Estado de Minas Gerais. Tinha a ambição de chegar à Presidência da República, mas seu nome foi deixado de lado, levando-o a tornar-se um dos principais articuladores da chapa oposicionista da Aliança Liberal e, com a derrota desta, aderiu à Revolução de 1930. Em relação ao seu papel na frente dissidente, foi denominado pelo periódico como “O liberal”<sup>52</sup>. Outro político mineiro também compôs a lista promovida por *O que há...*, Manoel Tomás de Carvalho Brito, advogado por profissão, que partiu para a vida política, sendo deputado estadual e deputado federal, ocupando cargos públicos em Minas e voltando à Câmara Federal. Por ocasião da Aliança Liberal, se opôs a Antônio Carlos, vindo a participar da Concentração Conservadora, que apoiou a candidatura de Júlio Prestes. A partir do movimento de outubro de 1930, foi preso e deportado. Sua ação como oposicionista em relação ao predomínio carlista, levou a folha ilustrada a chama-lo de “campeão de corrida a pé”<sup>53</sup>. Ainda apareceu nas “Figuras do dia”, o paraibano Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa, político com uma longeva vida pública, atuando como constituinte em 1891, ministro da Justiça, ministro do Supremo Tribunal Federal, procurador-geral da República, senador e diplomata, chegando à Presidência da República. Apoiou a Aliança Liberal e a Revolução de 1930. Tendo em vista sua carreira diplomática e política, foi denominado como “juiz em Haia e político no Brasil”<sup>54</sup>.

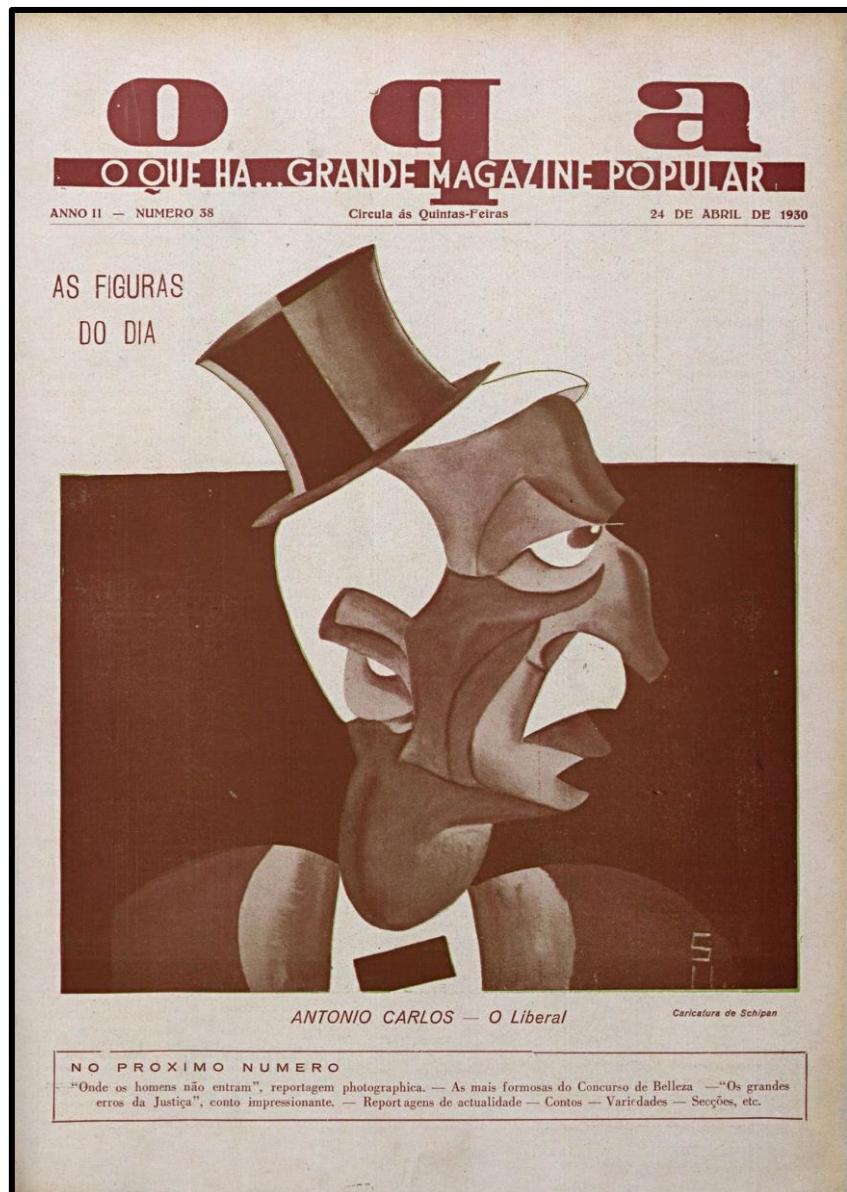
---

<sup>52</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 24 abr. 1930.

<sup>53</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 1º maio 1930.

<sup>54</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 15 maio 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



De Minas Gerais, Olegário Dias Maciel foi igualmente um dos destaques do periódico carioca, o qual iniciou sua carreira ainda no Império, como deputado provincial e, já na República, foi deputado constituinte em seu Estado natal e deputado federal por várias legislaturas e Vice-Presidente mineiro. Foi considerado como um nome de consenso para o governo de Minas, frente às disputas entre os seguidores e opositores de Antônio Carlos. Assumiu a Presidência do Estado e apoiou a Revolução de 1930, o que lhe permitiu permanecer no cargo com a vitória da mesma. Tendo em vista sua eleição para ocupar o governo mineiro, o semanário o chamou de “futuro pastor do rebanho político do Estado de Minas”<sup>55</sup>. Ainda compôs o rol de homens públicos enfatizados pelo magazine, Manoel Pedro Villaboim, advogado e professor baiano de nascimento, mas que realizou sua vida política em São Paulo, iniciando como deputado estadual, para depois tornar-se deputado federal eleitor por diversas vezes. Apoiou a candidatura situacionista de Júlio Prestes, vindo a eleger-se senador, cujo mandato foi interrompido com a Revolução de 1930. Sua atuação no seio do partido dominante em São Paulo, levou a publicação a identificá-lo como “um ‘líder’ na política paulista e um ‘cravo’ para os políticos paulistas”<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 22 maio 1930.

<sup>56</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 26 jun. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





Mais um político mineiro esteve dente as “Figuras”, com a efígie de José Bonifácio de Andrada e Silva, advogado, professor e jornalista que, na vida política, foi vereador e deputado federal. Foi um dos principais articuladores da Aliança Liberal, debatendoativamente na Câmara Federal em nome da frente oposicionista. Teve também atuação significativa na preparação e eclosão da Revolução de 1930, após a qual seguiu a carreira diplomática. Levando em conta seu antepassado e sua participação na dissidência de 1929-1930, foi alcunhado como “líder patriarcal na Câmara dos Deputados da Aliança Liberal”<sup>57</sup>. Ainda fez parte da seção ilustrada o baiano Pedro Francisco Rodrigues do Lago, advogado e jornalista que atuou como deputado estadual, deputado federal por diversas legislaturas e senador, sendo ainda eleito governador da Bahia, em 1930, substituindo o candidato a Vice na chapa legalista, mas sua posse não se efetivou a partir da Revolução de 1930. Levando em conta tal eleição, foi apresentado como “senador Pedro Lago, o futuro ‘administrador’ da Bahia”<sup>58</sup>. O candidato a Vice da Aliança Liberal, o paraibano João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque também figurou no semanário fluminense, tendo atuado como advogado e ocupado cargos públicos, até tornar-se Presidente da Paraíba em 1928 para, logo após, lançar-se na campanha aliancista. Foi assassinado em 1930 e sua morte serviu como um dos estopins para a Revolução de 1930. Foi denominado pelo magazine popular como “o homem da Paraíba do Norte”<sup>59</sup>.

---

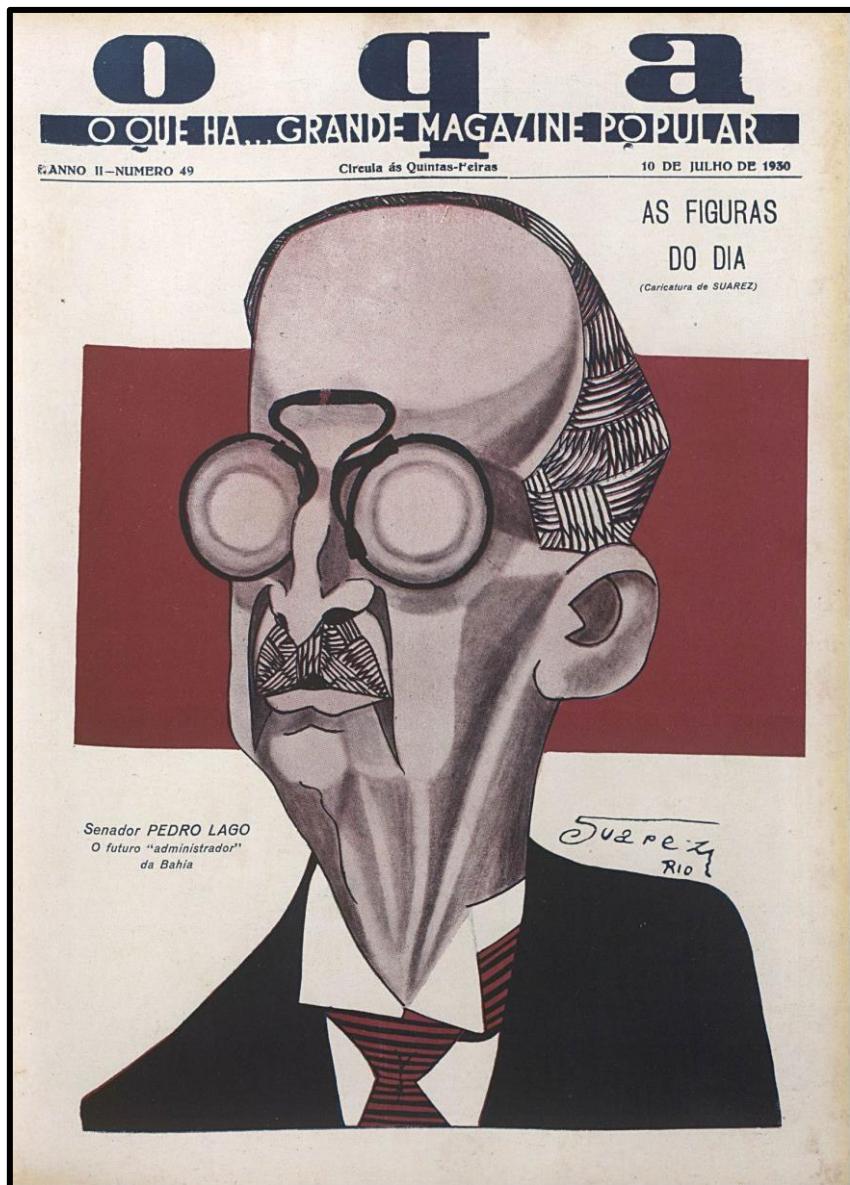
<sup>57</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 3 jul. 1930.

<sup>58</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 10 jul. 1930.

<sup>59</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 17 jul. 1930.



ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





O político paulista Antônio da Silva Prado, chamado de “prefeito cubista”, tendo em vista suas tendências modernizadoras foi mais uma das personalidades exaltadas por *O que há...* Ele teve uma longeva carreira política que iniciou à época imperial, como deputado provincial e geral, senador e ministro da Agricultura e Estrangeiros; já na República, foi intendente e prefeito de São Paulo por mais de uma década. Após largo período afastado da vida pública, teve participação decisiva na fundação do Partido Democrático em São Paulo, agremiação que participaria da Aliança Liberal e da Revolução de 1930, mas sem a presença de tal personagem por ter falecido antes<sup>60</sup>. Médico, literato, professor e parlamentar, o baiano Clementino da Rocha Fraga também esteve dentre os indivíduos enfatizados, quando ocupava o cargo de Diretor do Departamento Nacional de Saúde, com a função essencial de combater a epidemia de febre amarela, e, por isso, denominado de “o terror do ‘stegomia fasciata’”, ou seja, o mosquito que transmitia aquela doença<sup>61</sup>. O baiano Miguel Calmon du Pin e Almeida foi um engenheiro e político, que ocupou o Ministério de Indústria, Viação e Obras Públicas e o da Agricultura, Indústria e Comércio, sobre o qual a revista carioca lançava um olhar carregado de ironia, chamando-o de “o homem do ex”, ou seja, “ex-ministro, ex-presidente do Tiro, ex-descobridor da Clevelândia e ex-candidato à presidência da Bahia”<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 24 jul. 1930.

<sup>61</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 31 jul. 1930.

<sup>62</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 8 ago. 1930.



ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





O engenheiro, professor, jornalista, escritor e político baiano Otávio Mangabeira esteve entre “As figuras do dia”. Atuou como vereador em Salvador, deputado federal e ministro das Relações Exteriores, e, como integrante do governo, apoiou o candidato governista Júlio Prestes. Com a Revolução de 1930 foi destituído de sua função ministerial e partiu para o exílio na Europa. Tendo em vista o cargo que exercia à época, o magazine popular restringiu-se a apontá-lo como “o chanceler”<sup>63</sup>. Outro baiano em destaque foi José Joaquim Seabra, eleito deputado geral, ainda durante o Império, e, com a mudança na forma de governo, foi deputado constituinte em 1891, vindo a ser eleito e reeleito deputado federal. Também atuou como ministro do Interior e Justiça e da Viação, governador da Bahia e senador. Participou da oposicionista e dissidente Reação Republicana, para depois apoiar a Aliança Liberal e a Revolução de 1930. A revista carioca optou apenas por identificá-lo com a grafia de seu nome pela qual era mais conhecido, “Dr. J. J. Seabra”, sem atribuir-lhe outra qualquer denominação, como fez com os outros personagens enfatizados naquela seção caricatural<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 21 ago. 1930.

<sup>64</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 28 ago. 1930.



ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



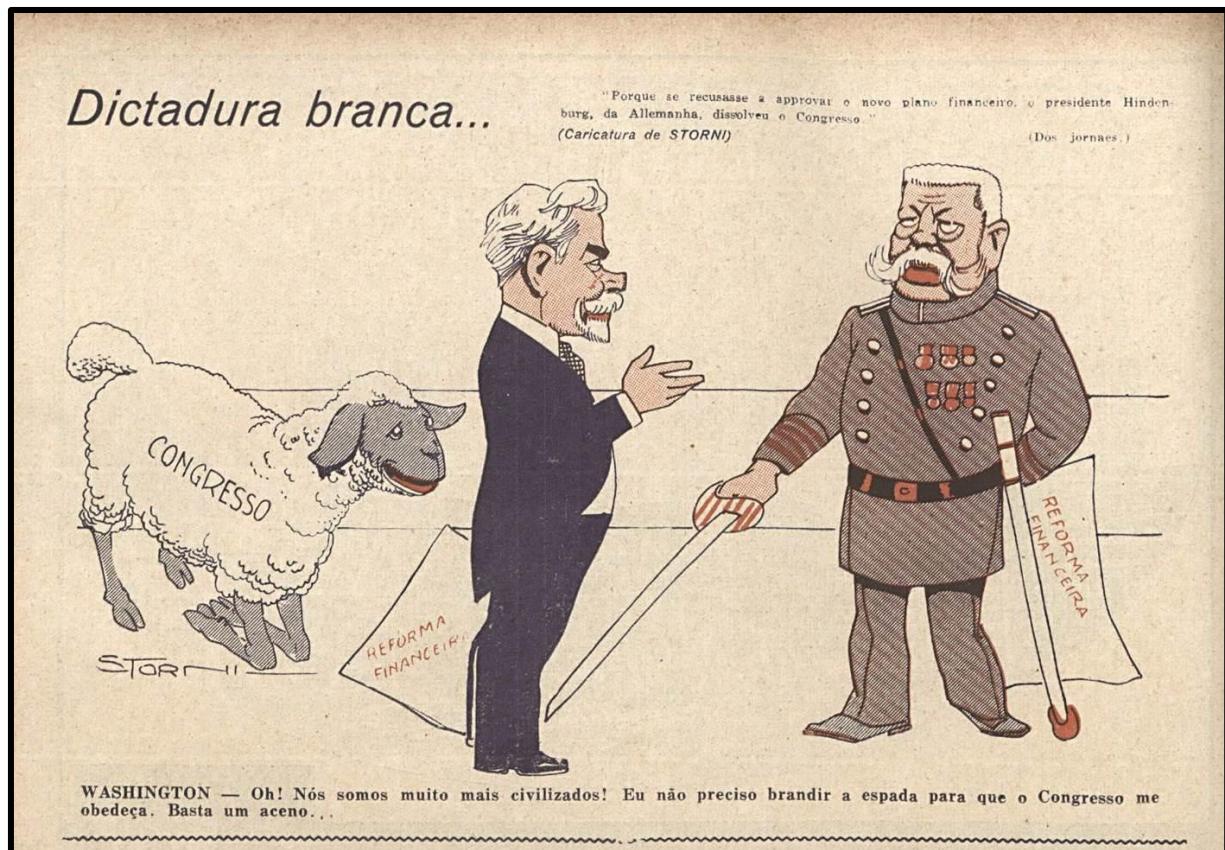
Além da seção “As figuras do dia”, a revista *O que há...* também publicou caricaturas nas quais eram traçados cenários, lançando um olhar crítico sobre as circunstâncias políticas de então. Em “ditadura branca”, o periódico denunciava aquilo que considerava como o predomínio do Executivo sobre o Legislativo, mostrando as figuras presidenciais da Alemanha e do Brasil tratando da aprovação de reformas financeiras, em um quadro pelo qual, enquanto o primeiro teve de dissolver o congresso para realizá-la, ao passo que o segundo dizia tranquilo que seu país seria mais “civilizado”, pois ele não necessitaria “brandir a espada” para obter a obediência do congresso, o qual era representado por um carneiro – em referência ao sentido de docilidade e submissão – que se ajoelhava diante do Presidente<sup>65</sup>. Várias vezes retratado pela caricatura como alguém que mantinha a preeminência de seus interesses financeiros, o ex-Presidente Epitácio Pessoa protagonizava outra ilustração caricatural, na qual ele estaria a cumprir suas funções diplomáticas no continente europeu, mas, confortavelmente, lia as notícias do Brasil utilizando-se da mão esquerda, enquanto que, a direita estendia-se para receber dinheiro. Ele, que apoiou a Aliança Liberal, estaria mais interessado na cidade paraibana de Princesa, que se rebelara contra seu sobrinho João Pessoa, o qual enfrentava dificuldades para debelar o movimento rebelde. Nesse sentido, utilizando-se da alcunha pela qual o político era conhecido, o periódico afirmava: “Tio Pita na

---

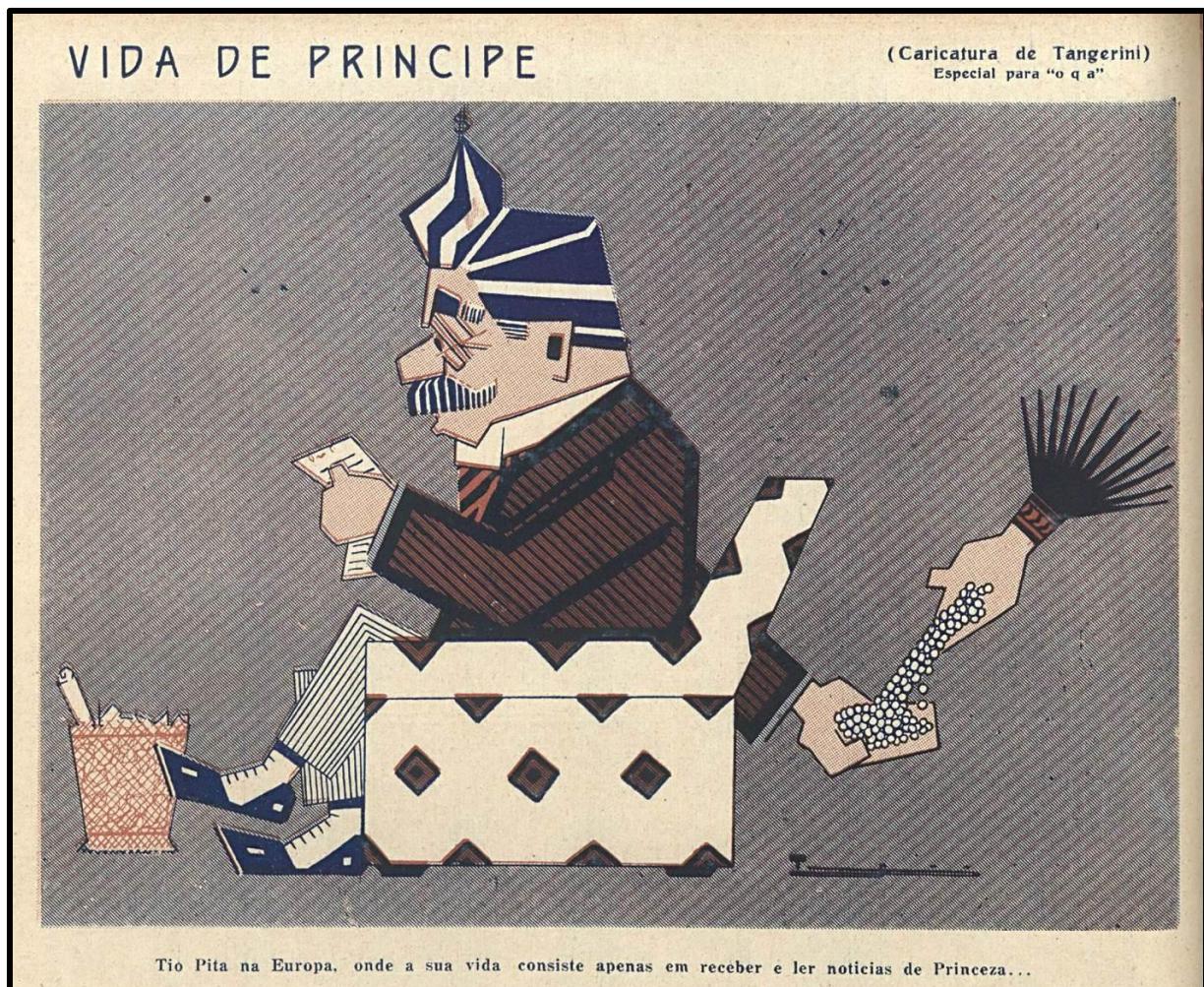
<sup>65</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 31 jul. 1930.

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

Europa, onde a sua vida consiste em receber e ler de notícias de Princesa...”, estando, portanto, a levar uma “vida de príncipe”<sup>66</sup>.



<sup>66</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 8 ago. 1930.



As alterações na Câmara Federal entre o deputado paulista Roberto Moreira e o representante sul-rio-grandense João Neves da Fontoura, a respeito

dos acontecimentos na Paraíba, serviram de tema para outra caricatura estampado no magazine popular, na qual aquele se propunha a enfrentar, dizendo não ter medo, um indivíduo vestido à gaúcha, de faca em punho, designando a bancada sulina, no que era acalmado por um funcionário da casa legislativa, que chamava atenção para o fato de que o mais importante era garantir a remuneração destinada aos parlamentares<sup>67</sup>. A postura considerada como dúbia de Borges de Medeiros também foram retratadas caricaturalmente pela revista, em desenho no qual, frente às possibilidades de deflagração revolucionária, o líder político gaúcho estaria a entregar uma espada ao Presidente da República, em sinal de que colocaria a brigada militar do Estado a serviço do governo federal, vindo a ser desacreditado por um gaúcho que passava, segundo o qual Washington Luís não se deixaria enganar por aquele ato. O jornalista e político que apoiara a Aliança Liberal e então atuava como deputado federal se entusiasmava ao ver o povo na rua “para reivindicar os direitos republicanos”, ao passo que um “velho republicano”, revelava que não se passava de uma “ilusão”, pois, na verdade, aquele público estava se dirigindo para um estádio, assistir uma apresentação futebolística<sup>68</sup>.

---

<sup>67</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 8 ago. 1930.

<sup>68</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 14 ago. 1930.

## Não ha nada

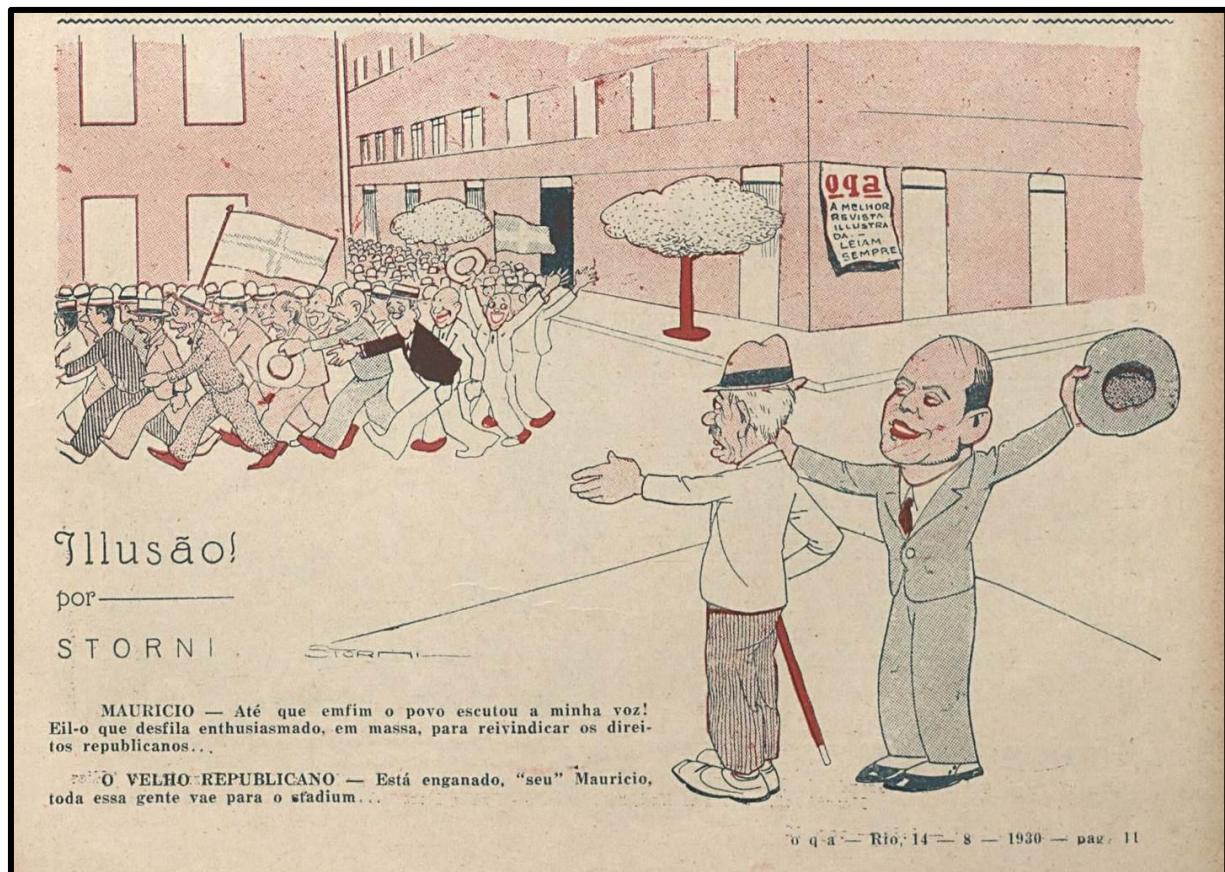
Caricatura de Storni — especial para "o q a"



O "LEADER" ROBERTO MOREIRA — Me deixa! Que eu não tenho medo de gaúcho!  
O CONTINUO — Não se altere, "seu doutô", olhe o subsidio ...

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS





Outra personalidade destacada pela caricatura de *O que há...* foi o governador potiguar Juvenal Lamartine que organizou em seu Estado uma resistência à Aliança Liberal, para a qual estaria organizando as forças, as quais, a partir da abordagem jocosa e satírica, seriam formadas por representantes do sexo feminino. Voltando à esfera federal, o semanário mostrava Washington

Luís pilotando a nau do Estado, a qual se encontrava em péssimas condições de conservação, trazendo uma carga de café, a base da economia brasileira, a âncora da esperança, uma bandeira e um bote salva-vidas que clamavam por socorro e salvação, além de um casco tomado de buracos, identificados com os “emprestimos”, enquanto uma enorme pedra relacionada com a busca da estabilidade econômica ameaçava o naufrágio e, finalmente, a boia levava a data alusiva à República. Nesse quadro, “o velho comandante” passava o serviço para o novo capitão, o Presidente eleito Júlio Prestes, dizendo que já encontrara “o barco estragado”, tendo feito o que podia, ficando o resto para o outro<sup>69</sup>. O senador fluminense Feliciano Pires de Abreu Sodré Júnior, que se opôs à Revolução de 1930, foi destacado por apresentar um projeto que previa premiar o civismo nacional, levando em uma das mãos uma medalha e na outra um indivíduo que representava o povo, em cena na qual era interrogado chistosamente pelo repórter do magazine popular se tal premiação caberia também aos políticos. Tendo em vista o ambiente de instabilidade no país, o hebdomadário trazia o chanceler Otávio Mangabeira que apresentava a posição do Brasil em prol da pacificação universal, sem deixar de especificar que o país garantiria a paz “por fora”, pois, “por dentro”, seria necessário “um tratado de paz e amor”<sup>70</sup>.

---

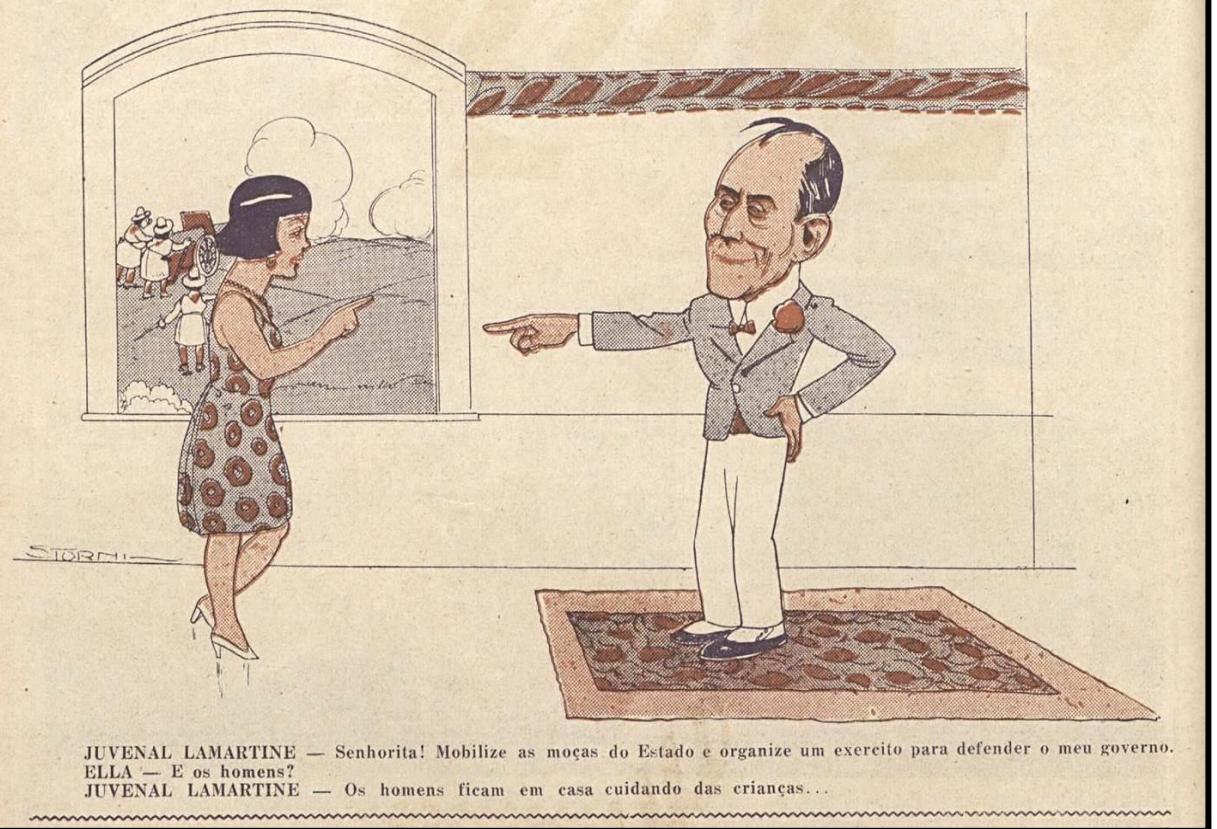
<sup>69</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 21 ago. 1930.

<sup>70</sup> O QUE HÁ... Rio de Janeiro, 28 ago. 1930.

No Rio Grande do Norte

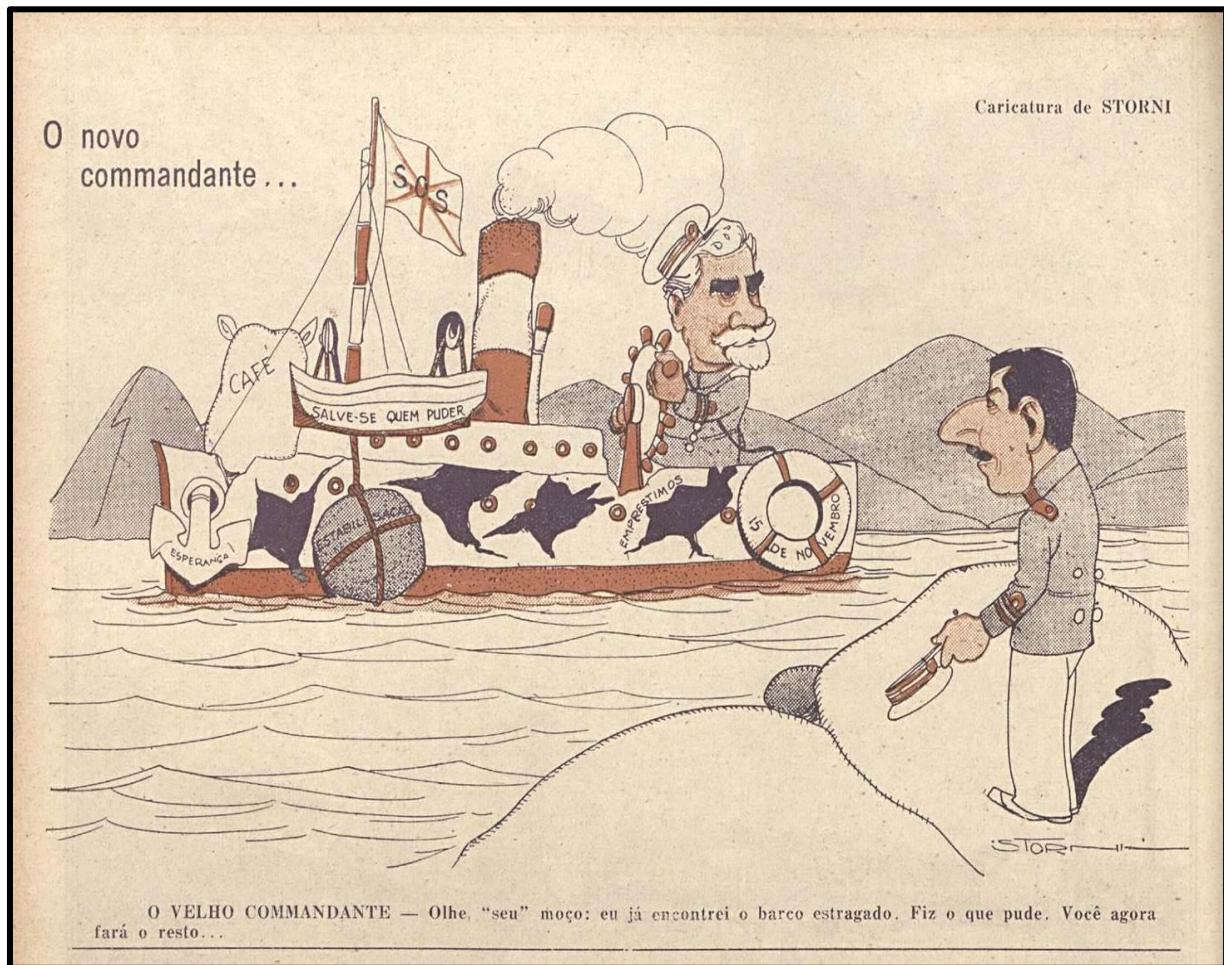
Caricatura de STORNI

(Consta que houve um levante de cangaceiros contra o dr. Juvenal Lamartine, o conhecido governor feminista.  
(DOS JORNAES.)



JUVENAL LAMARTINE — Senhorita! Mobilize as moças do Estado e organize um exercito para defender o meu governo.  
ELLA — E os homens?  
JUVENAL LAMARTINE — Os homens ficam em casa cuidando das crianças...

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS

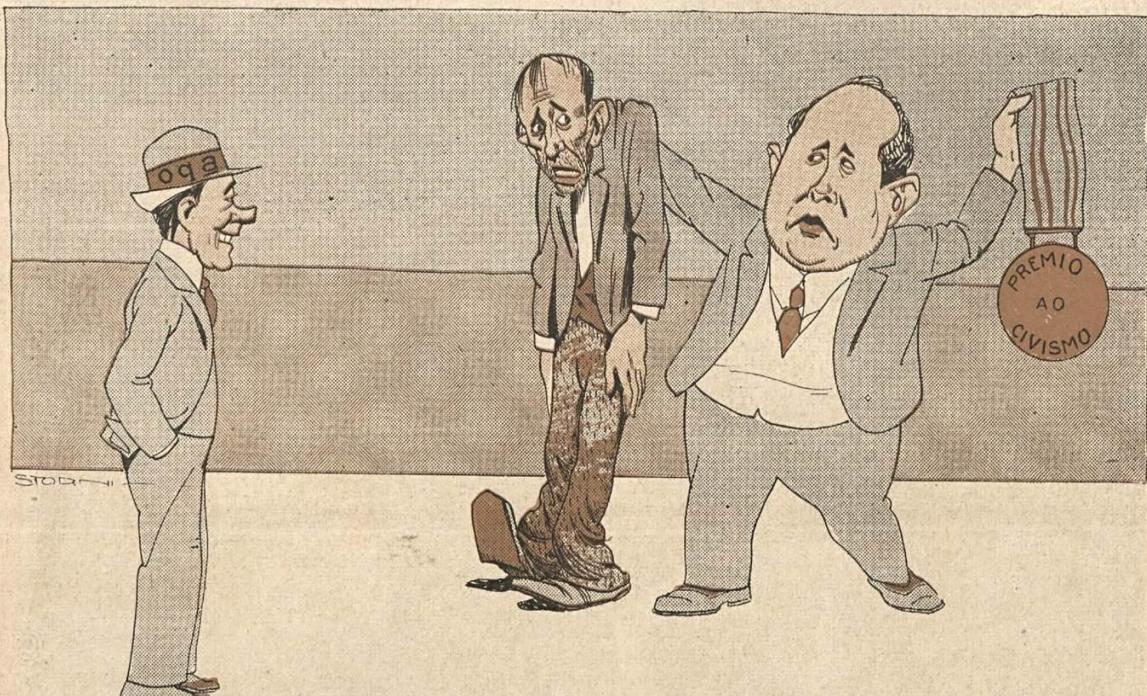


## A Justiça começa por casa

(O senador Feliciano Sodré apresentou um projecto  
constituindo um premio para incentivar o civismo nacional)

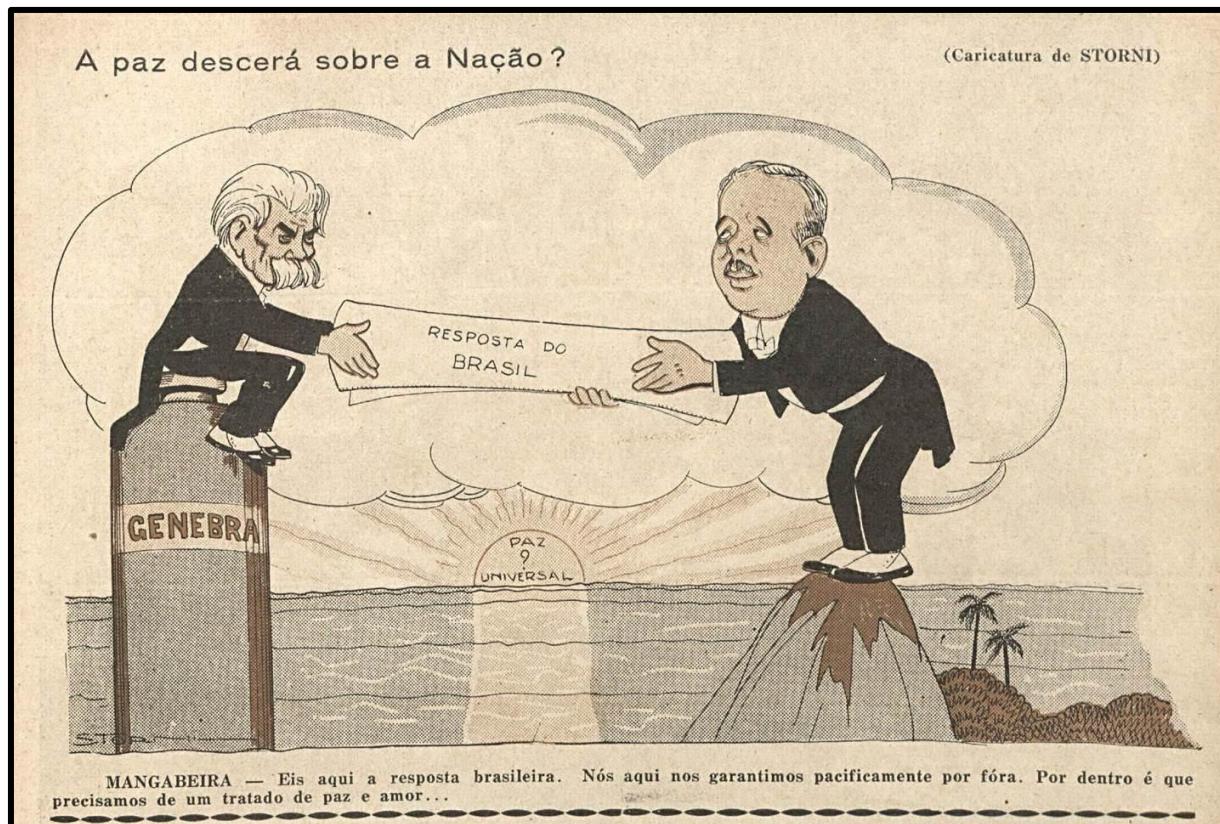
(Caricatura de STORNI)

(Dos jornais.)



"o q a" — A idéa é bôa para o povo, mas é mais applicavel aos politicos...

ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO DE 1930 NA ARTE CARICATURAL DE DUAS REVISTAS  
ILUSTRADAS CARIOCAS



Assim, *O que há...* grande magazine popular teve o seu período de circulação coincidente com a agitação que ocorria no Brasil a partir da mais significativa dissidência oligárquica, com o surgimento da campanha oposicionista da Aliança Liberal, com a derrota da mesma e com o acirramento dos ânimos políticos e o progressivo avanço do espírito revolucionário. A

publicação carioca não chegou a demonstrar maior engajamento frente às tendências que se digladiavam, opondo-se aliancistas contra governistas. Nesse sentido, na seção “As figuras do dia” apresentou tanto personalidades situacionistas quanto aliancistas, mantendo em geral o tom jocoso ao tratar dos personagens; ao passo que, nas demais caricaturas manteve a predominância do olhar crítico. Ainda que não tenha atingido a repercussão de outras revistas brasileiras, *O que há...* não deixou de ter relevância ao retratar sob o prisma satírico-humorístico o intricado momento político vivido no Brasil daquele final da década de 1920.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



[edicoesbibliotecariograndense.com](http://edicoesbibliotecariograndense.com)

